



MESTRADO
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

A Construção da Identidade em Jovens Surdos com Implante Coclear

Ana Isabel Nunes Pinto

M

2019



“A Contrução da Identidade em Jovens Surdos com Implante Coclear”

Ana Isabel Nunes Pinto

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, no domínio de Educação e Surdez, Bilinguismo e Língua Gestual, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Orquídea Coelho e coorientação da Professora Doutora Eunice Macedo.

Porto, 2019.

Resumo

O objetivo principal deste trabalho centra-se na compreensão do processo de construção identitária em jovens surdos com implante coclear. Desta forma partimos do conceito de identidade apresentado por Dubar que defende que a identidade se constrói através de processos de socialização, isto é, processos de interação com o outro e processos biográficos. Assim, tendo como base diferentes autores, foi possível trabalhar o conceito de identidade surda, assim como diferentes aspetos que influenciam essa identidade, nomeadamente a história, a educação dos surdos e os marcadores culturais.

Deste modo, sustentando-nos na perspetiva socioantropológica da surdez, realizamos um estudo qualitativo, recorrendo a uma discussão focalizada em grupo e três entrevistas semi-estruturadas complementares.

Participaram deste projeto seis jovens surdos universitários, três sem implante coclear e três possuidores deste dispositivo. Procuramos no decorrer da discussão focalizada em grupo obter dados que nos permitissem, através das vozes dos intervenientes, construir um entendimento de identidade, compreendendo assim como esta se processa em surdos com implante coclear. Assim, através das narrativas surdas, percebemos essencialmente a importância dos marcadores culturais, da língua gestual portuguesa e da influência do outro na conceção de quem somos.

Desta forma, estando nós na era da tecnologia, este trabalho procura levantar questões importantes sobre os implantes cocleares e a influência dos mesmos na vida da comunidade surda. No entanto, muitas das questões e problemáticas levantadas não apresentam ainda uma solução ou resposta. Deste modo propõe-se que a reflexão acerca desta temática prossiga em trabalhos futuros, podendo contribuir para a construção do conhecimento no âmbito das Ciências da Educação.

Palavras-chave – Surdez; Identidade; Identidade Surda; Implante Coclear

Abstract

The main purpose of this paper is to understand the process of identity construction in deaf young people with cochlear implants. Thus, we start from the concept of identity presented by Dubar that argues that identity is built through processes of socialization, that is, processes of interaction with each other and biographical processes. So, based on different authors, it was possible to work on the concept of deaf identity, as well as different aspects that influence this identity, namely history, deaf education and cultural markers.

Therefore, based on the socio-anthropological perspective of deafness, we conducted a qualitative study using a focused group discussion and three complementary semi-structured interviews.

Six young deaf college students participated in this project, three without cochlear implants and three with this device. During the focused group discussion, we sought to obtain data that would allow us, through the voices of the interveners, to build an understanding of identity, thus understanding how it is processed in deaf people with cochlear implants. So, through the deaf narratives, we realize essentially the importance of cultural markers, Portuguese sign language and the influence of the other in the conception of who we are.

Thereby, being in the age of technology, this paper seeks to raise important questions about cochlear implants and their influence on the life of the deaf community. However, many of the questions and problems raised do not yet have a solution or answer. That is why it is proposed that the reflection on this theme continues in future works and may contribute to the construction of knowledge in the field of Educational Sciences.

Keywords - Deafness; Identity; Deaf Identity; Cochlear implant

Resumé

Le objectif principal de cette dissertation est central dans la compréhension du procès de construction identitaire de les jeunes sourds avec implant cochléaire. De cette façon, on pars du concept d'identité présenté par Dubar, qui défend l'identité construit par des procès de socialisation, interaction et biographiques. Pourtant, avec l'information obtenue de plusieurs auteurs, on peut travailler le concept de identité sourde et les différents aspects que la influencent, comme l'histoire, la éducation de sourds et la culture sourde.

On a travaillé sur la perspective socioanthropologique de la surdité, réalisent un étude qualitatif modelé par "focus group" et trois entrevues complémentaires.

Six jeunes sourds universitaires on participé de ce projet: trois avec implant cochléaire et trois sans ce dispositif. On a cherché dans la conversation de "focus group" de la data qui nous permises, grâce à voix des entrevues, construit un peu de compréhension de l'identité des sourds avec implant cochléaire. C'est comme ça que on a aussi compris que les marqueurs culturels, la langue de signes portugaise et l'influence de l'autre sont clés dans la création de moi-même.

On est dans le ère de la technologie et ce travail veux poser de questions sur l'implantation cochléaire et sa influence sur la vie des sourds. Toutefois, la plupart des questions et problématiques posées ne ont pas une solution ou réponse. C'est pour ça qu'on propose que on continue la réflexion sur cette thématique avec des travaux futures et que ça peut être une contribution à la connaissance des Sciences de la Éducation.

Mots-clés: surdité, identité, identité sourde, implant cochléaire

Agradecimentos

Desde o início desta viagem que tenho ponderado imenso na elaboração deste texto, talvez por saber que era impossível escrevê-lo sem o apoio de um número significativo de pessoas que sempre acreditaram em mim, no meu valor e nas minhas capacidades, mesmo quando eu mesma não fui capaz de o fazer. Percorri um longo caminho desde a criança e adolescente a quem os professores diziam para se ficar por um curso profissional, que nunca seria bem sucedida no ensino secundário regular e muito menos alcançaria o ensino superior, até à mulher que agora apresenta, modestamente, o trabalho que se segue. Trilhar esse caminho seria impossível sem aqueles que com ele se cruzaram e dele escolheram fazer parte.

Primeiramente agradeço à professora Doutora Orquídea Coelho pela orientação deste trabalho e por nos brindar, sempre, com o seu imenso conhecimento sobre a temática da surdez. Agradeço também à professora Doutora Eunice Macedo, pela sua co-orientação atenta, pela sua imensa competência na área metodológica e pela sua visão sempre inovadora. Os ensinamentos que me proporcionaram foram imprescindíveis para a construção e sustentação deste meu projeto.

Agradeço também à minha colega de profissão, amiga e companheira desta e outras viagens, Ana Catarina Oliveira, pela amizade, pelo carinho, pelo companheirismo, por acreditar em mim, sempre, e por me ter impulsionado a, junto com ela, embarcar nesta aventura. Obrigada pelos 1001 papeis que desempenhou ao longo da construção deste trabalho, desde as suas sempre pertinentes ideias e opiniões, passando pela sua revisão atenta de texto, colmatando com a sua interpretação para língua gestual portuguesa de várias fases deste projeto. Não poderia ter escolhido melhor profissional e, principalmente, melhor pessoa para me acompanhar nesta caminhada.

Um também enorme obrigado a todos os meus colegas de mestrado. A experiência e vivência de cada um possibilitou-me desenvolver importantes aprendizagens para a elaboração desta dissertação e, essencialmente, para o meu crescimento pessoal e profissional. Agradeço em especial destaque à Carolina Morgado, à Cláudia Alves, ao Luís Muengua e ao Bruno Mendes pela amizade, pela partilha e pelo companheirismo.

Sou igualmente grata às minhas colegas de profissão, Sofia Brizida e Joana Correia, pela interpretação para língua gestual portuguesa de algumas das entrevistas desenvolvidas. O profissionalismo com que o fizeram revela as excelentes profissionais que são e a prontidão com que aceitaram fazê-lo expressa o carinho e a amizade que me dedicam.

Agradeço também a todos os jovens surdos universitários que participaram deste projeto pela entrega com que o fizeram. Sem as vivências e experiências que conosco partilharam seria impossível levar este trabalho avante.

Um enorme obrigado aos meus pais, Moisés Pinto e Paula Nunes por me terem ensinado a voar e nunca me terem cortado as asas, por me terem fornecido todas as ferramentas necessárias para correr atrás dos meus sonhos. Sei o quanto algumas dessas ferramentas foram difíceis de providenciar, sei que muitas vezes tiraram deles para me dar a mim e sei, com toda a certeza, que o voltariam a fazer se necessário. Agradeço por este amor incondicional com que sempre pude contar ao longo da minha vida.

Estou igualmente grata aos meus irmãos, Vera Pinto, por ser a minha mais fiel companheira, a minha advogada de defesa, por sermos nós contra o mundo, sempre; ao Rui Nunes, o irmão que nasceu dos meus tios, por ser o meu companheiro de todas as horas, desde que eramos duas crianças a brincar às “cozinhas” com bacias e colheres de pau; ao Vasco Pinto, o meu maior desejo, o meu irmão, mais ou menos meu filho, como ele próprio diz, pela coragem de viver num mundo que não foi, de todo, concebido para ele. São o meu amor maior e, por muito que escreva, o orgulho e admiração que lhes nutro não caberia num milhão de páginas.

Um também obrigado à Inês Reis, minha amiga/irmã honorária/prima/cunhada por ter aturado todas as minhas fases parvas de adolescente e, mesmo assim, querer continuar a fazer parte da minha vida, por ser o outro mau feitio da família e por, essencialmente, ter construído comigo esta relação que não sei categorizar, mas que há muito que deixou de ser necessário máscaras ou fingimentos.

Agradeço também à minha tia, Anabela Afonso, porque “a cara é da mãe mas o feitio é da tia”. Um enorme obrigado pelo pilar e porto seguro que sempre representou na minha vida.

Obrigada também aos meus avós, Manuel Pinto e Esperança Alzira, por me impulsionarem a continuar a estudar e a buscar sempre mais e melhor; à minha avó, Beatriz Barroso, a quem a vida não deu muitas oportunidades, mas que trabalhou sempre arduamente, construiu a casa onde vivemos com as suas mãos e me ensinou muito do que sei sobre o conceito de família; ao meu avô, João Nunes, que se orgulhava em dizer que havia sido o melhor aluno da sua turma e com quem aprendi o valor da educação. Espero que, onde quer que ele esteja, sinta orgulho da menina que levava pela mão ao café do outro lado da rua para comprar *sugos*.

Um obrigado do tamanho do mundo às minhas melhores amigas, Sara Ramos, Sofia Santos e Sara Guedes, pelo amor e aceitação que nelas encontrei. Obrigada pela luz que trouxeram à minha vida e pela cor com que coloriram os meus dias. Obrigada pelo apoio, pelas chamadas de atenção, pelos risos partilhados e pelas dores que curaram com o seu abraço. Há uma “Ana” antes e uma “Ana” depois delas e, um obrigado, mesmo que do tamanho do mundo, nunca será suficiente. Aproveito também para agradecer à família que, nas suas famílias, encontrei: À tia Ana, ao Tio Zé, ao primo Pedro, à Tia Amália e ao Tio Nelo, um obrigado por me acolherem como parte integrante da família, por me fazerem sentir em casa nas suas casas, pelas refeições recheadas de histórias, risos e ensinamentos que comigo partilharam. Com eles aprendo todos os dias que não é o sangue que faz a família.

Agradeço também às minhas amigas, Ana Luísa Sousa e Cláudia Marciano porque, mesmo que a vida não permita estarmos juntas tanto quanto queríamos, o apoio, amizade e carinho foi sempre transmitido e sou muito grata por termos construído uma relação onde o apoio mútuo prevalece sempre.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao Miguel Sousa por tantas coisas que não vou tentar nomear. Porque aconteça o que acontecer, leve a vida o rumo que levar, será sempre o grande amor da minha vida.

Lista de Abreviaturas

EREBAS – Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos

DFG – Discussão Focalizada em Grupo

EI – Entrevista Individual

Índice de Quadros

Quadro 1 - Características dos/as jovens surdos/as participantes da discussão focalizada em grupo.....	34
---	----

Índice

Introdução	10
Capítulo I – Questões Identitárias: A Identidade Surda e as Problemáticas do Implante Coclear	13
<i>Introdução.....</i>	<i>13</i>
1.1. <i>Identidade(s).....</i>	<i>14</i>
1.2. <i>Identidade Surda.....</i>	<i>15</i>
1.3. <i>O Implante Coclear – A influência na construção da identidade</i>	<i>17</i>
Capítulo II – Educação dos Surdos: A Língua Gestual Portuguesa como Condição Primordial na Educação e Construção Integral do Sujeito Surdo.	19
<i>Introdução.....</i>	<i>19</i>
2.1. <i>História dos surdos: uma viagem pela educação</i>	<i>20</i>
2.2. <i>Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos: A importância da Língua Gestual Portuguesa.....</i>	<i>22</i>
2.3. <i>Violência Simbólica</i>	<i>25</i>
Capítulo III – Enquadramento Metodológico: Travessia pelas Experiências e Vivências Surdas.....	27
<i>Introdução.....</i>	<i>27</i>
3.1. <i>Discussão Focalizada em Grupo</i>	<i>27</i>
3.2. <i>Fases de Realização da Discussão Focalizada em Grupo: uma reflexão sobre os princípios e os processos.....</i>	<i>30</i>

3.2.1.	<i>Entre o planeamento e os desafios da implementação</i>	31
3.2.2.1.	<i>A Discussão Focalizada em Grupo com pessoas surdas: dificuldades acrescentadas e tentativas de resolução</i>	33
3.2.3.	<i>Preparação – Da elaboração à realização</i>	36
3.2.4.	<i>Moderação - Princípios, procedimentos e desafios de execução</i>	37
3.2.5.	<i>Análise dos Dados – Fases, processos e os dilemas na sua realização</i> ...	39
3.2.6.	<i>Divulgação dos Resultados</i>	40
3.3.	<i>Entrevistas Individuais</i>	41
3.3.2.	<i>Entrevistas Semi-Estruturadas</i>	42
Capítulo IV – Análise de Conteúdo e Discussão de Resultados		45
	<i>Introdução</i>	45
4.1.	<i>Categoria 1 – O implante coclear</i>	46
4.2.	<i>Categoria 2 – A construção da identidade</i>	52
4.3.	<i>Categoria 3 – Violência Simbólica</i>	61
4.4.	<i>Categoria 4 – Trajetória pessoal</i>	66
Considerações Finais		71
Referências Bibliográficas		74
Referências Legislativas		79
Apêndices		80
	<i>Apêndice 1 – Questionário Sociodemográfico</i>	81
	<i>Apêndice 2 – Guião da Entrevista</i>	82
	<i>Apêndice 3 – Transcrição da Discussão Focalizada em Grupo</i>	85
	<i>Apêndice 4 – Transcrição da Entrevista N.º 1</i>	116
	<i>Apêndice 5 – Transcrição da Entrevista N.º 2</i>	123
	<i>Apêndice 6 – Transcrição da Entrevista N.º 3</i>	128
	<i>Apêndice 7 – Análise de Conteúdo: Categorias</i>	137

Introdução

No decorrer da história, a forma como se compreende a Surdez tem sido diversificada. Na atualidade, esta temática é demarcada por duas perspectivas distintas: a perspectiva socio-antropológica, e a perspectiva clinico-terapêutica. Ambas acomodam posições opostas no que respeita à construção identitária do indivíduo surdo. Se por um lado podemos compreender uma identidade marcada pelo conceito de deficiente, uma vez que o surdo é encarado à luz de um déficit que deve ter tratado ou remediado, por outro entende-se uma identidade bilingue e bicultural de um sujeito pertencente a uma comunidade linguística e cultural minoritária, a comunidade surda. Estes dois modelos marcam a diferença entre o ser deficiente e o ser Surdo.

Atualmente a perspectiva clinico-terapêutica tem vindo a difundir as suas premissas através da implementação do implante coclear¹. Assim sendo, e tendo como base a ideia apresentada no parágrafo anterior, este estudo nasce da necessidade de compreender como se processa a construção de identidade em jovens Surdos utilizadores deste dispositivo eletrónico. Esta crescente necessidade em compreender esta realidade surgiu face à experiência profissional enquanto intérprete de língua gestual portuguesa. O privilégio de trabalhar com alunos surdos com implante coclear levou a constatar que esses alunos, muitas vezes, não possuíam ganhos auditivos suficientes para ouvir e/ou compreender o que era transmitido em contexto sala de aula, ou que os permitisse desenvolver uma oralidade fluida e inteligível. Por sua vez, o fraco domínio da língua gestual portuguesa levava-os a sentir dificuldade em comunicar utilizando essa língua e a compreender discursos através da mesma. Essas vivências conduziram a uma inquietação sobre como se construía a identidade destes jovens que pareciam estar no “limbo” entre o ser surdo e o ser ouvinte, não parecendo existir qualquer sentimento de pertença a nenhuma das partes. Assim, tornou-se essencial, enquanto profissional intérprete de língua gestual portuguesa e enquanto investigadora, compreender os conceitos de identidade e identidade surda de modo a ser possível dialogar sob a complexidade dos mesmos e perceber como essa complexidade influencia a construção de quem somos. O projeto tem assim dois grandes objetivos, sendo eles estudar e compreender o processo de construção identitária em jovens

¹ Segundo Roeser e Bauer (2004), o implante coclear é um dispositivo eletrónico que tem o objetivo de substituir parcialmente a função da cóclea. Assim, transforma sons e ruídos do meio ambiente em energia elétrica que irá atuar sobre as aferências do nervo coclear, desencadeando uma sensação auditiva no indivíduo.

surdos com implante coclear e contribuir para a compreensão do processo de construção identitária em jovens surdos com implante coclear.

Desta forma, este trabalho irá ser dividido em quatro grandes capítulos. O primeiro capítulo irá dominar-se “Questões Identitárias: A Identidade Surda e as problemáticas do Implante Coclear” e, como o próprio nome indica, irá abordar numa primeira fase, a questão da identidade de uma forma geral, acabando por restringir o conceito à temática da surdez e para os implantes cocleares, questão essencial para este projeto.

A complexidade do conceito identidade deve-se ao facto deste não ser palpável e de existir uma multiplicidade de significados a ele associados. Assim, pretendemos ter como base a premissa defendida por Dubar, que explica que a identidade se constrói através de processos de socialização, sendo estes de interação com o outro e biográficos. Esta perspetiva levará ao entendimento de que a construção de identidade não pode ser entendida como um processo isolado, uma vez que obriga à interação com o mundo. Foi a partir desta ideia que se compreendeu que abordar o implante coclear e a sua possível influência na construção da identidade do indivíduo surdo não era suficiente, uma vez que este dispositivo não poderia ditar, por si só, toda a identidade da pessoa surda com implante coclear. Surge assim a necessidade de abordar outros temas que pudessem funcionar como referências na conceção de quem somos. Por este motivo, o segundo capítulo, “Educação dos Surdos: A Língua Gestual Portuguesa como Condição Primordial na Educação e Construção Integral do Sujeito Surdo”, reunirá alguns pontos que se mostraram essenciais no que respeita a questões identitárias. Assim, mantendo sempre em mente a importância da interação com o mundo na construção da identidade, abordaremos neste segundo capítulo, de uma forma geral, a história dos surdos, destacando a importância das Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos em Portugal para a desenvolvimento da língua gestual portuguesa e a construção de uma identidade positiva. Nesta viagem pela história, iremos mencionar alguns marcadores culturais presentes na comunidade surda. Um dos marcadores culturais destacados será a discriminação nas suas variadas formas. A história dos surdos, no mundo e em Portugal, foi e é marcada pela discriminação e exclusão. Logo, mostra-se importante debatermos o conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu, uma vez que esta forma de violência relacionar-se com a temática da surdez.

No terceiro capítulo, “Enquadramento Metodológico: Travessia pelas Experiências e Vivências Surdas”, vamos abordar a metodologia utilizada, discussão

focalizada em grupo, onde pretendemos explicar as diferentes fases da sua realização, desde o planeamento, passando pela preparação, moderação, análise e terminando na divulgação dos resultados. Em conjunto com a explicação de cada fase, iremos explicitar as dificuldades sentidas e os meios por nós adotados para ultrapassar essas mesmas dificuldades, acabando assim por desenvolver este capítulo de forma analítica. Ainda nesta fase, mencionaremos e explicaremos em que consistem as entrevistas individuais e as entrevistas semi-estruturadas. Isto porque as entrevistas semi-estruturadas foram utilizadas como método complementar na recolha de conteúdo. A escolha desta metodologia mista deveu-se a considerarmos que a mesma poderia promover um contributo inovador uma vez que prevalece a “voz” do Surdo no lugar da “voz” da investigadora. Deste modo, a análise de conteúdo centrou-se nas vivências e experiências partilhadas pelos seis jovens surdos que participaram neste projeto.

Desta forma, o quarto e último capítulo, “Análise de Conteúdo” centrar-se-á a análise dos dados obtidos através da discussão focalizada em grupo e das entrevistas semi-estruturadas complementares. Essa análise irá subdividir-se em quatro grandes categorias onde, cada uma delas, integrará variados temas que emergiram no decorrer do debate. Assim, a análise é feita utilizando falas e discursos dos participantes que surgem para comprovar as diferentes ideias consideradas e exploradas.

Capítulo I – Questões Identitárias: A Identidade Surda e as Problemáticas do Implante Coclear

Introdução

As questões da Surdez têm sido trabalhadas à luz de duas perspectivas: a perspectiva clínico-terapêutica e a perspectiva socio-antropológica. Coelho, Amorim e Mendes (2012) explicam, na sua obra, a perspectiva médico-terapêutica da surdez.

No modelo médico-terapêutico, o surdo é visto como o portador de uma patologia localizada, uma deficiência que necessita de ser tratada, remediada e reabilitada, como um erro da natureza que importa corrigir pela restituição da capacidade da audição, por referência as pessoas normo-ouvintes. (p. 128)

Em contraposição, no modelo socio-antropológico, segundo Skliar (1997), a pessoa surda é encarada como sendo pertencente de uma minoria linguística e comunitária. Deste modo, “aborda-se a surdez do ponto de vista social, cultural e antropológico e aprofundam-se conceitos como identidade bilingue e bicultural” (Coelho, Amorim e Mendes, 2012: 133)

Estes dois modelos correspondem a posições opostas no que respeita à construção identitária do indivíduo surdo. Se por um lado podemos compreender uma identidade marcada pelo conceito de *deficiente*, por outro entende-se, como abordado anteriormente, uma identidade bilingue e bicultural de um sujeito que pertence a uma comunidade linguística e cultural minoritária. Estes dois modelos marcam a diferença entre o *ser deficiente* e o *ser Surdo*.

No que concerne às duas perspectivas apresentadas anteriormente, torna-se importante refletir sobre como se processa a construção identitária dos surdos. No entanto, não podemos debater este tema sem antes compreender o que é a identidade. Deste modo, na continuidade deste capítulo, abordaremos os conceitos de identidade e identidade surda. Sendo que o conceito de identidade não pode ser entendido de modo isolado, trataremos também algumas temáticas que consideramos influenciarem a construção identitária de um indivíduo surdo. Desta forma desenvolveremos a questão do implante coclear e a sua influência na construção da identidade e falaremos de um modo geral na história da educação dos surdos, destacando as escolas de referência para

a educação bilíngue de alunos surdos (EREBAS), por se considerar um espaço essencial na construção e formação do indivíduo surdo.

1.1. Identidade(s)

O que Phillip Gleason (1983) observou há já quase 40 anos permanece verdadeiro nos dias de hoje: o significado de “identidade” como o usamos atualmente não é bem explicado pelas definições encontradas no dicionário. A nossa ideia atual de “identidade” refere-se a uma construção social razoavelmente recente e bastante complexa. Mesmo que de uma forma geral todos saibam utilizar a palavra de forma adequada num discurso do quotidiano, é bastante difícil resumir de forma curta e pertinente este conceito de modo a captar o alcance e a multiplicidade dos seus significados atuais (Fearon, 1999).

Assim sendo, a noção de identidade apresenta-se sob diversas formas, comporta diferentes objetos e domínios e abarca sentidos distintos. Contudo, para simplificar, estas diferentes aceções podem ser repartidas em duas grandes correntes: essencialista e nominalista (Dubar, 2006). Assim, a primeira corrente, a corrente essencialista, apoia a sua premissa nas «essências», defendendo que existe uma essência única, original e imutável que cada ser humano herda à nascença. A segunda corrente, a corrente nominalista, nasce por oposição à primeira e defende a identidade como diferenciação e generalização. Deste modo procura, por um lado, definir a singularidade de alguém em relação ao outro e, por outro, identificar a pertença comum, isto é, definir a característica comum de um grupo de elementos diferentes entre si (*idem*).

Já em 1997, Dubar defendeu que a identidade se constrói através do processo de socialização. Assim, a construção da identidade irá depender da junção de variadas interações com o outro, interações essas que deverão ocorrer a partir de dois processos distintos: os processos relacionais, onde o sujeito é compreendido pelo outro e, deste modo, reconhecido nessa forma de compreensão; e os processos biográficos, que tomam em consideração aspetos de carácter individual, nomeadamente a história, vivência, experiência, vocações e objetivos pessoais de cada um (*idem*). Estes dois processos permitem-nos perceber que a sua identidade, isto é, a identidade que cada um reconhece em si mesmo, e a identidade para o outro, ou seja, a identidade que é pelo outro reconhecida, são inseparáveis uma vez que “a identidade para si é correlativa do outro e

do seu reconhecimento: eu só sei quem eu sou através do olhar do outro” (Dubar, 1997: 104). É esta dualidade que torna a percepção de identidade tão complexa, uma vez que o nosso entendimento sobre nós mesmos nem sempre coincide com a forma como o outro nos compreende. “Eu nunca posso ter a certeza que a minha identidade para mim coincide com a minha identidade para o outro. A identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re)construir numa incerteza maior ou menor e mais ou menos durável” (Dubar, 1997: 104). Lopes (2001) corrobora a ideia de Dubar ao afirmar que as identidades são construídas através das vivências e experiências de cada um.

Posto isto, podemos compreender que cada indivíduo possui múltiplas identidades que são construídas e desenvolvidas nos diferentes contextos em que participam. Assim sendo começamos a situar-nos na segunda corrente apresentada anteriormente, a corrente nominalista, compreendendo que a identidade não é inata ou imutável e que, pelo contrário, é construída ao longo do tempo, sendo que essa construção é também influenciada por aspetos sociais e culturais. Deste modo não podemos pensar a identidade de uma forma isolada, excluindo todo o meio que nos envolve.

1.2. Identidade Surda

No ponto anterior podemos compreender que a a nossa identidade é bastante influenciada pelo que nos rodeia, isto é, por aspetos de carácter social, cultural e comunitário. Assim sendo, facilmente compreendemos que a forma como o indivíduo surdo está na comunidade é produto de um coletivo. Contudo, essa forma de estar é sentida de um modo único e individual. Segundo Duschatzky e Skliar (2000), atribuir ao outro uma marca cultural é algo que deve ser questionado. De modo a explicar e justificar este pensamento, os autores baseiam-se no mito da consciência cultural, que “(...) supõe que todos os negros vivem a negritude do mesmo modo, que os muçulmanos experimentam uma única forma cultural, que as mulheres vivem o género de maneira identica.” (p.168).

Seguindo a mesma linha de ideias, Lopes e Veiga-Neto (2006) também defendem a não existência de uma essência surda, isto é, não podemos afirmar que todos os surdos vivem a sua surdez da mesma forma única e exclusivamente pelo facto de partilharem a mesma condição. Contudo, estes mesmos autores destacam alguns

elementos que parecem ser comuns uma vez que se encontram de forma regular nas narrativas surdas, nomeadamente o facto de perceberem o mundo de um modo visual e a necessidade de estarem em comunidade. Desta forma, os dois indicadores descritos na frase anterior podem ser considerados marcadores de um grupo cultural específico, o grupo surdo.

Contudo, não podemos esquecer que a língua é uma questão predominante no que diz respeito à identidade. No desenvolver deste trabalho, no capítulo IV, “Análise de Conteúdo”, iremos compreender a importância que os participantes surdos atribuíram à língua na construção da sua própria identidade. Essa mesma importância é manifestada por Jokinen (2006), quando este defende que todas as línguas “(...) tem um papel muito importante na definição da identidade cultural do indivíduo. Ela simboliza também a sua identidade social” (p. 101).

Desta forma, e tendo como base todas as ideias acima mencionadas, torna-se importante questionar se, nas últimas décadas, o implante coclear não se tornou um aspeto predominante na construção da identidade dos surdos. Como já havia mencionado, o modelo clínico-terapêutico tem vindo a difundir as suas premissas através do implante coclear, impondo então a sua visão sobre a surdez à criança surda, à família dessa criança e à sociedade em geral. Deste modo compreende-se a ideia de biopoder de Foucault. Foucault explica que “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (Foucault, 2008: 3). Deste modo, o autor defendia o conhecimento como forma de poder (Foucault, 1979) e, uma vez que, ao longo da história, os ouvintes sempre detiveram o conhecimento, pois o acesso a esse mesmo conhecimento não lhes era vedado, também sempre exerceram o controlo face à comunidade surda. Assim, os ouvintes constituíam-se como dominantes, oprimindo os surdos e procurando moldá-los aos seus ideais. Logo, podemos concluir que quando Foucault afirma “(...) supomos que “alguns” exercem um poder sobre os outros” (1995: 240), neste contexto específico, a palavra “alguns” se refere aos ouvintes e os “outros” serão os surdos. À luz desta perspetiva, podemos então afirmar que o modelo clínico-terapêutico, defendido na sua maioria por ouvintes, impõe o seu poder face à comunidade surda. Tendo em mente esta ideia, podemos levantar a seguinte questão: Não será o implante coclear mais uma

forma dos ouvintes imporem o seu poder perante os surdos, moldando-os a uma forma que consideram “normal”?

1.3.O Implante Coclear – A influência na construção da identidade

No ano de 2002, Christiansen e Leigh afirmaram que há cerca de 40 anos que o implante coclear tem sido disponibilizado para crianças e adultos surdos. Percebemos então que atualmente esta tecnologia tem sido oferecida há já quase 60 anos.

O implante coclear é um dispositivo eletrónico com o objetivo de substituir parcialmente a função da cóclea. Deste modo transforma sons e ruídos do meio ambiente em energia elétrica, energia essa que atua sobre as aferências do nervo coclear, desencadeando uma sensação auditiva no indivíduo. (Roeser e Bauer, 2004) Segundo Coelho, Amorim e Mendes (2012), o modelo clinico-terapêutico encara os implantes cocleares como sendo a única forma de se compreender a surdez, pois este é o único recurso capaz de remedia-la. Compreendemos então que esta necessidade de “remediar” a surdez provém de uma crença e de um entendimento da mesma como deficiência, não considerando os estudos de inúmeros autores de diversas áreas relativos à surdez, à educação de surdos, à língua gestual, entre outros, acabando por desmerecer os mesmos.

Com o passar dos anos e o desenvolvimento da tecnologia, os implantes cocleares são um tema cada vez mais abordado dentro da comunidade surda, causando uma enorme preocupação à mesma. Isto acontece porque esta comunidade defende que a colocação do implante compromete a pertença do seu usuário na comunidade surda, assim como prejudica a sua capacidade de desenvolver uma identidade cultural. Essa preocupação baseia-se na noção de que a associação à comunidade surda protege os surdos contra as dificuldades sociais e emocionais que são, normalmente, associadas à surdez (Wald & Knutson, 2001).

No entanto, Wald e Knutson (2001) defendem que a identidade cultural dos surdos não se baseia apenas na falta de audição uma vez que, segundo Cass (1984), a identidade cultural é geralmente percebida como um conjunto organizado de auto-percepções e sentimentos que um indivíduo tem sobre si próprio associado a alguma

categoria social. Contudo, e apesar de existir algumas publicações que mostram que o implante coclear apresenta resultados positivos em relação a ganhos auditivos e desenvolvimento da linguagem oral, principalmente para quem realiza a cirurgia em idade jovem (Niparko & Marlowe, 2010), muitos autores destacam a importância das dificuldades de comunicação e participação social que continuam a ser vivenciadas por crianças e jovens com implante coclear (Bat-Chava & Deignan, 2001; Punch & Hyde, 2011). Por sua vez, Hyde e Punch (2011) afirmaram que a maioria das crianças com implante coclear do seu estudo se compreendia enquanto surda, mas somente numa perspectiva biológica, não no sentido cultural. Os autores afirmam ainda que essas mesmas crianças, numa fase posterior, enquanto adolescentes e/ou adultos, desejavam explorar a cultura surda e a língua gestual. Desta forma, estas crianças não se relacionaram com uma identidade surda ou uma identidade ouvinte, encontrando-se algures no meio. Por sua vez, Wheeler, Archbold, Gregory e Skipp (2007) observaram alguns estudos qualitativos referentes a jovens surdos com implante coclear e comprovaram que esses jovens pareciam sentir que não pertenciam a nenhum dos dois grupos: surdos ou ouvintes.

Começamos então a compreender, através dos autores acima mencionados, que os indivíduos com implante coclear parecem ser detentores de uma identidade híbrida. Isto porque, segundo Coelho, Amorim e Mendes (2012), a colocação de um implante coclear não pode ser encarada como um tratamento inovador que transforma o surdo num ouvinte. Baptista (2005) explica que um dos motivos, entre vários, para o modelo socio-antropológico ser contra os implantes cocleares centra-se no facto deste conduzir a expectativas irrealistas e demasiado elevadas na família e nos educadores. Compreendemos então que, de acordo com as premissas acima apresentadas, muitas vezes, um surdo com implante coclear encontra-se neste “limbo” identitário. Não é considerado, nem se considera, Surdo, no entanto, os, por vezes, poucos ganhos auditivos provenientes do implante coclear, levam a que este não consiga integrar-se de uma forma plena na comunidade ouvinte.

Desta forma não podemos ignorar o facto de o implante coclear ser um fator de enorme influência na construção da identidade, no entanto não é o único fator. Como anteriormente mencionado, a história, a vivência e experiência de cada um influencia significativamente a sua identidade. Deste modo, não podemos compreender a identidade surda sem compreender a sua história.

Capítulo II – Educação dos Surdos: A Língua Gestual Portuguesa como Condição Primordial na Educação e Construção Integral do Sujeito Surdo.

Introdução

De acordo com Bueno (1993), a história da Educação Especial considera que a educação das pessoas com necessidades especiais teve início no século XVI. No entanto, foi só durante o século XIX que essas pessoas começaram, gradualmente, a serem vistas como cidadãs. Relativamente à surdez, pode-se dizer que a educação para surdos sofreu enormes mudanças e percorreu um longo e moroso caminho até aos dias de hoje. No que respeita às questões identitárias pareceu-nos essencial abordarmos esse caminho. Para compreendermos a sua importância, foquemo-nos no conceito de “cultura”. Mintz (2010) afirma que:

É mais do que “curioso” o fato de quase todos os meus colegas [antropólogos] concordarem que “cultura” é o conceito mais fundamental do nosso campo de saber – mesmo admitindo que não é possível defini-la. Cultura seriam ideias? Seriam padrões? Seriam atos? Seriam as consequências, incluindo os objetos materiais, desses atos? Seria tudo isso, uma relação entre alguns, ou todos eles, ou uma coisa inteiramente diversa? Por incrível que pareça, nós não temos a menor ideia ou, melhor dizendo, temos centenas delas (p.227).

No entanto, apesar do autor citado anteriormente admitir não ser possível definir cultura, no passado, alguns autores, nomeadamente Tylor (1920) e Kroeber (1949), explicaram que a cultura está intrinsecamente ligada com a história. Já Lopes e Veiga-Neto (2006), relativamente à surdez, entendem cultura como um conjunto de práticas que um determinado grupo sente e experiencia da mesma forma. Deste modo, estes dois últimos autores (2006) explicam esses sentimentos e experiências como sendo marcadores culturais surdos, como por exemplo, a experiência visual que os surdos sentem mais ou menos da mesma forma. Perlin (2004) aponta como sendo um marcador cultural surdo as lutas políticas, sociais, científicas, entre outras, uma vez que explica essas lutas como primordiais no plano do *ser surdo*. Isto porque, segundo Lopes e Veiga-Neto (2006) há uma necessidade de luta constante por parte dos surdos para que a sua identidade possa existir e ser reconhecida. “Nessa forma de ser surdo, a luta travada constantemente aparece como sendo uma marca cultural da diferença surda. A luta é um imperativo alimentado por muitos surdos porque, com ela, conseguem estabelecer a

tensão que possibilitará a demarcação das diferenças e de uma identidade surda” (Lopes & Veiga-Neto, 2006: 87/88).

Deste modo, para compreendermos um pouco desta luta travada pelos surdos ao longo dos séculos, luta essa percebida por alguns autores como um forte marcador de cultura e identidade surda, faremos uma breve viagem pela história da educação dos surdos.

2.1. História dos surdos: uma viagem pela educação

O primeiro professor de surdos de que se tem conhecimento foi o frade Ponce de Léon (1510-1584). “Este professor tentou ensinar os surdos a ler e a escrever, inventou um alfabeto manual que servia de apoio à leitura e à escrita” (Carvalho, 2007: 19). Era um monge benedito que se dedicava a ensinar filhos de nobres a ler, escrever e rezar. Segundo Moura (2000), Ponce de Léon percebeu que os surdos utilizavam as suas capacidades mentais e procurou provar que estes não tinham qualquer tipo de lesão cerebral. Deste modo colocou fim a todos os mitos que até então se tinha sobre a surdez.

Muitos outros autores se seguiram, no entanto, o Abade de L’Èppé é um dos nomes mais importantes dentro da comunidade surda por ter fundado, em 1755, a primeira escola para surdos, o Instituto Nacional de surdos-mudos em Paris. O seu reconhecimento deve-se ao facto de este ter compreendido a importância da linguagem gestual como base para a comunicação e educação dos surdos. Nesta escola começa então a dar-se importância à aprendizagem da leitura e escrita através dos gestos (Carvalho, 2007).

Através da leitura do trabalho de alguns autores, nomeadamente de Soboul (1981) e Lopes (2008) foi possível compreender ainda que a revolução francesa (1789 - 1799) e suas premissas, liberdade, igualdade e fraternidade, tiveram uma enorme influência para a educação como a conhecemos na atualidade. De uma forma geral, “os iluministas defendiam que os homens tinham direitos naturais iguais e os governantes não podiam atacar esses direitos” (Carvalho, 2007: 32). Deste modo, podemos compreender que a educação para todos, designadamente para comunidades carenciadas, para crianças de etnias diferentes, para crianças com necessidades especiais, entre outros, começou a dar os seus primeiros passos devido a esta revolução

que teve um impacto imenso, não só em França, mas em todos os países da Europa. Assim sendo, no decorrer na revolução francesa e após a mesma, foram surgindo ainda mais nomes importantes para a educação de crianças surdas. Grande parte destes autores defendia a aprendizagem através da língua gestual (Carvalho, 2007).

Contudo, em 1880, realizou-se o Congresso Internacional de Milão. Neste congresso, educadores ouvintes de pessoas surdas decidiram excluir a língua gestual do ensino para surdos e impuseram, como principal objetivo para a educação desta comunidade, o ensino da fala (Carvalho, 2007). A partir deste momento foram iniciadas reformas em todas as escolas para surdos da Europa. Terminaram-se com a contratação de professores surdos e diminuiu-se o tempo de ensino de gestos para dedicar mais tempo ao ensino da fala até que esta os substituísse definitivamente (Carvalho, 2007).

Para além disso continuou a associar-se aos surdos adjetivos de carácter negativo e discriminatório. Estanqueiro (2006) mencionou algumas expressões negativas utilizadas pelos ouvintes alusivas a crianças surdas, nomeadamente aquela que não ouve, que não fala, que tem uma perda ou um défice. Compreende-se, então, que havia uma comparação da criança surda com a criança ouvinte e, deste modo, acabava-se por analisar a criança tendo em conta o que lhe faltava para se assemelhar ao que era considerado normal. Esta visão leva-nos a perceber que a história dos surdos está também marcada pela constante discriminação e preconceito.

Em Portugal, Paulo de Carvalho (2007), destaca três períodos importantes para a história da educação dos surdos. O primeiro período teve lugar entre 1823 e 1905 e foi considerado um período áureo na educação dos surdos em Portugal uma vez que eram utilizadas metodologias gestuais como suporte à aprendizagem da escrita e da leitura (Carvalho, 2007). O segundo período vigorou entre os séculos XIX e XX e foi considerado o período mais sombrio pois privilegiava-se o treino da fala, o treino auditivo e a leitura labial (Carvalho, 2007). Este período veio na sequência do congresso de Milão, anteriormente abordado, e tinha como principal objetivo “(...) pôr os surdos a ouvir e a falar para que, deste modo, se integrassem na comunidade ouvinte (...)” (Coutinho, 2006: 160). Segundo Baptista (2008), este enfoque no oralismo fez com que mais de 50% dos estudantes surdos da década de 80 saíssem da escola por volta dos 17/18 anos de idade sem terem, muitas vezes, chegado a entrar no primeiro ciclo do ensino básico.

Contudo, neste período os métodos de trabalho com surdos foram sendo aperfeiçoados e, apesar de ainda com orientações oralistas, surgiram novas perspectivas de ensino. Desse modo começou a caminhar-se para o terceiro período, construindo-se um novo modelo de índole gestualista e bilingue. É neste período que, no ano de 2008, com o Decreto/Lei 3/2008 surge o conceito de escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos.

2.2. Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos: A importância da Língua Gestual Portuguesa

As EREBAS representam um marco importantíssimo na história da educação dos surdos em Portugal. Estas escolas surgiram com o Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro. Este Decreto-Lei já não se encontra em vigor uma vez que foi revogado com o surgimento do Decreto-Lei 54/2018 de 6 de Julho, que visa estabelecer princípios e normas que promovem a inclusão, respondendo à diversidade e potencialidades de todos e de cada aluno, em qualquer agrupamento de escolas ou escola (Decreto-Lei nº. 54/2018 de 6 de Julho). No entanto, uma vez que o novo Decreto-Lei não produziu mudanças estruturais significativas e imediatas, pois não aboliu as EREBAS, a filosofia do Decreto-Lei 3/2008 continua ainda a ser praticada nas escolas. Para além disso, a também escassa experiência prática do Decreto-Lei 54/2018 e o facto de todos os jovens surdos participantes neste projeto terem vivido e experienciado as escolas de referência, leva à necessidade de abordarmos esta temática, uma vez que essa fase escolar considerou-se primordial na construção das suas identidades.

Segundo Vaz (2013) as crianças Surdas

precisam de um atendimento específico, atendimento tanto mais importante quanto prevê dois tipos de inclusão, portanto inclusão com os ouvintes e inclusão no seu grupo, ou seja, aquela que garante o processo de socialização alargado e aquela que garante uma identidade linguística enquanto tradutora de uma identidade cultural. (p.219)

Assim sendo, segundo Correia (2006), todas as adequações e adaptações que são desenvolvidas no seio de uma escola têm como objetivo primordial a promoção do sucesso educativo e social de cada criança e jovem, assim como o desenvolvimento da sua autonomia e estabilidade emocional. Considerando os estudantes Surdos, de acordo

com o Decreto-Lei 3/2008 de 7 de Janeiro, este sucesso só é atingido quando a educação se proporciona em ambientes bilíngues que promovam o domínio da língua gestual portuguesa e da língua portuguesa na sua vertente escrita e, eventualmente, falada. Assim sendo, compete às escolas, nomeadamente às escolas de referência para a educação bilíngue de alunos surdos contribuírem para o crescimento linguístico destes alunos e adequarem o processo de acesso ao currículo promovendo e possibilitando, desta forma, a total inclusão escolar e social (Decreto-Lei nº. 3/2008 de 7 de Janeiro, artigo 23º.).

Assim sendo, as EREBAS têm como principal objetivo aplicar metodologias e estratégias educativas adequadas aos alunos surdos, devendo assegurar o desenvolvimento da língua gestual portuguesa como primeira língua e o desenvolvimento da língua portuguesa, na sua vertente escrita e eventualmente falada, como segunda. Estas escolas têm ainda o dever de fornecer aos alunos surdos tecnologias de apoio, ou seja, dispositivos facilitadores, cujo objetivo é melhorar a funcionalidade do estudante, permitindo ao mesmo participar nas atividades e nos domínios de aprendizagem e da vida profissional e social. Cabe ainda às EREBAS providenciar outros apoios, nomeadamente, a presença de um profissional intérprete de língua gestual portuguesa, terapeutas da fala, entre outros. Para além disto, a escola deverá também auxiliar estes alunos no processo de transição entre os diferentes níveis de educação e também promover uma adequada preparação para a vida profissional. As EREBAS devem ainda desenvolver ações de formação em língua gestual portuguesa para a comunidade escolar e familiares dos alunos Surdos e procurar colaborar com as associações de pais e associações de Surdos numa procura pela interação entre a comunidade ouvinte e a comunidade Surda (Decreto-Lei nº. 3/2008 de 7 de Janeiro, artigo 23º.).

As premissas difundidas pelas escolas de referência para a educação bilíngue de alunos surdos baseiam-se no facto de, como explica Estanqueiro (2006), a criança surda não ser somente uma criança que não ouve, mas sim uma criança visual. Tendo presente esta ideia, a comunicação e a informação são rececionadas pela criança surda através da visão. Só deste modo se torna possível que esta aceda ao mundo que a rodeia sem barreiras e se desenvolva linguística, cognitiva, emocional e socialmente de forma adequada e em tempo próprio. Assim sendo compreende-se a importância da língua gestual para o desenvolvimento absoluto de uma criança surda. Para além desta

questão, está também em causa a desvalorização da língua gestual como língua plena. Percebe-se que o modelo clínico-terapêutico trata a língua gestual como um recurso, um complemento e não como uma verdadeira língua. Porém, torna-se importante salientar que as línguas gestuais são verdadeiras línguas uma vez que

evidenciam propriedades funcionais e estruturais comuns a todas as línguas naturais, ou seja: funcionam como línguas maternas para comunidades de utilizadores dessas línguas; possuem fases identificáveis de desenvolvimento em função da idade; a sua aquisição tardia acarreta atrasos de linguagem; evidenciam variações de dialectos e variações específicas de género; são usadas para funções comunicativas e culturais (Silva, 2010: 111)

Deste modo parece-nos premente compreender também que, segundo Chamberlain e Mayberry (2008), estudos realizados demonstram que a língua gestual portuguesa facilita a aquisição do português escrito e/ou oral, uma vez que uma aquisição precoce da língua gestual como primeira língua torna-se um suporte para uma aquisição futura de uma segunda língua. Esta mesma ideia é corroborada por Coelho, Amorim e Mendes (2012) ao defenderem que

o domínio de uma língua foi, em contexto algum, pretexto para a não aprendizagem de uma segunda, terceira ou mais línguas. Pelo contrário, de acordo com estudos linguísticos, neurolinguísticos e sociológicos, a proficiência numa primeira língua constitui um factor favorável à aprendizagem de uma segunda língua. (pp.131)

Atentemos agora nas questões de identidade que tudo isto acarreta. Se a língua gestual é a base para uma identidade positiva, visto só assim permitir ao indivíduo surdo a possibilidade de ser bilingue, bicultural e pertencer a uma comunidade minoritária com uma língua própria, a privação dessa língua trará, concludentemente, consequências negativas. Deste modo o *ser surdo* fica comprometido.

Tendo em conta todos os fatores apresentados anteriormente, onde se compreende que a existência da pessoa surda é influenciada por inúmeros fatores e, mais do que isso, as decisões sobre a sua vida são tomadas, grande parte faz vezes, por alguém que não eles mesmos, torna-se premente debater o conceito de violência simbólica do Pierre Bourdieu.

2.3. Violência Simbólica

A temática da violência simbólica surge neste ponto por se considerar essencial compreender que a história dos surdos foi, e ainda é, marcada por este conceito. Se no passado a violência era praticada de forma mais visível, através da exclusão da comunidade surda, na atualidade esta violência está já incutida na sociedade e é exercida, muitas vezes, sem a real percepção do seu significado. Posto isto, o conceito de violência simbólica foi desenvolvido por Pierre Bourdieu e, de uma forma geral, é um conceito social que aborda uma forma de violência exercida pelo corpo sem, no entanto, existir coação física, causando, deste modo, danos morais e psicológicos (Bourdieu, 2001). Assim, a violência simbólica surge como uma forma de poder que o dominante utiliza para oprimir alguém com base em regras que são aceites, de uma forma geral, pela sociedade. Ou seja, a violência simbólica pode caracterizar-se numa forma de coação de carácter económico, social, cultural, institucional ou simbólico que se centra na contínua produção de crenças no processo de socialização, que levam o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante (Bourdieu, 2001). Uma vez que esta forma de violência está então subjacente a um discurso dominante, aceite por grande parte da sociedade, aqueles que são humilhados e/ou discriminados consentem este exercício de poder, uma vez que também eles acreditam nas normas e referências impostas pela coletividade (Bourdieu, 2001).

Com base nas ideias apresentadas no parágrafo anterior, compreende-se que no decorrer da história dos surdos, mais especificamente na história da educação dos mesmos, a defesa do ouvintismo, do oralismo e treino da fala pode ser entendida como uma forma de violência simbólica. No entanto se até aos dias de hoje muito foi feito, e continua a ser feito, para se compreender a surdez através de uma outra ótica, outras questões se levantaram e torna-se premente debatermos sobre as mesmas à luz deste conceito.

Com o desenvolvimento da tecnologia e, consequentemente, o desenvolvimento dos implantes cocleares, a comunidade médica, como já anteriormente afirmado, impõe este dispositivo aos pais e família da criança surda, promovendo a ideia de que esta é a forma mais correta de confrontar a situação. Deste modo, a criança surda é implantada por decisão dos seus pais que foram, à partida, influenciados pela comunidade médica.

Esta decisão é muitas vezes tomada sem informação e conhecimento de variados aspetos que foram sendo, ao longo deste trabalho, inumerados, nomeadamente o não conhecimento da perspectiva socio-antropológica da surdez. Para além disso é importante considerar qual o papel da criança surda, uma vez que esta não tem ainda idade, maturidade e capacidade para decidir, acabando por serem os médicos e os seus pais os únicos responsáveis por qualquer decisão que irá, incontestavelmente, influenciar toda a vida da criança. Assim sendo, e tendo como base o pensamento de Pierre Bourdieu, começa a entender-se que a comunidade ouvinte no geral, refletida na comunidade médica, exerce o poder, tendo como base a premissa da surdez como deficiência, premissa essa que é socialmente aceite.

Capítulo III – Enquadramento Metodológico: Travessia pelas Experiências e Vivências Surdas

Introdução

Este projeto, que procura compreender a construção da identidade em jovens surdos com implante coclear, enquadra-se no paradigma fenomenológico – interpretativo, uma vez que procura compreender as intenções e significações que a pessoa dá às suas ações e às dos outros nos contextos onde atua (Amado, 2013). Desta forma, foi adotado um método misto, onde a discussão focalizada em grupo será utilizada como método principal e as entrevistas serão aplicadas de forma complementar, como método secundário. Esta metodologia foi escolhida uma vez que assumimos a mesma posição de Macedo (2009) ao compreender que a discussão focalizada em grupo, como método principal, se adequa ao caráter exploratório da nossa investigação, possibilita uma dinâmica pouco estruturada aquando a realização da discussão focalizada em grupo, dinâmica essa de que nos parece beneficiar o estudo em questão, e a uma análise dos dados de caráter interpretativo. Pensamos trazer um contributo metodológico inovador ao utilizar um método centrado no uso da palavra com pessoas surdas. Isto porque defendemos que este projeto só faria sentido com a voz do surdo, com as partilhas, experiências e vivências faladas na primeira pessoa.

Logo, no discorrer deste capítulo iremos descrever a metodologia utilizada, discussão focalizada em grupo, explicando o funcionamento da mesma, desde o seu planeamento, passando pela preparação, moderação, análise e terminando na divulgação. Em cada um dos pontos elencados anteriormente, abordaremos também as dificuldades sentidas e os mecanismos que utilizamos para ultrapassar essas dificuldades. trataremos de igual modo as entrevistas individuais e as entrevistas semi-estruturadas que foram utilizadas como método secundário de recolha de conteúdo. Nestes dois últimos pontos seguiremos o mesmo critério que nos anteriores, expondo também a nossa experiência aquando a realização efetiva das entrevistas.

3.1. Discussão Focalizada em Grupo

A metodologia discussão focalizada em grupo (*focus group discussion*),

embora encontre as suas raízes históricas em Robert King Merton, mais precisamente no ano de 1941, é uma forma de recolha de dados que só a partir da década de 1980 se desenvolveu mais intensamente como importante estratégia de pesquisa por parte dos cientistas sociais (Galego & Gomes, 2005: 174).

Segundo Galego e Gomes (2005), Merton defendia que, grande parte das vezes, o investigador não obtinha respostas exatas através de perguntas fechadas. Como forma de solucionar esse problema, “Merton vinha a desenvolver, desde a década de 1930, um sistema que consistia em pedir a uma audiência que descrevesse as suas respostas com o intuito destas poderem vir a conduzir a novas linhas de reflexão” (Saumure, 2001 *cit in* Galego & Gomes, 2005: 174).

Por sua vez, num trabalho fundador, Morgan (1997) define a discussão focalizada em grupo como técnica de investigação cujo objetivo se centra na recolha de dados através da interação de um grupo sobre um determinado tema que é dado pelo investigador. Desta forma, esta técnica contém três premissas essenciais: é uma técnica orientada para recolha de dados; a interação e discussão presentes no grupo funcionam como fonte de dados; e, por último, o investigador detém um papel ativo na dinamização do debate do grupo para efeitos de recolha de dados. Contudo, é importante ter em atenção que a discussão focalizada em grupo pode também ser utilizada enquanto método contextual (Wilkinson, 1999) uma vez que tem em conta a produção de saberes no contexto do grupo e tem em conta os lugares de partida dos sujeitos que informam as suas diversas posições. Com o avançar dos anos, registou-se também um aumento da utilização da mesma, de modo isolado, em investigação (Morgan, 1996). Assim sendo, dada a complexidade dos seus pressupostos e procedimentos, complexidade essa que iremos abordar na continuidade deste tópico, optamos por nos situar nesta designação (Macedo, 2009).

Compreende-se, então, que esta metodologia começou a ser desenvolvida há já algumas décadas, contudo foi alvo de maior interesse na área das ciências sociais e tem vindo a ampliar o seu campo de aplicação a diferentes disciplinas e sido objeto de crescente interesse por parte de diversos investigadores (Silva, Veloso & Keating, 2014). Assim sendo, tem-se verificado um crescimento sólido na utilização desta metodologia que pode constatar-se, como referem Stewart, Shamdasani, e Rook (2007), úteis em qualquer fase de um projeto de investigação.

Contudo, apesar da utilização crescente da metodologia discussão focalizada, a sua aplicação com grupos de indivíduos surdos gestuantes, que comunicam através de uma língua espaço-visual, é ainda escassa. Desta forma compreende-se que este instrumento metodológico não se encontra ainda preparado e adaptado a esta comunidade. Assim, este capítulo será abordado de uma forma analítica, de modo a integrar todas as adequações que desenvolvemos de forma a que fosse possível utilizar este método com a comunidade surda.

Muitos são os pontos positivos apontados por diferentes autores para a utilização da discussão focalizada em grupo. Krueger e Casey (2009) salientam o contributo deste método para a percepção e entendimento de um determinado tema. Isto porque os participantes que constituem o grupo têm alguma característica em comum, característica essa que se torna essencial para o tema em discussão. Pode dizer-se que o que define e diferencia a discussão focalizada em grupo é o facto de esta ser voltada para a recolha de dados qualitativos junto de pessoas com alguma particularidade que as aproxima, em grupo, através de uma discussão focada.

Por sua vez, Morgan e Krueger (1993) referiam há quase três décadas que as comparações que têm sido feitas entre a discussão focalizada em grupo e outros métodos têm mostrado que a primeira não tem somente como objetivo a procura e análise do que as pessoas têm para dizer. Este método deve ser percebido de forma mais complexa uma vez que é de sua premissa providenciar *insights* no que respeita às origens de comportamentos complexos e motivações. Por sua vez, compreende-se o papel emancipador que este método pode desempenhar, isto porque “(...) no decorrer do processo de investigação o sujeito objecto de observação, vai transformando as suas estruturas cognitivas, através das relações recíprocas que estabelece no decorrer da operacionalização da técnica, auto-descobrimo-se e, portanto, emancipando-se” (Galego & Gomes 2005: 179). Esta emancipação que acontece de forma individual dentro do grupo oferece a possibilidade de observar as interações entre os participantes, os acordos e desacordos e todas as dinâmicas que se vão construindo. Estas dinâmicas devem ser encaradas como uma força única da discussão focalizada em grupo (Morgan, 1996).

Também Stewart, Shamdasani, e Rook (2007) sistematizaram algumas vantagens da discussão focalizada em grupo que não se verificam noutros métodos de investigação. Para além das acima enunciadas, salientamos ainda o facto daquela

permitir extrair informação de um grupo de forma mais rápida e frequente e possibilitar um grau elevado de flexibilidade, podendo ser utilizada para analisar e estudar um incontável número de temas, com uma multiplicidade de indivíduos (incluindo indivíduos com baixos níveis de escolaridade) e de contextos.

Todas as vantagens expressas permitem reafirmar a utilidade e adequação desta metodologia a este projeto. Contudo, a discussão focalizada em grupo apresenta também alguns pontos menos positivos que, apesar de, no nosso entender, não desmerecerem este método, devem ser tidas em atenção de modo a não prejudicar a recolha e análise dos dados e, por conseguinte, todo o projeto.

Com essas preocupações acentuamos que, segundo Morgan (1996), uma das fragilidades deste método centra-se no facto de se constituir num processo de produção de interações focadas, acabando por se levantar questões acerca do papel do moderador. Isto é, o estilo de moderação adotado no decorrer da discussão focalizada irá influenciar toda a dinâmica da mesma e o comportamento dos participantes. Daí que, neste projeto de investigação se tenha optado por uma moderação atenta, mas flexível, onde foi permitido aos participantes surdos focarem nos temas que julgavam mais pertinentes, apenas orientando os jovens nos momentos de silêncio. Outra desvantagem, apresentada por Krueger e Casey (2009), está relacionada com o facto de os participantes tenderem, principalmente no início, a responder aquilo que julgam ser socialmente aceite, sendo que, muitas vezes, essas respostas não vão de encontro à sua opinião. Contudo, esta crítica à discussão focalizada em grupo estende-se a todos os métodos de investigação que têm como base questões e respostas e, havendo o cuidado de uma moderação discreta, mas que estimule a participação e o debate entre participantes, poderá ser minimizada.

Um dos aspetos interessantes deste método é o seu desenvolvimento por etapas, com características particulares, como passamos a apresentar.

3.2. Fases de Realização da Discussão Focalizada em Grupo: uma reflexão sobre os princípios e os processos

De forma relevante para esta investigação, Silva, Veloso e Keating (2014), partindo da literatura – Bloor, Frankland, Thomas & Robson (2001) Krueger & Casey (2009) e Morgan (1998) –, consideraram que a implementação da discussão

focalizada em grupo acontece no decorrer de cinco fases: planeamento; preparação; moderação; análise dos dados; e divulgação dos resultados.

3.2.1. *Entre o planeamento e os desafios da implementação*

Numa primeira fase, a fase do planeamento, torna-se importante a pessoa investigadora centrar-se em algumas questões, nomeadamente “Quais são os objectivos orientadores da realização do projecto de investigação em geral e do *focus group*, em particular? Qual a estrutura do guião de entrevista? Quem deverão ser os participantes? Qual o tamanho desejado para os grupos? Quantos grupos?” (Silva, Veloso & Keating, 2014: 180). Assim, de modo a respondermos às questões acima elencadas, neste estudo, temos como objetivos estudar e compreender o processo de construção identitária em jovens surdos com implante coclear e contribuir para a compreensão do processo de construção identitária em jovens surdos com implante coclear. A utilização da discussão focalizada em grupo surge neste projeto como forma de evidenciar as “vozes” de quem vive a realidade da surdez e dos implantes cocleares todos os dias, acreditando que ser esta a forma mais correta e fiável de obtenção de dados. Deste modo utilizamos um grupo focal constituído por seis participantes e realizamos, posteriormente entrevistas semi-estruturadas a três dos participantes.

Algo que se relaciona fortemente com os objetivos do estudo é o grau de estruturação da discussão focalizada em grupo. Essa estruturação irá refletir-se tanto na construção do guião, que poderá ser mais ou menos estruturado, assim como no papel adotado pelo moderador. No entanto é mais frequente uma abordagem que recorra a uma estruturação moderada (Morgan, 1998). Segundo Morgan (1997) uma estratégia comum para implementar um grau de estrutura moderado é a estratégia do “funil”. Nesta estratégia a discussão inicia-se com questões de carácter mais genérico, permitindo aos participantes pensarem e discutirem o tema (Krueger & Casey, 2009) e, à medida que a discussão avança, estas vão se tornando mais específicas. Assim, num primeiro momento, é possível aceder às perspetivas dos próprios participantes e, numa segunda fase, com o aprofundar das questões, obter respostas que venham ao encontro dos interesses mais específicos do investigador, tendo que haver um cuidado ético com o respeito pelas suas vozes e interesses.

Tendo como grande tema e preocupação a construção da identidade em jovens surdos gestuantes com implante coclear, na sessão que realizamos, procuramos utilizar a estratégia acima descrita, elaborando um guião que permitisse iniciar a discussão com temáticas mais gerais, aprofundando e especificando à medida que a conversa ia decorrendo. Utilizamos também um estímulo inicial, ou seja, utilizamos vários excertos da série “Switched at Birth”, uma série que trata a temática da surdez. Os excertos foram previamente pensados e escolhidos. Desta forma foi possível compilar vários momentos que abordavam a temática do implante coclear, que mostravam diferentes visões, perspectivas e opiniões sobre esta mesma temática. Este estímulo serviu então como mote para dar início à conversa.

É também nesta fase que se torna essencial considerar a composição dos grupos, e o número de sessões a realizar (Silva, Veloso & Keating, 2014). Desta forma pretende-se que a escolha dos participantes seja ponderada, uma vez que é essencial que exista uma proximidade por parte dos participantes com o tema e que as características dos mesmos se adequem aos propósitos e objetivos do projeto. Isto porque, de acordo com Morgan (1997, 1998), é também fundamental, à semelhança do que acontece com outros métodos qualitativos, reunir um grupo de forma intencional, isto é, selecionar participantes que, à partida, gerem debates mais produtivos para o projeto em questão. nesta pesquisa específica, o grupo que participa na discussão focalizada é constituído por seis elementos, dos quais três têm implante coclear e os restantes, apesar de surdos, não são possuidores deste aparelho eletrónico. Estes elementos reúnem a proximidade necessária com o tema, uma vez que a questão da colocação do implante coclear sempre emerge aquando a descoberta da surdez. Logo, todos os participantes se depararam, pelo menos uma vez, com a dúvida da colocação ou da não colocação deste dispositivo. Contudo, sustentamo-nos também na teoria do “Conflito de Interpretações” de Paul Ricoeur (1969). Para Ricoeur a compreensão humana tem como base uma interpretação das experiências de vida que nos moldaram e das quais já temos um (pré)conhecimento, mesmo que confuso, obscuro e distorcido. Essa compreensão surge, numa primeira fase, através de uma interpretação das nossas questões contextualizadas em consonância com um mundo de significados. Assim, a relação da interpretação com a linguagem comporta uma dupla possibilidade que origina um conflito de interpretações (Ricoeur, 1969). Ricoeur (1969) defende que a história é a livre compreensão de alguém pelo sentido e argumenta que a estrutura da linguagem humana pode ser ambígua e

paradoxal. Assim, compreende-se que esta busca pelo sentido do que nos rodeia não é uma ciência exata. Por esse motivo o autor defende que toda a interpretação singular é finita. Logo, um grupo de indivíduos com diferentes experiências e, por esse motivo, distintas compreensões de sentido do mundo proporcionam a diversidade necessária para um debate sustentado. Assim, reunimos três jovens surdos com implante coclear e três sem, com percursos de vida muito diferentes, uma vez que esta diversidade nos pareceu ideal para a criação de um debate igualmente diversificado e, por esse motivo, mais rico e produtivo. Procuramos também reunir um grupo que tivesse idade, maturidade e experiência suficiente para compreender e debater sobre a temática da “identidade”, temática esta que, devido ao seu grande grau de abstração, não é fácil de entender e esmiuçar. Assim, optamos por constituir um grupo de jovens adultos, estudantes do ensino superior da Academia do Porto, por entendermos que reuniam condições de analisar, pensar sobre e debater um tema tão complexo. O facto de todos pertencerem à academia permitiu também estabelecer um laço de afinidade que facilitou aos mesmos a abertura necessária para expôr as suas opiniões, vivências e experiências.

Não parece haver consenso entre académicos relativamente ao número de participantes ‘ideal’ para a discussão focalizada em grupo. Assim, segundo Krueger e Casey (2009) a constituição dos grupos pode oscilar entre os quatro e os doze participantes. No entanto, estes mesmos autores (2009) referem que, normalmente, os grupos se organizam entre cinco a dez participantes ou, segundo Morgan (1998) entre seis a dez participantes, sendo que, na maioria dos casos, seis participantes pode ser considerado um número relativamente reduzido e dez participantes um número levemente elevado. Já Bloor, Frankland, Thomas e Robson (2001) recomendam que os grupos tenham entre seis a oito participantes.

3.2.2.1. A Discussão Focalizada em Grupo com pessoas surdas: dificuldades acrescentadas e tentativas de resolução

Aquando do desenvolvimento da discussão focalizada em grupo, as dificuldades por nós antecipadas fizeram-se sentir. Uma vez que as adequações foram previamente pensadas e elaboradas, foi possível colmatar essas dificuldades. No entanto, só no momento da discussão focalizada em grupo foi possível compreender a extensão dos

obstáculos e das barreiras que esta metodologia comporta quando realizada com indivíduos surdos.

A primeira adaptação que foi pensada numa tentativa de colmatar algumas dessas dificuldades foi o número de participantes. Deste modo, participaram deste trabalho 6 jovens surdos e, apesar deste número poder significar, para alguns autores, como explicado no ponto acima, um número reduzido, optou-se por utilizar esse mesmo número pelo facto de se esperar que a comunicação se estabeleça através da língua gestual portuguesa. Uma vez que este método procura desenvolver uma conversa, o mais natural possível, entre todos os participantes irá certamente existir sobreposição de “vozes”, interrupções de ideias, entre outras situações que irremediavelmente ocorrem numa conversa de grupo. Quando atentamos na língua portuguesa oral, captada pelo sentido da audição, estes aspetos não se tornam problemáticos, uma vez que é possível captar mais que um som em simultâneo, mesmo que estes venham de sentidos opostos. Numa conversa fluente em língua gestual portuguesa, devido a esta língua ser uma língua espaço-visual e a sua receção se realizar através do sentido da visão, esta captação torna-se mais complexa.

De modo a ser possível conhecer os participantes de uma forma geral, prática e direta, o quadro que se segue abarca as características gerais dos participantes, características essas necessárias para uma melhor compreensão do capítulo VI – Análise de Conteúdo.

Quadro 2 - Características dos/as jovens surdos/as participantes da discussão focalizada em grupo

Participantes	Tipo de Surdez	Grau de Surdez	Implante coclear	Identidade	Família
Alice	Adquirida	Severa/Profunda	Com Implante	Híbrida	Ouvinte
Beatriz	Adquirida	Severa/Profunda	Com Implante ¹	Surda	Ouvinte
Laura	Adquirida	Severa/Profunda	Com Implante	Híbrida	Ouvinte
Leonor	Congénita	Profunda	Sem Implante	Surda	Surda

Margarida	Congénita	Profunda	Sem Implante	Surda	Ouvinte
Mateus	Congénita	Severa/Profunda	Sem Implante	Surda	Ouvinte

¹ Não utilizadora do implante coclear

Para além da redução do número de participantes, nesta pesquisa, a discussão focalizada em grupo contou com a presença de uma intérprete de língua gestual portuguesa que medeia a comunicação e as intervenções dos seis elementos. É importante referir que, segundo Stewart e Shamdasani (1990) e Macedo (2009), recomenda-se que a discussão focalizada em grupo seja realizada num local de fácil acesso ao grupo, que assegure conforto aos participantes e que garanta a confidencialidade da informação gerada. Assim sendo, de modo, não só, a garantir essas condições, mas também assegurar uma interpretação o mais fiel e fidedigna possível, a escolha desta profissional foi bastante ponderada.

Deparamo-nos também com uma enorme dificuldade na interpretação de “vozes” sobrepostas, já que o nosso ângulo de visão nem sempre permitiu captar algumas falas complementares, proferidas por algum participante que não era, naquele momento, o foco da nossa atenção. Logo, a captação de vídeo mostrou-se essencial para uma transcrição o mais fiel possível de tudo o que foi debatido e esmiuçado no grupo, tendo permitido uma transcrição mais cuidada.

Por outro lado, apesar da investigadora e da intérprete que acompanhou a discussão focalizada em grupo dominarem a língua gestual portuguesa, esta não constitui a sua primeira língua. Por este motivo, a captação e compreensão dos diferentes discursos, muitas vezes sobrepostos, e a extensa duração da sessão, cerca de 1 hora e meia, levou a um enorme cansaço psicológico e, por esse motivo, ocorreram algumas lacunas pontuais. Mais uma vez, a captação de vídeo tornou-se imprescindível para suprir estas ausências. Contudo, parece-nos essencial admitir que, uma vez que toda a discussão focalizada em grupo aconteceu em língua gestual portuguesa e, deste modo, a transcrição foi realizada sob uma interpretação, poderão sempre existir falas e/ou expressões que se perdem, mesmo com a utilização de várias ferramentas de captação de vídeo, imagem e som. No entanto realizar uma discussão focalizada em

grupo proporcionou-nos a possibilidade de compreender alguns aspetos inerentes à prática e parece-nos correto afirmar que o próprio dinamismo da metodologia leva a estas lacunas e/ou omissões, fazendo com que não seja possível uma interpretação 100% fiel, independentemente de os participantes utilizarem uma língua espaço-visual ou uma língua oral.

Por fim, o número de sessões a realizar num projeto deve ser tido em conta de acordo com o valor que estes irão acrescentar ao mesmo. Ou seja, quando se considerar que uma nova sessão não acrescenta valor aos dados já obtidos faz sentido finalizar o processo de recolha de dados (Morgan, 1998; Macedo, 2009). Morgan (1998) defende ainda que não é errado realizar-se somente uma sessão se se considerar que esta cumpriu com todos os requisitos pré planeados. Neste enquadramento, realizamos somente uma sessão, uma vez que reunimos material suficiente e de qualidade para este projeto, material esse que é ainda complementado com as entrevistas individuais. A decisão de realizar somente uma sessão foi também tomada face à dificuldade em reunir todos os elementos participantes. Uma vez que a comunidade surda é pequena, e quando enfatizamos os surdos universitários da Academia do Porto mais reduzida se torna, sentimos uma enorme dificuldade em organizar um grupo que respondesse às necessidades da investigação e que não tivesse qualquer tipo de problema ou aborrecimento entre si.

3.2.3. Preparação – Da elaboração à realização

Numa segunda fase, a fase da preparação, deverá ter-se em atenção duas questões essenciais: o recrutamento dos participantes e os requisitos logísticos para a realização da discussão focalizada em grupo, como por exemplo o local onde se realizará a sessão (Silva, Veloso & Keating, 2014), aspeto a que já aludimos acima em articulação com a presença de uma intérprete...

Segundo Morgan (1998), os participantes deverão ser contactados previamente, tradicionalmente com duas semanas de antecedência, e, com o passar dos dias, comunicados com uma semana e, posteriormente, no dia anterior. Contudo, no recrutamento, não é suficiente somente efetuar o contacto. Estes deverão também ser informados de forma clara sobre os objetivos do estudo e as regras de participação, nomeadamente sobre o tempo estimado de duração da sessão (Bloor et al., 2001).

Relativamente à escolha do local, como acima mencionado, muitos autores, nomeadamente Morgan (1998), Bloor et al. (2001), Stewart et al. (2007), entre outros, recomendam que este seja de fácil acesso, proporcione aos participantes a sensação de bem-estar e conforto e permita assegurar o sigilo e a confidencialidade da informação gerada. Desta forma, a discussão focalizada teve lugar na Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto por ser um local de fácil acesso, que todos os participantes, por serem estudantes universitários da Academia do Porto, têm conhecimento; pela qualidade das instalações, que suscitam o conforto e, por esse motivo, a participação do grupo e que permitem manter o sigilo e a confidencialidade; e pela facilidade de, enquanto estudante desta faculdade em particular, utilizar uma das salas da instituição.

3.2.4. Moderação - Princípios, procedimentos e desafios de execução

O processo de moderação deverá, segundo Morgan (1998), durar em média 1 hora e meia, podendo, de acordo com Stewart et al. (2007) demorar até 2 horas e meia. Nesta fase, a atuação do moderador, segundo Sagoe (2012), torna-se um dos elementos principais para alcançar os objetivos predeterminados. Deste modo torna-se perceptível que o moderador deverá reunir competências de moderação, orientação e de dinâmica de grupo, uma vez que estas características funcionam como elementos fundamentais para o sucesso desta metodologia. Krueger e Casey (2009) sustentam a premissa acima mencionada, argumentando que, uma vez que a discussão focalizada em grupo é uma metodologia que valoriza a autorevelação entre participantes, cabe ao moderador criar um ambiente onde todos se sintam confortáveis, seguros, respeitados e livres para se manifestarem, através do não julgamento e da total abertura para ouvir, questionar e orientar o diálogo, certificando-se que cada elemento tem oportunidade de participar. Para que este trabalho ocorra de forma eficaz, os autores acima mencionados propõem uma equipa de moderadores, ou seja, um primeiro moderador, cuja principal função seria a condução, orientação e manutenção da discussão e um segundo moderador, que funcionaria como moderador auxiliar, sendo responsável pela gestão do equipamento de gravação e por outros elementos de carácter logístico.

Assim sendo, no decorrer da sessão, enquanto investigadora, assumiu-se o papel de moderadora principal, tendo como moderadora auxiliar, uma pessoa de

confiança que ficou responsável pela gestão de todo o equipamento técnico, nomeadamente, gravador de audio e video. A função de moderar e orientar toda a dinâmica de uma discussão focalizada em grupo mostrou-se complexa e trabalhosa. Ao usar esta abordagem já sabíamos, à partida, que esta obrigava a reunião de um grupo de pessoas que, mesmo partilhando algumas características idênticas, como a questão..., são seres individuais, muito diferentes entre si. Algumas pessoas são mais participativas, outras menos, e moderar a participação de todos os elementos tornou-se bastante difícil, acabando por existir pessoas que, no que diz respeito à participação, se sobrepuseram a outros. Deste modo, tentei, estimular a participação dos elementos menos participativos e procurei, também captar as suas vozes com as entrevistas realizadas *a posteriori*.

Outro aspeto cuja análise e adequação se tornou premente refere-se ao facto de as discussões focalizadas em grupo, quando inseridas em projetos de investigação, serem tipicamente gravadas e posteriormente alvo de transcrição, devendo esta ser uma reprodução o mais fiel possível de modo a que a sua leitura permita “visualizar” o que ocorreu no grupo e constitua a base da análise de dados (Silva, Veloso e Keating, 2014). A gravação áudio é menos invasiva quando comparada com a gravação audiovisual. Este é também um dos motivos pelo qual se recorre a um gravador para registar a discussão focalizada em grupo. Contudo, a discussão focalizada em grupo com sujeitos que utilizam uma língua espaço-visual leva à inviabilidade de utilizar somente um gravador de áudio. Assim sendo, terão de ser também utilizadas várias câmaras de vídeo, estrategicamente colocadas para que possam captar, de forma o mais ampla possível, os diferentes ângulos e participantes.

A utilização de câmaras de vídeo mostrou-se essencial, uma vez que, muitas vezes, a interpretação simultânea do que estava a ser proferido tornou-se impraticável pela impossibilidade de captar os discursos que ocorriam ao mesmo tempo, como se referiu acima. Desta forma, aquando da transcrição da sessão, foi necessária uma análise minuciosa dos vídeos, em conjunto com a intérprete de língua gestual portuguesa, de modo a se poder comparar opiniões, para registar alguns discursos paralelos que se perderam no calor do debate, tal como acontece na investigação com falantes de língua oral (Macedo, 2009). Tal como esta autora, Galego e Gomes (2005) salientam a importância das expressões corporais e faciais, tom de voz, que neste caso poderá traduzir-se na intensidade dos gestos, entre outros aspetos subjacentes ao discurso para a

total compreensão do significado do que está a ser proferido. A captação de imagem tornou-se, assim, uma mais-valia para o registo destes aspetos uma vez que nos permitiu analisar, mais de uma vez, quando necessário, todas estas peculiaridades que, de outra forma, poderiam passar despercebidas.

3.2.5. Análise dos Dados – Fases, processos e os dilemas na sua realização

Uma vez realizada a discussão focalizada em grupo pode dar-se início à quarta fase, a análise dos dados. Esta parte da transcrição das falas dos participantes . De modo que essa transcrição constitua uma base sólida para a análise de dados, é essencial que seja elaborada de modo fiel e fidedigno, ou seja, respeitnado o máximo possível a intencionalidade expressa pelos participantes (Macedo, 2009). Contudo, uma transcrição precisa necessita não só de uma ponderada e minuciosa captação da discussão focalizada em grupo, através dos aparelhos eletrónicos para o efeito, mas também a complementaridade com notas recolhidas pelo moderador aquando a sessão (Bloor et al., 2001; Macedo, 2009)). Para além das notas que o moderador possa ter obtido, como destacam Galego e Gomes (2005), este detém informações privilegiadas sobre expressões corporais e faciais, tom de voz e contextos em que os discursos foram proferidos, informações também essenciais para produzir uma completa transcrição. Assim sendo, o moderador torna-se essencial no processo de descodificação e interpretação para a realização da análise de dados.

Devido a todas as particularidades e especificidades descritas no parágrafo acima, a transcrição torna-se uma das tarefas mais intensas e morosas deste método de recolha de informação, podendo chegar a atingir até oito vezes mais o tempo de gravação (Stewart e Shamdasani, 1990). No caso da discussão focalizada em grupo com participantes utilizadores de uma língua espaço-visual, esta transcrição torna-se ainda mais prolongada e complexa, uma vez que há que ter em atenção a utilização de uma língua diferente e as possibilidades de interpretação e tradução dessa mesma língua.

De acordo com Bloor et al. (2001), a análise de dados referente a uma metodologia qualitativa pode ser elaborada de várias formas, mas, de forma geral, este tipo de análise é realizada ao longo de três etapas. A primeira, nomeada pelos autores “codificação”, acontece, após a transcrição e a leitura e releitura da mesma, um processo

de atribuição de categorias e, se necessário, subcategorias. Na segunda etapa, denominada “armazenamento”, faz-se uma compilação de todos os excertos do texto referente à mesma categoria de modo a poder comparar esses excertos e retirar dessas comparações informação pertinente e relevante para o estudo. Na terceira e última fase, designada “interpretação”, realiza-se uma análise interpretativa dos dados recolhidos nas fases anteriores.

Assim, uma das últimas fases deste trabalho coincidiu com uma análise dos discursos dos participantes. Essa análise começou por uma primeira leitura das transcrições já realizadas numa procura de compreender quais os temas que emergiram aquando a discussão focalizada em grupo. Deste modo foi possível construir uma grelha de categorias, temas emergentes e subcategorias (apêndice 7). Essa grelha foi essencial para organizar as falas, ideias e opiniões de todos os participantes e podermos desenvolver uma análise das mesmas. Após a construção da grelha, que colminou em quatro categorias, cada uma delas com um número significativo de temas emergentes e subcategorias, foi possível, categoria a categoria, fazer uma viagem pelas falas dos jovens surdos, evidenciando as crenças e posições de todos os participantes e destacando as suas vozes como elemento principal deste projeto. Ao longo da análise tornou-se também essencial ir fazendo um paralelismo com o enquadramento teórico anteriormente desenvolvido de modo a sustentar as ideias que foram sendo apresentadas e numa procura de promover consistência a todo o trabalho.

A realização da análise mostrou-se um trabalho complexo devido à necessidade de categorizar os discursos dos participantes. No decorrer na discussão focalizada em grupo, muitas vezes, os jovens surdos dispersaram do tema, debatendo questões não relacionadas com as temáticas do projeto. A decisão de realizarmos esta metodologia, criando espaço para que os participantes se pudessem expressar de forma não tão estruturada, levou a um trabalho moroso e exaustivo no tratamento dos dados obtidos.

3.2.6. Divulgação dos Resultados

Após a realização das quatro fases anteriores, cabe ao investigador efetuar a quinta e última fase, a da divulgação dos resultados. De uma forma geral, os resultados do estudo são divulgados sob forma de relatório escrito. No entanto, este é um processo

complexo uma vez que é necessário tornar acessível e compreensível a análise dos dados realizada. De modo a tornar essa análise lógica e explícita, Morgan (2010) alega que a utilização de citações dos relatos dos participantes é essencial, uma vez que possibilita a conexão entre o leitor e o participante, tornando a análise mais credível e direta. Para além da divulgação dos resultados, é também importante que exista uma devolução aos participantes. Esta poderá ser feita através de, por exemplo, uma sessão de apresentação, acabando por, desta forma, se fechar o ciclo de todo este processo.

3.3. *Entrevistas Individuais*

Como se referiu, esta pesquisa fez recurso à discussão focalizada em grupo como método principal tendo as entrevistas a principal finalidade de colmatar algumas lacunas a nível de informação e, desse modo, podermos desenvolver um trabalho mais sustentado. Compreendemos então que a utilização de entrevistas individuais, mesmo que como método secundário, beneficiaria este trabalho, dando a oportunidade de desenvolver alguns temas que não foram tão debatidos no decorrer da discussão focalizada em grupo e trabalhar mais profundamente a história de vida de cada um. Esta ideia é corroborada por Amado quando este afirma que “a entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos” (2017: 207).

Assim sendo, na atualidade, a entrevista, enquanto método, assume um número variado de formas e pode ser classificada de diferentes modos (Amado, 2017). Amado (2017), apresenta um conjunto de classificações para esta metodologia: a entrevista estruturada, que aborda um tema restrito e, por esse motivo, as perguntas são fechadas e estandardizadas, não existindo flexibilidade no processo; a entrevista semiestruturada, em que as questões são colocadas numa ordem lógica, tendo em conta o que o investigador pretende obter, sendo que a interação permite a liberdade de resposta por parte do entrevistado; a entrevista não-estruturada, que parte de um grande tema, e procura entendê-lo, através de questões que derivam da própria interação, não existindo categorias prévias e delimitadoras; e a entrevista informal, que pode também ser descrita como uma conversação. Estas quatro formas de entrevista obrigam,

incontestavelmente, a uma adaptação do investigador, cabendo a este, enquanto moderador, orientar a sua entrevista de acordo com os seus objetivos.

Após a exposição e entendimento das diferentes formas de entrevista, podemos dizer que, no decorrer deste projeto, utilizamos entrevistas semi-estruturadas. A escolha desta forma de entrevista deveu-se ao facto de termos previamente pensado nas informações que queríamos obter, contudo tem-se em conta que “se eu escuto, é porque um outro fala e é responsável pelo aparecimento, pela emergência de um gesto, de um sentido, de uma significação, de uma palavra” (Berger, 2009: 190). Assim sendo, tencionamos que os nossos entrevistados usufríssem de alguma liberdade e flexibilidade nas suas respostas, acreditando que isso iria trazer-nos discursos mais completos, expressivos e significativos.

Uma vez que utilizei entrevistas semi-estruturadas, no ponto seguinte, irei debruçar-me de modo mais aprofundado sobre esta forma de entrevista.

3.3.2. Entrevistas Semi-Estruturadas

Segundo Amado (2017), a entrevista semi-estruturada tem como finalidade responder a três pressupostos: deve ser utilizada como meio de recolha de informação, deve respeitar os objetivos da investigação, para experimentar e apontar hipóteses e deve ser utilizada em conjunto com outros métodos.

Para desenvolver este tipo de entrevista é necessário ter em atenção um variado número de aspetos e uma exaustiva preparação de modo garantir a validade da mesma (Amado, 2017). As características das pessoas que iremos entrevistar são um dos aspetos a ter em conta, isto é, “deve tratar-se de pessoas que pela sua experiência de vida quotidiana, pelas suas responsabilidades, estatuto, etc., estejam envolvidas ou em contacto muito próximo com o problema que se quer estudar” (Amado, 2019: 214). Nesta pesquisa, foram realizadas três entrevistas a três dos seis elementos participantes da discussão focalizada em grupo. Optamos por entrevistar os três elementos surdos com implante coclear por assumirmos que, uma vez que contactam com a realidade do implante diariamente, possuem a proximidade necessária para abordar o tema. A experiência com essa realidade pareceu-nos benéfica para aprofundarmos questões de identidade e podermos complementar a informação obtida com discussão focalizada em grupo.

Outro aspeto essencial é a elaboração do guião de entrevista. Segundo Amado (2017), o guião resulta de uma exaustiva preparação para a entrevista e nele deve conter a formulação do problema, os objetivos que se pretende alcançar, as questões orientadoras numa ordem lógica para o investigador e perguntas de recurso, para serem utilizadas caso o entrevistado não desenvolva a sua resposta e, por esse motivo, não permita ao investigador extrair o grau de explicitação pretendido. A elaboração deste guião deve ser minuciosa de modo a conseguirmos criar um referencial organizado e não um questionário exaustivo (Amado, 2017).

Como acima mencionado, as diferentes formas de entrevista obrigam a uma diferente forma de condução. Vários autores apresentam um conjunto de aspetos a ter em atenção aquando da condução de uma entrevista semi-estruturada. Amado (2017) reuniu todos esses pontos numa listagem simples e precisa. Desse modo, o investigador/moderador da entrevista deve, de uma forma geral, assumir o papel de ouvinte, mostrando-se disposto a aprender, utilizando frequentemente sinais verbais e não verbais de reforço e evitando dirigir a entrevista, criando assim um laço de confiança com o entrevistado. Não deve também, de forma alguma, influenciar o entrevistado, mantendo sempre uma postura neutral e deve possibilitar o alargamento dos temas pré propostos, não restringindo a conversa. O investigador/moderador deve ainda esclarecer o entrevistado e verificar se este entende o que está a ser dito ou pedido. Por último, devem também ser tomadas algumas notas, de forma discreta, que servirão de auxílio aquando da transcrição e análise da entrevista.

Desta forma, e tendo como base as aprendizagens adquiridas ao longo do mestrado em ciências da educação e as leituras realizadas, elaboramos os guiões de entrevista, procurando obdecer a todos os objetivos acima elencados. Nas três entrevistas foi, mais uma vez, utilizado a gravação de áudio e vídeo e contou-se com a presença de uma intérprete de língua gestual portuguesa, por todos os motivos já acima enunciados. No decorrer das entrevistas procurou-se, enquanto moderadora, assumir um papel neutral, ouvindo com atenção o entrevistado, manifestando através da expressão facial e corporal o total interesse e a compreensão do que estava a ser dito, não interrompendo o discurso e tentando, sempre que necessário, de uma forma educada e paciente, pedir a clarificação ou o alargamento de algum tema que estava a ser desenvolvido pelo entrevistado. Após a realização das entrevistas, foi feita a transcrição das mesmas, do mesmo modo que já havia sido feita a transcrição da discussão focalizada em grupo.

No decorrer desta viagem pela metodologia, com contributos de diversos autores, foi possível clarificar os seus princípios e procedimentos e compreender quais as vantagens e desvantagens na sua utilização. Contudo é importante ter em atenção que poucas são as investigações na área da surdez que utilizam a discussão focalizada em grupo. Por esta razão torna-se necessário ponderar a sua aplicação e compreender a necessidade de adequar e adaptar este método à realidade Surda. Procurei trazer esse contributo com este trabalho, evidenciando também que esta metodologia foi essencial para a construção da percepção e entendimento do tema e para a riqueza dos dados que recolhemos. Deste modo, as barreiras que encontramos e as adequações que conseguimos produzir foram cruciais para este estudo, tendo uma influência positiva para a investigação com um grupo constituído por participantes surdos.

Capítulo IV – Análise de Conteúdo e Discussão de Resultados

Introdução

“É difícil perceber o que é que é a identidade” (Beatriz, DFG, 2019). Esta foi uma das primeiras questões com que o grupo de seis surdos participantes da discussão focalizada se deparou quando começaram a refletir e debater o tema. No entanto, pouco a pouco, foram em conjunto desbravando o conceito, lançando para discussão diferentes ideias que lhes pareceu caber na sua compreensão da temática. Assim, no decorrer de uma hora e meia, a conversa foi enriquecendo à medida que os participantes partilhavam as suas histórias e experiências. Foi essa partilha que levou a que os próprios participantes se elevassem, pois iam descobrindo neles mesmos opiniões sobre quais nunca tinham refletido e entendimentos que não sabiam que tinham. Deste modo, ao longo da discussão é possível compreender algumas mudanças de posição, assim como a maturação de algumas noções e opiniões. Este foi o grande ganho aquando a realização da discussão focalizada em grupo. Talvez sem esta metodologia a ascensão de todos os intervenientes, ascensão essa tão enriquecedora para este projeto, não seria possível. No entanto, torna-se importante realçar que este projeto surge como promotor de debate sobre a temática do implante coclear, uma vez que, com o desenvolvimento da tecnologia, este dispositivo tem vindo a influenciar cada vez mais a comunidade surda e a construção do indivíduo surdo. Assim, ao longo deste projeto, muitas questões e problemáticas foram levantadas, contudo não foi possível, devido à escassez de estudos sobre o tema, responder a todas as interrogações com que nos fomos deparando.

Assim sendo, ao longo deste capítulo faremos uma pequena viagem pelas vozes dos seis participantes, focando-nos nas quatro categorias criadas “O implante coclear”, “A construção da identidade”, “Violência simbólica” e “Trajetória pessoal” e ainda nos diferentes temas que emergiram referentes a estas categorias, tendo como base as vozes de quem vivencia todos os dias as realidades apresentadas. Intercalando com a análise, realizaremos também a discussão dos resultados obtidos, uma vez que nos faz sentido fazer esta triangulação entre a análise, discussão e teoria para a compreensão do projeto como um todo.

4.1. Categoria 1 – O implante coclear

“Na minha opinião eu acho que se nascer surdo e depois for implantado, OK, mas jovem, em criança...” (Mateus. DFG. 03/2019). A fala transcrita retrata o primeiro pensamento que foi partilhado no grupo. Os participantes estranharam a colocação do implante coclear numa fase mais avançada da idade, argumentando que se “uma pessoa é surda já há muitos anos e depois de repente, aos 50 anos decide ser implantado isso já me parece uma decisão um bocadinho tardia... também relativamente à estrutura cerebral... não conhece os sons, não foi preparado para isso. Ou seja... se é um surdo profundo não vai ouvir assim de repente... isso não vai correr bem. (Leonor. DFG. 03/2019). Esta ideia é corroborada por Baptista (2005) que argumenta, tal como explicado no enquadramento teórico, que os defensores do modelo socioantropológico da surdez são contra os implantes cocleares também pelo facto destes conduzirem a expectativas irrealistas e demasiado elevadas na família e nos educadores.

Todos os participantes concordaram que colocar o implante coclear tardiamente traria mais perdas do que ganhos, uma vez que é necessário, após a cirurgia, diferentes procedimentos para aprender ou reaprender os sons, terapia da fala, entre outros. Os participantes acreditam que, numa idade avançada, a disposição para essas aprendizagens é já escassa. Niparko e Marlowe (2010) partilham a mesma opinião quando afirmam que o implante coclear apresenta resultados positivos em relação a ganhos auditivos e desenvolvimento da linguagem oral, principalmente quando se realiza a cirurgia em idade jovem. No entanto, esta defesa pela colocação do implante coclear levanta, na ótica dos jovens surdos, uma problemática a ter em atenção. Apesar de defenderem que o implante coclear só faria sentido quando aplicado em crianças, independentemente da posição de cada um deles face a esta decisão, depararam-se com a controvérsia que seria expor uma criança a uma cirurgia tão invasiva que implica, concludentemente, inúmeras mudanças para o futuro.

“Colocar os implantes em crianças é complicado porque não é uma decisão deles, que são pequeninos, é dos pais. Eles não sabem o que é. São crianças” (Leonor. DFG. 03/2019). Com este excerto compreendemos a dualidade desta questão. Se por um lado a colocação do implante coclear em idade infantil seria o expectável, por se acreditar que dessa forma todo o processo seria mais rápido e fácil, por outro lado a

criança não tem ainda a capacidade, maturidade e responsabilidade para tomar uma decisão informada sobre algo que acarreta vários riscos e que irá influenciar toda a sua vida. Assim, começam a debater-se e a questionar se cabe aos pais esta decisão, se os pais têm o direito de escolher em nome dos filhos. Contudo, com ou sem direito, as decisões têm sido tomadas e, segundo os participantes, a decisão recai, na grande maioria das vezes, a favor da colocação do implante coclear. Isto acontece porque existe uma enorme influência de diferentes intervenientes. Beatriz defende que o facto da sociedade ser maioritariamente ouvinte influencia imenso na ponderação e decisão da colocação do implante coclear. “(...) acho que é mesmo a sociedade que é maioritariamente ouvinte, acho que é por causa disso” (Beatriz. DFG. 03/2019). Leonor, surda profunda, sem implante coclear, filha de pais surdos, acredita que, muitas vezes, a família tem um enorme peso sobre a decisão de submeter a criança à intervenção do implante coclear. “Agora há famílias surdas onde nasce uma criança surda e, por exemplo, os avós, os tios, são ouvintes e acabam por influenciar um bocadinho a que a criança seja implantada” (Leonor. DFG. 03/2019). No entanto, na maioria dos casos, a criança surda nasce no seio de uma família ouvinte tendo, consecutivamente, pais ouvintes. Assim sendo, as três surdas implantadas que participaram do grupo focal, Beatriz, Alice e Laura, admitem que foram os seus pais, num desejo de sentirem as suas filhas mais próximas, que optaram pela colocação do implante coclear.

“Foi por causa da minha mãe. Eu antes usava aparelhos. Mas eu estava sempre a retirar os aparelhos [risos] e a minha mãe decidiu colocar-me o implante. O objetivo da minha mãe era que eu ouvisse melhor (...) Eu acho que foi uma tentativa de me transformar em ouvinte, de me colocar a falar. Porque os meus pais são ouvintes, não sabem língua gestual, e eles queriam que eu colocasse o implante e comesse a falar por causa disso (Beatriz. EI. 03/2019).

A história de Alice é idêntica, “os meus pais acreditaram que o implante me iria fazer falar melhor, que era o correto” (Alice. EI. 03/2019). Laura tem um discurso parecido, foi também a sua mãe quem decidiu a favor da colocação do dispositivo. Margarida, surda sem implante coclear, adianta ainda que “se agora dissessem que o implante funcionaria comigo os meus pais iriam querer que eu colocasse” (Margarida. DFG. 03/2019). Contudo, todos defendem que os grandes impulsionadores para a colocação do implante coclear são os médicos, uma vez que, aquando a descoberta da surdez de um filho, “os pais ficam aflitos (...)” (Laura. DFG. 03/2019) e “(...) só querem o melhor para o futuro dos filhos (...)” (Margarida. DFG. 03/2019). Logo, se a

comunidade médica defende a colocação do implante coclear, os pais vão decidir em prol dessa mesma colocação, uma vez que “os pais acreditam sempre no que os médicos dizem” (Margarida. DFG. 03/2019).

Segundo Leonor, a perspetiva da comunidade médica em relação à surdez é simples e, tendo como base essa perspetiva, o seu entendimento sobre o implante coclear é também fácil de compreender.

“(…) se as pessoas têm um problema de coração, a tecnologia também permite criar aparelhos para resolver isso. As tecnologias estão a avançar e no caso das “deficiências” os médicos estão sempre à procura de formas de fazer a pessoa melhorar. Como a surdez é vista como deficiência, investigaram formas para ajudar a ouvir melhor... e é um negócio. Já se sabe que isto é um negócio. (Leonor. DFG. 03/2019).

Contudo, todos concordam que esta visão é redutora e que muita informação fica por transmitir.

“Mas o facto é que os médicos só dizem que o positivo é implantar. E onde é que está o negativo? Ninguém fala sobre isso. Dizem sempre que é muito positivo. É como se o implante fosse sinónimo de vantagem, por exemplo. Não é o caso. Mas eles não falam do resto (...) nestas situações os médicos acabam por ser superiores. Mas os médicos sabem as capacidades de cada pessoa surda? As coisas positivas da comunidade surda?” (Beatriz. DFG. 03/2019)

Seguindo a mesma linha de ideias, Leonor adianta ainda que “(…) se o médico disser que sem implante não haverá um futuro então claro que os pais vão querer que o filho seja implantado (Leonor. DFG. 03/2019). Os discursos dos participantes mostram a indignação dos mesmos perante o facto da comunidade médica transmitir uma visão dos implantes cocleares que, segundo eles, não corresponde à realidade. Coelho, Amorim e Mendes (2012), defendem que a colocação de um implante coclear não pode ser encarada como um tratamento inovador que transforma o surdo num ouvinte. Compreende-se então que existe uma concordância entre os participantes e os autores aqui mobilizados. Os implantes cocleares não podem ser percebidos como a “cura” para a surdez e a ideia de que este dispositivo irá converter a pessoa surda em ouvinte não corresponde à realidade.

O aumento da procura dos implantes cocleares nos últimos anos deve-se, como já foi mencionado, ao facto de vender uma ideia de “transformação” do indivíduo surdo numa pessoa ouvinte, levando então a, segundo os participantes, criar uma imagem

deste dispositivo como sendo um sistema de suporte em muitos segmentos da vida da pessoa surda.

“Sim... Mas eu estava a falar se fosse eu, se fosse eu a ponderar usar o implante. Porque neste caso o filho dele, o Emmet (personagem da série) dizia que, como ele era surdo, via as pessoas, via a sociedade e via que tinha determinadas barreiras. E então parece que o facto de conseguir colocar o implante... (Leonor. DFG. 03/2019)

Iria derrubar essas barreiras... (Margarida. DFG. 03/2019)

já ia facilitar toda a vida dele, já ia conseguir arranjar trabalho e isso não é bem assim. Isso está ligado à pessoa, está ligado a cada um, à força de cada um. Isso depende muito de pessoa para pessoa” (Leonor. DFG. 03/2019).

Na conversa acima transcrita compreende-se a indignação das participantes por defenderem que os excertos da série “switched at birth”, excertos esses que visualizaram no começo da sessão, vendem uma ideia irrealista. No entanto, Laura reconhece o implante coclear na sua vida como facilitador no acesso e sucesso do seu quotidiano.

Sinto-me muito bem (...) Porque o implante ajuda-me, é como se fosse um apoio. Porque nós surdos, com ou sem implante, nós somos pessoas independentes. Coisas básicas, como por exemplo irmos à segurança social, nós temos de ser independentes. E eu tenho sorte porque no geral eu não preciso que o intérprete me acompanhe. Eu posso ir sozinha e sinto-me bem porque eu gosto dessa independência. Então o implante dá-me a oportunidade de fazer estas coisas sozinha. Eu adoro ouvir música, eu não conseguiria viver sem música. Eu sinto que o mundo com sons é o meu mundo. Sinto-me muito bem [risos], não sei muito bem explicar, mas sinto-me muito bem. (Laura. EI. 03/2019)

Alice também acredita que o implante coclear promoveu a sua inclusão na comunidade onde estava inserida e na sua família. “Sim, lembro-me que mudou muita coisa. O som é muito diferente de quando eu era pequenina, de quando eu tinha as próteses auditivas. O som é super diferente. É tudo muito diferente. Depois do implante eu conseguia ouvir melhor, falar melhor, podia conversar, estar e conviver com os meus amigos ouvintes, com a minha família...” (Alice. EI. 03/2019). Já Beatriz não concorda com as colegas e garante que “(...) o implante não foi importante para o meu percurso escolar. O implante deixava-me muito confusa” (Beatriz. EI. 03/2019). A divergência de sentimentos no que respeita ao implante coclear por parte das três participantes que

foram submetidas à cirurgia, realça o facto deste dispositivo não poder ser percebido como a única forma de entender a surdez (Coelho, Amorim & Mendes, 2012).

Leonor, que até então havia manifestado que o implante coclear não influenciava na diminuição dos desafios, admite que “se eu fosse implantada, sim, eu acho que me poderia ajudar em alguma coisa. Ajudar-me a ter mais facilidades e benefícios, menos barreiras (...) imaginando que eu fosse implantada, talvez tivesse um maior acesso à informação e, por consequência, talvez conseguisse ter mais sucesso” (Leonor. DFG. 03/2019).

Mateus, surdo, sem implante coclear, lança para debate uma perspetiva um pouco diferente.

Eu acho que o implante pode servir de apoio ao português. Porque se a pessoa surda crescer a dominar a língua gestual e, depois, com o implante, construir também um bom domínio da língua portuguesa, as coisas ficam mais equilibradas. Irá conseguir compreender melhor as coisas. Por exemplo o significado de algum conceito, o que significam diferentes palavras. (Mateus. DFG. 03/2019)

Estas perspetivas encaram o dispositivo de um modo diferente. Neste ponto, o implante coclear não surge com a função de curar ou remediar a surdez, mas sim como um complemento, não anulando a língua gestual portuguesa, marcador cultural de suma importância na comunidade surda.

Contudo, e apesar de entenderem que o implante coclear poderá trazer alguns benefícios na diminuição das barreiras e desafios, não encaram este dispositivo como sendo resolucionador de todas as dificuldades sentidas pelos surdos. Ao longo de todo o debate os participantes procuraram desmistificar algumas ideias sobre o implante coclear. “O implante não é um milagre.” (Laura. DFG. 03/2019). Nesta fala, Laura defende que o implante coclear não a transforma em ouvinte e garante sentir dificuldades e barreiras idênticas às dos seus pares surdos sem implante coclear. “(...) Agora por exemplo, se estiver num auditório, esquece, não consigo perceber. Há muitas pessoas a falar, muito barulho, não se consegue” (Laura. EI. 03/2019). Isto porque, como explica Alice “o som também é um bocadinho diferente do que era antes. Porque por exemplo as pessoas quando crescem ouvintes e depois perdem a audição, quando colocam o implante o som não é igual ao que era antes. Acho que há uma diferença” (Alice. DFG. 03/2019). Alice continua dizendo que, na escola, se “não tivesse o

professor de educação especial o implante ajudava-me a compreender, mas se o professor se virasse de costas eu já não conseguia perceber. O problema é que a maioria dos professores a lecionar as aulas movimentavam-se e passavam por trás de mim e aí já não conseguia compreendê-los” (Alice. EI. 03/2019). Desta forma, Alice admite sentir, apesar do seu implante coclear, as mesmas dificuldades que Laura, e que todos os seus colegas surdos sem o dispositivo, no que diz respeito à incapacidade de acompanhar uma aula na sua totalidade. Assim, mais uma vez, os participantes reforçam as ideias já apresentadas e fundamentadas por Coelho, Amorim e Mendes (2012) e Baptista (2005) de que, apesar do implante coclear, são inúmeros os desafios e as barreiras com que se deparam diariamente devido à surdez. Também Bat-Chava e Deignan (2001) e Punch e Hyde (2011) defendem esta mesma perspetiva, alegando que crianças e jovens com implante coclear sentem, muitas vezes, dificuldades de comunicação e participação social. Logo, pensamos poder afirmar que a colocação do implante tem sido proposta pela comunidade médica à família e aos educadores como o dispositivo que irá conceder ao surdo a característica de ouvinte, uma utopia que, quando analisando as experiências de quem vive todos os dias com o implante coclear, não corresponde, de todo, à realidade.

Para além disso, não é certo que exista uma adaptação e habituação ao implante coclear. Beatriz, que foi submetida à cirurgia aos três anos de idade, retirou a parte externa do implante coclear, e, na atualidade, prefere não o utilizar. “Não uso. Porque o programa do meu implante mudou e eu não estava habituada. Eu sentia que estava a ouvir diferente. E antigamente não era assim. Eu sentia que os sons das palavras estavam a mudar... É a atualização dos programas. Então eu preferi retirar o implante e ficar só com o aparelho. As mudanças dos programas não funcionaram comigo” (Beatriz. EI. 03/2019). Compreende-se assim que, para além do que já foi mencionado até este ponto, não é certo que exista uma habituação ao dispositivo, uma vez que, muitos surdos, tal como aconteceu com Beatriz, podem não se identificar com o mesmo.

Posto isto, compreende-se que, de acordo com os participantes, o implante coclear pode realmente influenciar na diminuição das barreiras, contudo não deve ser entendido como a “cura” para a surdez, tal como defende a comunidade médica, até porque o implante coclear não transforma por si só uma pessoa surda em ouvinte.

Contudo, apesar de, segundo os jovens participantes, os implantes cocleares, nesta fase, não quebrarem todas as barreiras existentes entre surdos e ouvintes, admitem sentir algum receio de que, num futuro próximo, com o avançar da tecnologia, a comunidade surda se extinga. “(...) esse é o meu maior receio. Que daqui a 20, 30, 40 anos, sei lá, os surdos deixem de existir (Leonor. DFG. 03/2019). A conversa que se segue demonstra de forma clara a preocupação sentida por todos os participantes da discussão focalizada em grupo.

“Ahhh... Mas eu não me acredito nisso, porque isso dos surdos deixarem de existir é... Não sei como explicar. Porque na verdade haverá sempre surdos... Mas com aparelho ou implante. É isso que estás a falar não é Leonor? (Mateus. DFG. 03/2019)

Sim. Mas no futuro, com a evolução da tecnologia, os implantes também vão evoluir...(Leonor. DFG. 03/2019)

Tens receio que com a evolução da tecnologia deixe de existir comunicação em língua gestual, é isso? Hája surdos, mas só oralizem. (Mateus. DFG. 03/2019)

Não há identidade. (Laura. DFG. 03/2019)

Então concordo...” (Mateus. DFG. 03/2019).

Esta ideia parece ir de encontro das investigações de Hyde e Punch (2011) que afirmam que a maioria das crianças com implante coclear que participaram dos seus estudos se compreendia surda, mas apenas num sentido biológico, não atribuindo à surdez significância cultural. Também Wheeler, Archbold, Gregory e Skipp (2007) evidenciam que muitos jovens surdos com implante coclear não se sentiam pertencentes a nenhum grupo ou comunidade, surdo ou ouvinte. Desta forma, percebe-se que a preocupação impressa nas falas dos participantes parece ir ao encontro de alguns projetos já desenvolvidos na área. Isto é, os implantes cocleares têm vindo a promover uma mudança significativa no entendimento do surdo enquanto indivíduo. Posto isto, começamos a questionar-nos se este dispositivo poderá influenciar a construção da identidade da pessoa surda.

4.2. Categoria 2 – A construção da identidade.

Isto está um bocadinho confuso. Eu acho que cada um é que tem de saber... Ora bem, eu tenho mais interesse em quê? Em falar? Eu

consigo perceber o que é dito oralmente? Eu tenho experiência em relacionar-me com os ouvintes? Então OK, eu relaciono-me com ouvintes. Eu tenho que olhar para mim própria e saber o que é que eu consigo ou não e o que é melhor para mim. Se é mais fácil com a comunidade surda ou não. Agora se me é mais acessível a comunidade surda a minha identidade é surda. (Beatriz. DFG. 03/2019)

A fala acima transcrita representa com exatidão a ambiguidade do conceito “identidade”. Os participantes revelaram sentir alguma dificuldade em expressar aquilo que compreendiam sobre este mesmo conceito, uma vez que a identidade não é algo palpável e, como foi sendo compreendido ao longo do debate, abarca inúmeros segmentos da vida de cada um. Logo, não é possível definir “identidade” de uma forma única. Assim, no decorrer da sessão, os participantes foram juntando diferentes fragmentos das suas histórias e experiências de modo a tentarem compreender e transmitir a profundidade deste conceito.

A primeira ideia que surgiu no grupo para explicar identidade foi o convívio com o outro. “Com convívio. Para mim é com o convívio” (Laura. DFG. 03/2019); “Depende da experiência, do convívio com os surdos...” (Margarida. DFG. 03/2019). Beatriz afirma que “a identidade depende muito... é o convívio com as pessoas surdas, com a cultura surda. É a vontade que têm de estar com os ouvintes ou não. No meu caso eu sinto que tenho uma identidade surda porque eu convivo muito com surdos” (Beatriz. DFG. 03/2019). Assim, apesar da dificuldade manifestada pelos participantes em definir o conceito de “identidade”, parece-nos que estes acabaram por ir ao encontro da premissa de Dubar (1997), quando autor afirma que a identidade se constrói através do processo de socialização, de interação com o outro.

Mateus aprofunda a ideia de Beatriz, no paragrafo acima citada, dizendo que

(...) uma criança vai crescendo e convivendo com ouvintes e também com surdos, a criança começa a perceber se se relaciona melhor com os ouvintes ou se se relaciona melhor com os surdos... se de facto se relacionar melhor com os surdos e com os ouvintes for só a comunicação básica, só mesmo por necessidade significa que poderá ter uma identidade surda (Mateus. DFG. 03/2019).

Assim, começou-se a aprofundar-se algumas ideias. Não era somente o convívio, mas o sentimento de pertença a uma comunidade e, segundo os participantes, esse sentimento de pertença engloba inúmeros fatores. Um fator tido como primordial foi a questão da língua. “No meu caso eu tenho uma identidade surda forte porque também acabo por ter uma língua gestual forte. Mas vai depender muito do desenvolvimento da língua gestual (...)” (Margarida. DFG. 03/2019). Margarida faz então um paralelismo

entre a sua identidade e o seu domínio da língua gestual portuguesa e assim como Margarida, todos os participantes acabam por incluir o domínio de uma das línguas, da língua portuguesa e da língua gestual portuguesa, como um fator decisivo na construção da identidade. A importância atribuída à língua gestual portuguesa vai ao encontro das opiniões de variados autores, nomeadamente Chamberlain e Mayberry (2008), Coelho, Amorim e Mendes (2012), Silva (2010), Estanqueiro (2006) e Vaz (2013). Os autores aqui mobilizados também defendem a importância da língua gestual portuguesa, não só para o acesso e sucesso nas várias fases da vida, mas também como promotora de uma identidade emocional, cultural e social positiva.

Contudo, todos a admitiram a importância de dominar ambas as línguas, compreendendo que o bilinguismo é também um marcador importante na construção de uma identidade surda. Leonor compreendeu desde cedo a importância da língua portuguesa, apesar de esta não ser a sua língua materna.

Não é a minha primeira língua mas a sociedade é portuguesa, estamos em Portugal e aqui fala-se que língua? Português. Por isso é importante nós compreendermos essa língua (...) eu queria que os outros surdos vissem isso, vissem que a língua portuguesa é realmente muito importante. Porque sem ela, no futuro como é que iremos comunicar com a sociedade? (Leonor. DFG. 03/2019)

Laura corrobora a opinião de Leonor ao afirmar que “o domínio da língua portuguesa ajuda-nos a prepararmo-nos um pouco para o futuro” (Laura. DFG. 03/2019)

Desta fora, Todos os participantes admitem ser bilingues. “Torna-se mais fácil porque somos bilingues” (Margarida. DFG. 03/2019). Leonor explica que “(...) eu antes não era bilingue. Não tinha a língua portuguesa desenvolvida para poder ser considerada bilingue. Agora sinto que já o sou e realmente é muito positivo. A utilização de ambas as línguas é mesmo muito positivo” (Leonor. DFG. 03/2019). Mateus defende que uma língua complementa a outra no entendimento do mundo e Laura expressa que “nunca considerei que tive uma educação bilingue, porque se tivesse tido tinha, desde logo, desenvolvido ambas as línguas e não somente a língua portuguesa. Mas neste momento relaciono-me muito com a forma como o Mateus explicou as coisas. Sinto que faço aquilo que o Mateus mencionou” (Laura. DFG. 03/2019). Beatriz reforça esta ideia ao afirmar que “(...) é muito importante aprendermos as duas línguas: o português e a língua gestual. Eu aprendi as duas em pequenina” (Beatriz. DFG. 03/2019). Assim,

compreende-se a importância atribuída ao domínio de ambas as línguas independentemente da língua preferencial.

No entanto, a questão linguística, apesar de essencial, não é a única que os jovens surdos consideram no que respeita ao construto identitário. Os participantes realçaram também a importância da história, modelos e marcadores surdos. Lopes e VeigaNeto (2006), explicam cultura como sendo um conjunto de práticas que um determinado grupo sente e vivencia do mesmo modo. Assim, estas vivências deverão ser consideradas marcadores culturais que atribuem ao surdo um sentimento de identificação e pertença. “(...) eu já vou à associação de surdos do porto há muitos anos e vejo como as pessoas mais velhas, os idosos, são um modelo de identidade surda, porque eles lutaram, arregaçaram as mangas, lutaram e exigiram que as suas necessidades fossem tidas em atenção...” (Leonor. DFG. 03/2019). O discurso transcrito demonstra então a importância atribuída tanto aos surdos mais velhos, como modelo de identidade pelas suas histórias e experiências, como também à história da comunidade surda, a essa história recheada de lutas e conquistas pelos direitos que nem sempre tiveram. Desta forma os participantes apontam a relevância da luta na reafirmação da cultura e identidade surda, atribuindo a esta mesma luta um sentido forte de marcador surdo. Assim, Leonor refere que (...) eles lutaram, arregaçaram as mangas, lutaram e exigiram que as suas necessidades fossem tidas em atenção (...) [eles] passavam pelas mesmas experiências, de luta, de discriminação e isso fazia com que existisse um sentimento de comunidade (Leonor. DFG. 03/2019). Contudo, os participantes não entendem esta luta como algo que é somente parte da história, algo acabado. Os jovens surdos compreendem a necessidade de continuar a lutar de modo a fazerem valer os seus direitos e darem continuidade à comunidade surda. “Eu sinto que, com o passar dos tempos, será preciso força para defendermos a comunidade surda” (Mateus. DFG. 03/2019); “(...) E como vai ser o futuro?” (Laura. DFG. 03/2019); “E como vamos lutar pelos nossos direitos?” (Mateus. DFG. 03/2019); “Temos de nos unir.” (Laura. DFG. 03/2019); “Temos de lutar todos juntos, temos de fazer manifestações...” (Alice. DFG. 03/2019).

As falas acima citadas realçam a importância da luta na construção da identidade cultural do surdo. Já Perlin (2004), afirmou que as lutas políticas, sociais, científicas, entre outras são essenciais na conceção do *ser surdo*. Segundo Lopes e VeigaNeto (2006), existe uma necessidade permanente de luta dos surdos para que a sua

identidade possa existir e ser reconhecida. Assim, o conceito de “luta” surge como um importante marcador cultural com que os surdos participantes deste projeto parecem se identificar.

Contudo, apesar de todos os participantes se sentirem identificados com as experiências de luta, discriminação de vários outros surdos, admitem que a influência daqueles que os rodeiam não pode deixar de ser tida em atenção. “(...) eu sinto que eu fui crescendo e os meus pais tentaram pressionar, forçar-me a mudar a minha própria identidade. Eu sinto que não tenho uma identidade surda tão forte porque os meus pais tentaram corrigir isso e eu fui acatando e eu tenho tentado mudar pouco a pouco...” (Mateus. DFG. 03/2019). Neste excerto, Mateus admite os seus pais, ouvintes, influenciaram imenso na construção da sua identidade. Ao afirmar que sente que a sua identidade surda não é mais forte porque os pais o procuram moldar a uma identidade mais próxima da deles, expressa o enorme peso da influência daqueles que fazem parte da nossa vida na construção de quem somos. Leonor e Margarida adiantam ainda que, para além da família, a escola também tem um papel de suma importância. “Sim... Depende sempre de toda a situação... da familiar, da escolar...” (Leonor. DFG. 03/2019); “(...) do nosso percurso escolar: ensino especial, terapia da fala... depende muito... (Margarida. DFG. 03/2019”

Compreendemos então que inúmeros fatores foram considerados importantes e influenciadores para a construção da identidade, validando o que foi dito anteriormente sobre a impossibilidade de atribuir um único significado ao conceito de identidade. No entanto a questão levantada no final do ponto anterior mantém-se: Será também o implante coclear um fator primordial na construção da identidade da pessoa surda? Relativamente a esta questão a opinião dos participantes não foi unanime. Inicialmente afirmaram que o implante coclear, por si só, não influenciava a identidade de cada um. De modo a validar esta ideia, argumentaram que a pessoa surda poderia optar por colocar o implante coclear, no entanto, continuando a estar inserido na comunidade, poderia, mesmo assim, desenvolver uma identidade surda. Desta forma, compreendemos que, inicialmente, os jovens participantes consideravam unicamente relevantes todos os fatores apresentados anteriormente e encaravam o implante coclear como sendo somente um dispositivo de suporte ao acesso e sucesso no quotidiano por parte da pessoa surda sem ter de, necessariamente, influenciar na sua identidade. Assim, muitas falas como “ora o facto de ter implante ou ter aparelho não é importante

relativamente á identidade surda” (Leonor. DFG. 03/2019) ou “(...) eu acho que o implante não influencia em nada na identidade (...) (Leonor. DFG. 03/2019)” foram pronunciadas, principalmente por Leonor. No entanto, enquanto conversam sobre um surdo importante para a comunidade surda portuguesa, surdo esse que consideram um modelo de identidade, Mateus procura levar a que a colega reflita na sua opinião.

“Mas por exemplo o caso do “B”. (...) Ele perdeu a audição e “ai meu deus, como vai ser agora?” Não havia implantes naquele tempo. E o que é que ele fez? Começou a conviver com a comunidade surda, lutou durante muitos anos com e para a comunidade surda... (Leonor. DFG. 03/2019)

Sim... Mas e se houvesse implantes nesse tempo? (Mateus. DFG. 03/2019)

Nunca iria conviver com a comunidade surda. (Leonor. DFG. 03/2019)

É isso...” (Mateus. DFG. 03/2019).

Vemos então, na continuidade do debate, que a opinião de Leonor começa a ser, gradualmente, modificada. Assim, Leonor afirma que

Agora se a pessoa surda colocar um implante no decorrer do seu crescimento, não sabe nada a nível gestual, vai aprender a falar também vai ter ali uma barreira com os surdos porque não vai saber comunicar em língua gestual. E vai ter uma identidade mais ouvinte e não vai ter uma identidade surda, porque não sabe nada sobre a cultura surda ou sobre a língua gestual (Leonor. DFG. 03/2019).

A afirmação acima transcrita leva-nos a compreender que Leonor defende que a colocação do implante coclear influencia o acesso a todos os fatores descritos anteriormente, como por exemplo o contacto com a comunidade, a história e a cultura surda e, simultaneamente, com a língua gestual portuguesa. Assim, a colocação do implante coclear poderá funcionar como inibidor da conexão com a identidade surda.

Num determinado momento Leonor declara que “antigamente não havia implantes, não havia esse tipo de coisas. Por isso se uma pessoa era surda, então pronto, era surdo para tudo” (Leonor. DFG. 03/2019). Esta afirmação mostrou-se crucial no entendimento da opinião da jovem surda. Quando esta nos diz que antigamente, sem o implante coclear, se a pessoa era surda, era surda para tudo, parece não atribuir a característica “surdez” a um surdo implantado, destituindo-lhe simultaneamente a identidade surda. Os restantes colegas parecem concordar com esta influencia por parte do implante coclear. Somente Laura e Alice aparentam alguma discordância. Assim,

Laura aponta que os seus colegas “também não podem pensar assim, porque nós [implantados] temos dificuldades e barreiras na mesma” (Laura. DFG. 03/2019). Percebemos então que Laura parece não consentir que o seu implante coclear a afaste, por si só, de uma identidade surda. Esta ideia parece ser concordante com a opinião de Bat-Chava e Deignan (2001), Punch e Hyde (2011) e Wheeler, Archbold, Gregory e Skipp (2007), já anteriormente abordada, sobre a dificuldade de comunicação e o sentimento de não pertença a nenhuma comunidade, surda ou ouvinte, vivenciada pelos surdos com implante coclear. Esta ideia leva-nos à necessidade de explorar mais a fundo esta questão, tentando compreender o que acontece quando a pessoa surda parece sentir-se no “limbo”, não se identificando com nenhuma comunidade ou identidade.

Assim sendo, no decorrer de toda a sessão, os participantes foram dando algumas pistas sobre a sua própria identidade e a maioria admite, mesmo em diferentes graus, ter uma identidade surda. Margarida amite sentir-se feliz pelos pais não terem optado pela colocação do implante coclear. “(...) ainda bem que eles não me implantaram quando eu era criança porque antigamente era diferente. Eu fico aliviada por eles não o terem feito, porque eu não queria (...)” (Margarida. DFG. 03/2019). Após todo o debate sobre o implante coclear e a sua possível inibição na construção de uma identidade surda, podemos entender esta recusa por parte de Margarida como uma ligação à identidade surda. Já Beatriz afirma claramente que “(...) eu sinto que tenho uma identidade surda porque eu convivo muito com surdos” (Beatriz. DFG. 03/2019). Leonor explica essa sua conexão com esta mesma identidade de forma franca e clara.

Eu sou surda, encontro-me com uma pessoa ouvinte. Já vos aconteceu existir uma quebra na comunicação? Por exemplo não perceberem bem, não perceberem o que está a ser dito? Já a todos nós aconteceu isso não é? Então nós temos estas experiências e depois existe a influência da comunidade surda. Nós crescemos, temos a nossa experiência a nível gestual, cada um de nós sabe língua gestual. E depois há situações em que parece que somos discriminados não é? Acontece... Já todos nós tivemos dessas situações, já sofremos de bullying... E nós somos muito visuais, temos a nossa comunidade, que comunica com as mãos, a nossa cultura... Temos muitos factores que, todos juntos, me levam a sentir que de facto a minha identidade é surda. Eu já tenho muitos anos de experiência... consigo me relacionar muito bem com cada um destes factores, logo essa é a minha identidade (...) É preciso ter uma identidade forte porque nós já passamos por experiências, por várias situações em que não percebíamos o que estava a ser dito oralmente...

Muitas barreiras... E essas barreiras acabam por nos dar um sentimento de pertença a comunidade surda porque já todos passamos pelo mesmo. Não ouvimos pronto... para nós isso é natural. (Leonor. DFG. 03/2019)

Mesmo Mateus, que já havia admitido não ter uma identidade surda tão forte quanto desejaria devido à influência da família, manteve, ao longo de toda a sessão, um discurso concordante com um sentimento de pertença a essa identidade. Deste modo, onde se inserem Laura e Alice, surdas com implante coclear e utilizadoras desse dispositivo?

Laura afirma que “(...) mesmo que sejamos implantados, nós somos surdos na mesma. Porque sem o implante nós não ouvimos nada, não mudamos nada, continuamos a ser surdos” (Laura. DFG. 03/2019). Simultaneamente, a mesma declara que

Agora eu acho que já sou mais fluente em língua gestual. Talvez não tão fluente como outras pessoas surdas, mas nota-se um bocadinho a diferença do antes para o depois. Eu preciso da língua gestual para a minha vida... Mas não está em primeiro lugar. A língua portuguesa continua a ser a minha primeira língua, é a que me identifico mais, porque eu gosto de falar. Também me sinto bem com a língua gestual... Oh [encolhe os ombros e risse], sinto-me bem nos dois mundos (Laura. EI. 03/2019).

Assim, compreendemos que Laura não se define como tendo identidade surda ou identidade ouvinte mas coloca-se, como a própria indica, como pertencente aos dois mundos. Por sua vez, Alice admite que quando colocou o implante coclear se sentiu ouvinte. “Eu vou dizer a verdade... Quando eu fui implantada eu sentia-me ouvinte. Quando eu estava com surdos eu não estava habituada. Eu estava habituada a falar (...)” (Alice. EI. 03/2019). No entanto, a mesma refere que na atualidade se sente de forma diferente. “Depois mais tarde quando comecei a conviver com surdos eu comecei a perder um pouco essa identidade e agora sinto que tenho as duas identidades, que pertenço aos dois mundos, surdo e ouvinte” (Alice. EI. 03/2019). Percebemos então que o discurso de ambas é semelhante. Ambas se relacionam com as duas identidades e se sentem pertencentes às duas comunidades. Pode-se então compreender que tanto Laura como Alice parecem definir-se como tendo uma identidade híbrida. No entanto, se estas duas jovens parecem sentir-se confortáveis com a sua identidade e integradas nas duas comunidades, segundo Mateus há inúmeros casos onde isso não acontece.

Eu conheço pessoas implantadas que não têm identidade nenhuma. Porque não se identificam com nenhum grupo, nem ouvintes, nem surdos. Sentem-se muito isolados... Existe uma quebra de comunicação tanto com ouvintes como com surdos. Eu acho que também existem muitos destes casos. (...) Ainda não encontraram a sua identidade. Não sentem que podem relacionar-se com identidade alguma, nem ouvinte, nem surda (Mateus. DFG. 03/2019).

Assim sendo, se por um lado temos duas jovens surdas com implante coclear que se definem como possuidoras de uma identidade híbrida porque se sentem pertencentes a duas comunidades, surda e ouvinte, por outro lado não podemos desmerecer que, como aponta Mateus, existe outros surdos implantados que podemos igualmente entender como híbridos pelo motivo oposto: a não pertença a nenhuma comunidade e identidade em especial.

Assim, percebemos que, tal como defendem os diferentes autores que temos vindo a trazer para esta discussão, existe uma correlação entre o implante coclear e a construção de uma identidade híbrida. Desta forma, os jovens surdos participantes, começaram por dizer que o implante coclear não influenciava a construção da identidade, mas a partilha de ideias e experiências rápido levou a que mudassem de opinião e encarassem este dispositivo como um enorme influenciador nas questões identitárias dos surdos. Assim, este dispositivo é uma forte influencia na construção da identidade, podendo funcionar como precursor de uma identidade híbrida ou como inibidor da construção de uma identidade positiva, promovendo o sentimento de não pertença a nenhuma comunidade ou identidade. Por este motivo, existe uma preocupação com a “extinção” da comunidade surda, como referido anteriormente, que se prende com a não existência de uma identidade surda. Assim, apesar do implante coclear, como já afirmado, não dever ser percebido como a “cura” para a surdez, admite-se que pode afastar o seus usuários da cultura surda e da língua gestual portuguesa, fomentando uma rutura com a comunidade surda, levando a que esta comunidade, tal qual hoje a conhecemos, desapareça. Desta forma compreende-se a importância atribuída ao conceito de “identidade”, não só como essencial para a conceção de quem somos, mas também para a construção de um corpo social. Esta premissa parece relacionar-se com a perspectiva de Dubar (2006) quando este explica que a identidade define a singularidade de alguém em relação ao outro, mas também identifica a pertença comum do indivíduo num grupo.

Assim sendo, e por muito que o implante coclear possa ser um forte influenciador nas questões de identidade, não deve ser encarado como capaz de ditar, por si só, toda a construção identitária de um indivíduo, uma vez que o conceito de “identidade” engloba inúmeros fatores, todos eles importantes no entendimento de quem somos. Assim, os marcadores culturais surgem como essenciais no sentimento de pertença a uma comunidade e identidade, marcadores esses com que muitos surdos, mesmo com implante coclear, se identificam. Deste modo, a história dos surdos marcada pela discriminação e pela luta de uma comunidade pelos seus direitos, deve ser entendida como um marcador cultural que influencia na construção da identidade, uma vez que as jovens surdas com implante coclear admitiram experienciar muitas das dificuldades sentidas pelos seus pares surdos que não possuem o dispositivo. Desta forma, o implante coclear tornou-se alvo de debate, assim como os motivos que levam à colocação do mesmo. Alguns dos motivos apresentados pelos participantes podem ser enquadrados na categoria que se segue, “violência simbólica”

4.3. Categoria 3 – Violência Simbólica

Nas duas categorias anteriormente abordadas já foram levantadas algumas questões que cabem também nesta categoria e que iremos passar a desenvolver.

Como a minha mãe sabia que eu tinha muito medo de agulhas, porque eu era pequenina. Não me disse nada, não disse que eu iria ser operada, não me contou nada. E pronto, eu pensava que ia para um hotel, que ia de férias, porque era verão... A minha mãe levou-me e foi quando veio o médico que me disse que eu tinha que tomar uns medicamentos por causa da cabeça e eu acreditei. Depois assim de repente acordei e já tinha o implante. Foi assim [risos]. Depois a minha mãe explicou-me e disse-me “olha filha, como tu gostavas muito de ouvir e eu não sabia como é que tu irias reagir...”. Mas a minha mãe fez a melhor opção possível porque eu tenho a certeza que eu iria dizer que não e depois iria arrependê-la. (Laura. EI. 03/2019)

Laura tinha 10 anos quando colocou o implante coclear. Não lhe foi dado nenhum poder de decisão apesar desta, mesmo jovem, já ter idade suficiente para compreender alguns dos aspetos relacionados ao implante. Não lhe foi dado nenhum poder de decisão, assim como também não lhe foi dado o conhecimento do que iria acontecer. Laura pensava que ia de férias, pensava que ia só ao hospital tomar uma

medicação para as dores de cabeça. Acordou com um implante coclear que não teve a opção de saber se queria. Aos 10 anos de idade pode argumentar-se que não tinha ainda a capacidade e maturidade para fazer uma escolha informada e que então, por esse motivo, cabe aos pais, como seus responsáveis, escolher em prol da filha. Os participantes surdos da discussão focalizada em grupo debateram-se, como já foi mencionado, com esta questão: têm os pais o direito de escolher em nome dos filhos? Leonor conta a história de dois surdos seus conhecidos que foram submetidos à cirurgia do implante coclear.

Eu conheço duas situações de pessoas que nasceram ouvintes e depois ficaram doentes e perderam a audição. Com o crescimento os pais decidiram que queriam colocar o implante. OK, o tempo foi passando, colocaram os implantes e sentiram-se mal porque parece que a operação não correu lá muito bem. E então pronto, retiraram o implante. E agora sentem-se como... parece que foram implantados, colocaram-lhes ali uma coisa mas não foi decisão deles próprios (...) Colocar os implantes em crianças é complicado porque não é uma decisão deles, que são pequeninos, é dos pais. Eles não sabem o que é. São crianças. (Leonor. DFG. 03/2019)

Leonor defende, tal como acontece com os outros participantes, que a colocação do implante coclear fará mais sentido em idade precoce, uma vez que, em criança, a predisposição para lidar com toda a dinâmica que ocorre posteriormente à cirurgia é maior. No entanto admite que, éticamente, esta não é a fase mais indicada para se proceder à colocação do implante. Mais uma vez, todos os participantes pareceram concordar, contudo não houve uma resposta sobre o que era correto fazer, ou possíveis soluções para esta situação e, na verdade, não achamos que seja possível, nesta fase, dar uma qualquer resposta ou apresentar qualquer solução, uma vez que se trata de uma questão ambígua que engloba inúmeros fatores. No entanto não podemos deixar que refletir sobre os muitos casos que estão espelhados no exemplo de Leonor, anteriormente transcrito, nem na situação de Beatriz que tinha apenas três anos quando foi submetida à cirurgia, também por opção dos pais e que, na atualidade, escolheu não fazer uso do dispositivo, retirando a parte externa, mas que continua a viver com algo externo a si dentro de si mesma. Não podemos também deixar de questionar se Laura, que hoje defende a atitude de sua mãe, teria esta mesma opinião se algo tivesse dado errado.

As três jovens com implante coclear participantes deste projeto admitiram que foram submetidas à cirurgia por escolha dos pais. No entanto o grupo, durante a conversa, defendeu que essas decisões são toldadas pela opinião médica. Como já

referido anteriormente, segundo os jovens participantes, nestas situações, a perspectiva da comunidade médica prevalece uma vez que os pais se sentem desamparados e acreditam que estes têm a solução que eles, e principalmente o seu filho, precisa. A história de Alice retrata bem esta realidade. “Não me lembro muito bem mas os meus pais contaram-me. O médico começou a pressionar os meus pais, a dizer “olhem que é bom, o implante é bom. Ela vai falar melhor, vai ouvir melhor...” e então os meus pais acreditaram nisso. Então com 6 anos fui implantada. Três meses depois disso comecei a ter terapia da fala e pronto” (Alice. EI. 03/2019).

Contudo, os jovens consideram que, na atualidade, a comunidade médica deveria estar preparada para apresentar diferentes perspectivas no que respeita à surdez para que os pais de filhos surdos possam tomar uma decisão informada. No entanto isto não acontece, havendo uma falta de transparência por parte desta comunidade que apresenta somente a ideia que defende.

“Mas o facto é que os médicos só dizem que o positivo é implantar. E onde é que está o negativo? Ninguém fala sobre isso. Dizem sempre que é muito positivo. É como se o implante fosse sinónimo de vantagem, por exemplo. Não é o caso. Mas eles não falam do resto. (Beatriz. DFG. 03/2019)

O sistema de saúde evoluiu. Os médicos deveriam sempre dizer o que é positivo e o que é negativo, qual é a vantagem e qual é a desvantagem... (Leonor. DFG. 03/2019)

Sim, apresentar as várias opções. (Mateus. DFG. 03/2019)

Se não for implantado como é que vai ser no futuro, se for implantado como vai ser no futuro. Acho que é preciso falar das duas partes para que os pais se possam sentir mais aliviados e saber que se, de facto, têm um filho surdo, como é que vai ser o futuro. Porque se o médico disser que sem implante não haverá um futuro então claro que os pais vão querer que o filho seja implantado” (Leonor. DFG. 03/2019).

Assim sendo, se esta falta de transparência está a influenciar a tomada de decisões informadas, não estará, consequentemente, a prejudicar a vida e o futuro dos surdos? Se a resposta a esta questão for “sim”, não será então esta falta de transparência uma forma de violência para com estes indivíduos e suas famílias?

Ponderando nas questões no parágrafo acima levantadas, é de salientar ainda que duas das três jovens com implante coclear afirmaram sentir-se satisfeitas com o seu implante, uma vez que este funciona, segundo as mesmas, como amenizador das

barreiras do quotidiano. No entanto não podemos colocar de parte os aspetos que têm, até este ponto, sido elencados e que são urgentes de serem pensados aquando a colocação do implante coclear. As questões que, como mencionado anteriormente, se prendem com o facto de a maior parte das cirurgias serem realizadas em crianças que, por o serem, não têm ainda a maturidade e capacidade de tomar uma decisão consciente sobre algo que irá, concludentemente, influenciar toda a sua vida, devem ser encaradas com a importância e o respeito que lhes é devido. O facto da decisão da colocação do implante coclear ficar a cargo dos responsáveis legais da criança, normalmente os seus pais, remete-nos a problemáticas de carácter ético. Isto porque, grande parte das vezes, os pais não possuem o conhecimento necessário para tomar uma decisão informada, uma vez que os médicos apenas apresentam a sua perspetiva da surdez, isto é, uma perspetiva que encara a surdez como um defice que deve ser tratado ou remediado. Desta forma pareceu-nos ser possível categorizar estas questões como uma forma de violência simbólica, uma vez que estas têm vindo a ser cada vez mais disseminadas pelas crianças e jovens surdos. Visto que a sociedade normaliza este comportamento, tanto dos médicos como dos pais, os surdos acabam por aceitar e, também eles, normalizar a atitude. Quando Laura afirma “(...) a minha mãe fez a melhor opção possível” (Laura. DFG. 03/2019), compreendemos o quão esta atitude está enraizada nos jovens surdos. Assim, esta violência continua a propagar-se de forma silenciosa. Podemos fazer um paralelismo com o conceito de violência simbólica de Bourdieu (2001) que explica que esta forma de violência é imposta tendo como base premissas socialmente aceites. Uma vez que a sociedade consente essas ideias, a pessoa ou o grupo que sofre com esta forma de violência, acaba por, também ela, acreditar que é o mais correto. É por este motivo que afirmamos que estas questões carecem de urgente consideração e debate, uma vez que ainda não existe uma resposta ou solução para elas. Logo, espera-se que este projeto possa culminar em trabalhos futuros que se debrucem sobre o tema e possam construir um entendimento sólido que responda aos problemas aqui levantados.

Outra forma de violência que foi, ao longo de toda a discussão, apresentada pelos diferentes participantes foi a discriminação. “O problema é que a sociedade não sabe como adaptar e preferem pessoas que consigam falar. Se a pessoa for surda discrimina logo. E eu acho que não pode ser logo assim, é preciso tempo para conhecer a pessoa e não rejeitar à partida só por ser surda” (Laura. DFG. 03/2019). Alice, após

questionada sobre a discriminação que afirmou ter sofrido nos tempos da escola, tenta explicar. “Sim, eu lembro-me bem... A maioria... [os olhos começam a encher-se de lágrimas] não consigo falar sobre isso... Não consigo” (Alice. EI. 03/2019). Com esta fala compreendemos o quão esta forma de violência pode marcar alguém e o quão, por esse motivo, influencia na construção de nós mesmos. É por esta razão que a discriminação foi várias vezes mencionada pelos participantes como fator importante na história dos surdos, como um marcador cultural surdo uma vez que todos eles, em alguma fase da vida, já sofreram com essa mesma discriminação, sentindo, muitas vezes, uma conexão com a comunidade surda por esse motivo. No entanto, segundo os participantes, os surdos com implante coclear sofrem também discriminação pela própria comunidade surda.

“Eu acho que antigamente era diferente. Já ouvi várias histórias de que antigamente não era assim. Agora já estamos um bocadinho melhor, mais unidos. Mesmo em relação ao implante têm outro tipo de compreensão que não tinham antigamente. (Beatriz. DFG. 03/2019)

Faltava conhecimento. (Alice. DFG. 03/2019)

Não acho que seja desconhecimento. Acho que os surdos pensavam: “É surdo, vai pôr implante porquê?” e discriminavam. Como se o implante nos fizesse perder a nossa identidade surda. (Laura. DFG. 03/2019)

Eu não concordo que seja assim. (Mateus. DFG. 03/2019)

Sim, mas antigamente havia muitos surdos que eram contra o implante. Pensavam “tens implante, vais falar melhor”, pronto, já não és surdo. Mas isso é um disparate. É preciso saber distinguir as coisas. (Beatriz. DFG. 03/2019)

Sim, é isso. Os surdos vêem uma coisa nova... no caso dos implantes já existe há algum tempo, mas vêem uma coisa nova e sentem que no futuro, como a Margarida estava a dizer, pode prejudicar a comunidade surda. E é por isso que são completamente contra e querem que os implantes acabem” (Leonor. DFG. 03/2019).

O excerto da conversa acima transcrito retrata com exatidão a forma como os implantes cocleares são percebidos dentro da comunidade surda. Apesar dos jovens participantes afirmarem que esta discriminação acontecia no passado, segundo Mateus, na atualidade, ainda à algum preconceito no que respeita aos implantes cocleares. “Ainda há muita gente na comunidade surda que tem algum preconceito relacionado com os implantes” (Mateus. DFG. 03/2019). Assim, compreende-se que os surdos com implante coclear sofrem duas formas de discriminação. Por um lado são discriminados

pela comunidade ouvinte pelo facto de serem surdos, por outro lado são discriminados pela própria comunidade surda pelo facto de terem implante coclear. Este facto pode influenciar também a que, como referido anteriormente, os surdos implantados não se sintam integrados em nenhuma das comunidades, podendo, devido a esta falta de integração, sentirem alguma dificuldade face a questões identitárias.

Após todas estas questões, torna-se premente compreender um pouco mais da trajetória pessoal dos participantes surdos, como todas as problemáticas levantadas influenciaram a sua vida e como é que isso contribuiu para a construção de quem eles são hoje em dia.

4.4. Categoria 4 – Trajetória pessoal

O período escolar é primordial para o sentimento de pertença e construção de uma identidade positiva. Assim sendo, este período foi mencionado inúmeras vezes pelos participantes. Todos eles, excetuando Alice, frequentaram as EREBAS. O Decreto-Lei 3/2008 teve como objetivo a criação de escolas que promovessem a inclusão dos alunos surdos através de um modelo de educação bilingue, procurando proporcionar o acesso e sucesso educativo, desenvolvendo a autonomia e uma identidade social, emocional e cultural positivas. Porém, estas escolas causam alguma discordia entre os jovens surdos participantes. Quando Beatriz afirma que “é preciso colocá-lo numa escola de referência para interagir com crianças surdas e começar a adquirir determinadas coisas (Beatriz. DFG. 03/2019), referindo-se a um surdo isolado, torna-se perceptível que esta defende a importância destas escolas para a aquisição de valores individuais, culturais e comunitários. Os restantes participantes corroboram a mesma opinião, compreendendo que estas escolas lhes permite o convívio com os seus pares surdos e ouvintes, possibilitando-lhes desenvolver uma identidade positiva fomentada por esta inclusão. No entanto, Leonor e Laura defendem que, apesar disso, estas escolas não os prepara para o futuro.

“Agora por exemplo em relação à escola “X” [escola de referência de educação bilingue para alunos surdos] eu acho que não prepara os alunos para a faculdade. (Leonor. DFG. 03/2019)

Sim, eu concordo e eu posso falar porque eu estudei lá. Eu já sabia que a faculdade seria diferente, sim, eu já sabia. Mas lá na escola, na maioria das vezes era eu e a “A”. Nós não estávamos integradas com ouvintes e a maioria das vezes a turma era constituída apenas por nós as duas. Nós tínhamos mais ou menos as mesmas capacidades. E como estávamos perto do professor não precisávamos do intérprete. E foi isso que nos ajudou a preparar um pouquinho para o futuro, porque se tivéssemos intérprete não estaríamos nada preparadas. Por isso eu concordo com o que a Leonor disse (Laura. DFG. 03/2019).”

No entanto, Alice, a única dos seis jovens que estudou numa escola regular admite que “se houvesse muito barulho, não, não conseguia compreender. Mas se não houvesse muito barulho sim, conseguia acompanhar. Mas precisava de um professor de educação especial do meu lado, para me explicar melhor” (Alice. EI. 03/2019). Esta fala leva-nos também a questionar se esta jovem adquiriu todas as competências que poderia e deveria. Até porque a mesma explica que, a primeira vez que teve intérprete de língua gestual portuguesa, já no ensino superior sentiu “que foi uma ajuda, porque eu consegui perceber algumas coisas que os professores diziam, algumas palavras mais ricas que antes eu não conseguia perceber. E isso ajudou-me muito” (Alice. EI. 03/2019). Deste modo compreende-se que, apesar de Alice ter dito, num primeiro momento, conseguir acompanhar as aulas no ensino regular, admite, posteriormente, que esse acompanhamento não era feito na totalidade. Já Mateus explica “eu cresci integrado com surdos e era assim que eu me senti-a bem. Comunicávamos em língua gestual e trabalhávamos o português e iam desenvolvendo. Os ouvintes têm um ritmo mais rápido. Nós surdos não, é preciso ir com mais calma. Os surdos têm o seu próprio ritmo para compreender as coisas” (Mateus. DFG. 03/2019). No entanto, quando se refere ao ensino superior clarifica “eu percebo sim, mas... falta alguma coisa... Imaginem uma faculdade só de surdos... era muito melhor... Adaptava-se o ritmo e conseguiríamos acompanhar muito melhor” (Mateus. DFG. 03/2019). Compreende-se então que existe ainda um desfasamento entre o período escolar e o ensino universitário. Admitindo que este desfasamento possa existir mesmo com os ouvintes, percebe-se que, segundo os participantes, este é mais profundo dentro da comunidade surda. Os participantes vão elencando diferentes ideias para explicar a profundidade deste desfasamento. Laura afirma que mesmo “com intérprete, na faculdade às vezes não consigo acompanhar. Porque é tudo muito rápido, depois a intérprete fica bloqueada, até porque muitas vezes não conhece bem a área.” Desta forma, Laura aponta o ritmo demasiado rápido em que

as aulas são lecionadas, algo que já tinha sido apontado por Mateus, e aponta também a falta de especialização das intérpretes de língua gestual portuguesa. Contudo, apesar disso, a maioria dos participantes afirma estar satisfeito com a interpretação para língua gestual portuguesa no ensino superior, surgindo então várias opiniões positivas sobre esse facto, como por exemplo “aquilo que mais me marcou foi quando tive, pela primeira vez, acesso à intérprete (...) eu senti que foi uma ajuda, porque eu conseguia perceber algumas coisas que os professores diziam, algumas palavras mais ricas que antes eu não conseguia perceber. E isso ajudou-me muito” (Alice. EI. 03/2019) e também

“Mas aquilo que senti que foi um alívio aqui na faculdade foi a intérprete ser colocada uma semana depois das aulas iniciarem. Porque na escola era sempre um mês depois... Aqui não, foi uma semana. E eu fiquei super contente. E devia ser assim em todo o lado, escolas incluído. Porque quando eu entrei na faculdade eu tinha muito receio porque eu não queria perder matéria. Porque era um mundo novo, não conhecia nada, não conhecia ninguém... E a intérprete foi um alívio porque facilitou a relação com os meus colegas, também relativamente aos trabalhos de grupo... e ajudou-me muito a conviver e a relacionar-me com os outros. Para mim, nessa primeira fase, isso foi o mais importante, ter intérprete uma semana depois. Foi mesmo um alívio para mim” (Laura. EI. 03/2019).

Para além dos argumentos apresentados por Leonor, Beatriz acrescenta ainda que em “algumas matérias eu não conheço os conceitos e eu não consigo acompanhar (Beatriz. EI. 03/2019). Compreende-se então que, devido ao facto de no ensino superior se estudar uma área de especialização, existe inúmeros conceitos específicos para os quais não existe referente gestual. A fala de Beatriz demonstra a premente necessidade de criação de gestos para estes conceitos de modo a ser mais fácil o acompanhamento das aulas. Assim, compreendemos a enorme preocupação dos jovens surdos no que respeita a sua educação, percebendo que esta educação é essencial para a construção de quem são. Se as metodologias que têm vindo a ser adotadas nas escolas e faculdades não permitem a aquisição de todas as aprendizagens e competências necessárias para um futuro, a construção da identidade é, inevitavelmente, influenciada. Isto porque não podemos esquecer que nós, seres humanos, somos seres em constante construção e, por esse motivo, a conceção de quem somos é também um processo. Esse processo vai sendo desenvolvido através das nossas experiências e aprendizagens. Assim, se as aprendizagens em fase escolar, fase essencial, como já referido, para a construção do

indivíduo, são aos surdos vedadas, a construção de uma identidade positiva fica comprometida.

Para além disso, como explicado anteriormente, aqueles que nos rodeiam também têm um papel importantíssimo para a construção de nós mesmos. Deste modo, os participantes não puderam deixar de mencionar as suas relações com os seus pares. Todos afirmaram ter melhores relações com os seus pares surdos, uma vez que existe menos barreiras na comunicação. “É uma relação boa. Comunicar através da língua gestual. É a minha língua, comunico de forma mais fluente. É natural” (Beatriz. EI. 03/2019); “Com os surdos (...) é mais fácil comunicar, a comunicação é mais acessível, é como se não houvesse barreiras (Laura. EI. 03/2019). Só Alice parece não fazer distinção das relações que estabelece com surdos e ouvintes. “É exatamente igual” (Alice. EI. 03/2019). Por esse motivo foi a única que afirmou que, na atualidade, no ensino superior, sente-se mais incluída. “A faculdade é muito diferente da minha antiga escola. Na escola não havia muita comunicação. Eu queria falar com alguém e não conseguia falar à vontade. Aqui não. Aqui eu consigo falar à vontade. As pessoas ajudam-me, eu consigo comunicar com mais à vontade, tenho colegas novos, amigos novos... é melhor” (Alice. EI. 03/2019). Em contrapartida os restantes jovens surdos participantes deste projeto admitem sentir-se mais isolados agora no ensino superior uma vez que a comunicação com ouvintes enfrenta maiores desafios. “Às vezes da para comunicar de forma mais acessível. Outras vezes não nos compreendíamos. Por exemplo, algumas palavras eu não compreendia. Tinha de tentar fazer leitura labial. Às vezes tinha de pedir para repetir, pedir para escrever. Ou tentava desenhar ou através de mímica também” (Beatriz. EI. 03/2019); “Com os ouvintes às vezes eles esquecem-se que eu sou surda e que é preciso estarem de frente para mim. Por vezes falam atrás de mim e eu ouço sim, mas não consigo compreender o que dizem, têm mesmo de falar de frente” (Laura. EI. 03/2019). Apesar de Alice não diferenciar as suas relações com surdos e ouvintes, também admite partilhar da mesma dificuldade dos colegas. “Se eles falavam rápido eu não percebia. Então aí eu tinha de os chamar a atenção e pedir para falarem mais devagar. Ou então utilizava mímica para tentar que a comunicação fosse mais acessível” (Alice. EI. 03/2019). Deste modo, compreende-se que mesmo que o implante coclear funcione como suporte para a diminuição de barreiras comunicacionais, as jovens surdas utilizadoras deste dispositivo parecem apresentar de igual modo dificuldades na comunicação com pessoas ouvintes. A facilidade na

comunicação e relações com surdos e, em contrapartida, as barreiras comunicacionais com ouvintes que estes jovens foram encontrando ao longo da sua trajetória pessoal influencia, consequentemente, a construção da sua identidade.

Assim, compreendemos que apesar de o implante coclear ser um forte influenciador na construção da identidade, não pode ser entendido como o único fator a ter em atenção. A análise desta categoria mostra-nos que há um número significativo de outros aspetos que influenciam a identidade dos jovens surdos, aspetos esses que todos os participantes, sem e com implante coclear, parecem sentir-se identificados, mesmo que em diferentes graus.

Considerações Finais

Chegando a este ponto, torna-se importante refletir sobre os aspetos mais relevantes deste trabalho. Assim, parece-nos essencial, numa primeira fase, perceber que este projeto surgiu pela necessidade de compreender algumas questões de carácter identitário nos surdos com implante coclear. Enquanto intérprete de língua gestual portuguesa o processo de construção de identidade em jovens surdos com implante coclear mostrou-se extremamente relevante para o conhecimento do indivíduo como um todo. No entanto, nunca foi nossa intenção responder a todas as questões, até porque sempre foi nosso objetivo utilizar uma metodologia capaz de evidenciar as “vozes” dos participantes surdos. Logo, a discussão focalizada em grupo permitiu criar um espaço de partilha de vivências e experiências, onde o foco era dado pelo grupo. Assim, sempre soubemos que iriam ser levantadas questões para as quais não iríamos ter ainda a resposta, uma vez que o implante coclear é um dispositivo recente e os estudos ainda escassos. Contudo, não julgamos que o facto de não termos apresentado respostas ou soluções para todas as problemáticas que foram surgindo desmereça o nosso trabalho. Muito pelo contrário. Este projeto levanta questões pertinentes, urgentes de serem pensadas e trabalhadas à luz da realidade atual e é por esse motivo que este trabalho, tal como tantos outros no âmbito das Ciências da Educação, não é um trabalho finito ou estanque. Assim, a importância deste projeto encontra-se também no facto de nos permitir questionar atitudes, ideias e conceitos e, deste modo, poder levar-nos a a investigar mais a fundo e construir cada vez mais entendimentos nesta área que carece disso mesmo.

No entanto, pensando nos objetivos a que nos propusemos no início desta investigação, sendo eles estudar e compreender o processo de construção identitária em jovens surdos com implante coclear e contribuir para a compreensão do processo de construção identitária em jovens surdos com implante coclear, pensamos ter reunido dados relevantes que nos permitem responder a esses mesmos objetivos. Contudo, não podemos esquecer que o conceito de identidade é um conceito complexo que encerra em si mesmo uma multiplicidade de significados. Assim, os dados que inferimos têm como base as vivências e experiências de um grupo específico.

Desta forma, no que respeita à compreensão do processo de construção identitária, considerou-se que existe um variado número de fatores que influenciam na conceção de quem somos. Os fatores que foram elencados pelos participantes foram a influência da comunidade onde estamos inseridos e o sentimento de pertença a essa mesma comunidade, a influência da família e dos pares, a língua dominante, marcadores culturais e a nossa história, vivências e experiências. Assim, quando salientamos a construção da identidade em jovens surdos com implante coclear, considerou-se que este dispositivo pode permitir o acesso a duas comunidades, surda e ouvinte, possibilitando a criação de experiências positivas junto de ambas, e promover o acesso a duas línguas, a língua portuguesa e a língua gestual portuguesa. Assim, os surdos com implante coclear sentir-se-ão identificados com mais que uma identidade, construindo, deste modo, uma identidade híbrida. No entanto, considerou-se também que o implante coclear pode, por sua vez, inibir o acesso a qualquer comunidade, impossibilitando a criação de vivências positivas junto das mesmas e dificultar a assimilação de uma qualquer língua de forma plena. Deste modo alargamos o conceito de “identidade híbrida” e compreendemos que este pode estar associado a um não sentimento de pertença a uma qualquer comunidade e identidade. Esta última situação leva a uma enorme preocupação do que, num futuro próximo, a comunidade surda se extinga, isto é, que o implante coclear leve a que a identidade surda se desmoreça. Compreende-se então a importância atribuída à identidade. O conceito de identidade torna-se mais complexo, uma vez que não é apenas atribuído a um indivíduo e à sua individualidade, mas sim a uma comunidade, a um grupo social.

Todavia, torna-se importante realçar que outras questões foram levantadas, questões essas que, numa primeira instância, podem não parecer relacionar-se de forma direta com a problemática da identidade. No entanto, se pensarmos no ser humano como um ser inacabado, que está em constante construção, podemos compreender que muitos aspetos mencionados pelo grupo participante pode funcionar como as peças do *puzzle* que vão colmatando as nossas lacunas. O número de surdos no ensino superior tem vindo a aumentar todos os anos. O grupo de seis surdos participantes deste projeto parece sentir a urgente necessidade de adaptações e adequações no sistema educativo. Assim, compreende-se a importância de (re)pensar a educação dos surdos, estruturando modelos que vão ao encontro às suas necessidades, à luz da realidade atual.

Considera-se ainda que a utilização de uma metodologia que realça a importância das “vozes” dos participantes trouxe a este trabalho um cunho importante, uma vez que possibilitou a criação de um espaço onde diferentes temáticas relacionadas com a surdez pudessem ser debatidas por quem vive a surdez todos os dias. Foram as vivências e as experiências na primeira pessoa que permitiram o desenvolvimento de um debate tão rico e, concludentemente, possibilitaram dados tão interessantes e necessários. No entanto, é de salientar que a metodologia utilizada não foi pensada à luz da realidade surda e, por esse motivo, muitas foram as barreiras com que nos cruzamos no caminho. Assim, este foi um projeto desafiante, não só pela complexidade da temática e escassez de trabalhos na área da identidade de pessoas surdas com implante coclear, mas também pela inovação metodológica a que nos propusemos.

Os testemunhos dos seis jovens surdos participantes deste projeto trouxeram contributos relevantes e valiosos em diferentes campos dos estudos surdos, nomeadamente identidade, cidadania e cultura. Todos esses contributos colidiram com a influência do implante coclear. Assim, com o aumento dos implantes cocleares torna-se urgente reunir informação que permitam um melhor entendimento da influência destes dispositivos na vida dos reais interessados: os surdos. Deste modo, esperamos que este projeto não só constitua um contributo importante no domínio das Ciências da Educação, mas também possa ser o início de mais trabalhos nesta área e que possa servir de base a futuras investigações.

Referências Bibliográficas

Amado, João (2017). Manual de Investigação Qualitativa em Educação. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Bat- Chava, Yael., & Deignan, Elizabeth (2001). Peer relationships of children with cochlear implants. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 6, 186–199.

Baptista, José Afonso (2008). *Os Surdos na Escola. A exclusão pela inclusão*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

Berger, Guy (2009). A Investigação em Educação. Modelos Socioepistemológicos e Inserção Institucional. *Educação, Sociedade & Culturas*, (28), 175 – 192.

Bloor, Michael, Frankland, Jane, Thomas, Michelle & Robson, Kate (2001). *Focus groups in social research*. London: Sage

Bueno, José (2002) *A Educação Especial nas Universidades Brasileiras*. Brasília: MEC

Carvalho, Paulo. (2007). *Breve História dos Surdos no Mundo e em Portugal*. Lisboa: Surd'Universo

Cass, Vivienne C. (1984). Homosexual identity: a concept in need of definition. *J Homosex* (9), 105-25.

Coelho, Orquídea, Gomes, Maria do Céu e Cabral Eduardo (2006). Diferentes Somos Todos. A Educação dos Surdos como Mediação Cultural. In Rosa Bizarro (Org.). *Como Abordar... A Escola e a Diversidade Cultural*. Porto: Areal Editores, 46 - 58

Chamberlain, Charlene e Mayberry, Rachel (2008). American Sign Language Syntactic and Narrative Comprehension in Skilled and Less Skilled Readers: Bilingual and Bimodal Evidence for the Linguistic Basic of Reading. *Applied Psycholinguistics*. (pp. 367-388). doi: 10.1017/S01427164808017X

Bourdieu, Pierre. (2001). Sobre o poder simbólico. In Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. 07-16. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil..

Chapman, Madeleine e Dammeyer, Jesper. (2017). The relationship between cochlear implants and deaf identity. *American Annals of the Deaf*, 162(4), 319–332.

Christiansen, John, & Leigh, Irene W. (2002). *Cochlear implants in children: Ethics and choices*. Washington, DC: Gallaudet University Press.

Coutinho, Amândio (2006). Representações sociais da leitura e escrita na criança surda. In *Gesto e a Palavra I*. 151-189. Lisboa: Caminho

Dubar, Claude (2006). A Crise das Identidades. A Interpretação de uma Mutação. Porto: Porto Editora

Dubar, Claude (1997). Para uma teoria sociológica da identidade. Em A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora

Duschatzky, Silvia e Skliar, Carlos (2000). *Os nomes dos outros: reflexões sobre os usos dos escolares da diversidade*. (pp.163-177). Revista Educação & Realidade, Porto Alegre.

Estaqueiro, Paula (2006). Língua Gestual Portuguesa – uma opção ou um direito?. In Bispo, Maria, Couto, André, Clara, Maria e Clara, Luís (Coords.), *O gesto e a palavra 1*. (pp.191-220). Lisboa: Editorial Caminho, SA.

Fearon, James. 1999. What is identity (as we now use the word)?. California: Stanford University

Foucault, Michel (2008). *Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, Michel (1995). O sujeito e o poder. In Dreyfus Hubert & Rabinow, Paul, *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense universitária.

Foucault, Michel (1979). *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Galego, Carla e Gomes, Alberto A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184.

Gleason, Philip. 1983. "Identifying Identity: A Semantic History." *Journal of American History*. 6: 910-931.

Hyde, Merv e Punch, Renée. (2011). The modes of communication used by children with cochlear implants and the role of sign in their lives. *American Annals of the Deaf*, 155(5), 535–549. doi:10.1353/aad.2011.0006

Jokinen, Markku (2006). Os Utilizadores de Língua Gestual e a Comunidade Surda. In Bispo, Maria, Clara, Luís, Clara, Maria do Céu e Couto, André (Coord.). *O Gesto e a Palavra I*. Lisboa: Editorial Caminho, 83-108

Kroeber, Alfred. 1949. O Superorgânico. In Pearson, D. *Estudos de Organização Social*. São Paulo: Liv. Martins

Krueger, Richard A. & Casey, Michael A. (2009). *Focus groups: A practical guide for applied research (4th Ed.)*. Thousand Oaks, California: Sage.

Lane, Harlan (1992). *A Máscara da Benevolência. A Comunidade Surda Amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lopes, Eliane (2008). *As origens da educação pública: A instrução na revolução burguesa o século XVIII*. Belo Horizonte: Argvmentvm

Lopes, Maura Corcini (2001). Relações de Poderes no Espaço Multicultural. In Skiliar, Carlos (Coord.). *A Surdez. Um Olhar sobre as Diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação. 105 - 122

Lopes, Maura Corcini e Veiga-Neto, Alfredo (2006). *Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar*. Perspectiva, Florianópolis, (24), 81-100.

Macedo, Eunice (2009). *Cidadania em Confronto. Educação de jovens elites em tempo de globalização*. Porto: Livpsic.

Mintz, Sidney W. (2010). Cultura: uma visão antropológica. *Tempo*. (14)28. 223-237.

Moura, Maria Cecília. (2000). *O Surdo. Caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Editora Revinter.

Morgan, David L. (1996). Focus group. *Annual Review Sociology*, 22, 129-152.

Morgan, David L. (1997). *Focus group as qualitative research*. Thousand Oaks, California: Sage.

Morgan, David L. (1998). *Planning focus group*. Thousand Oaks, California: Sage.

Morgan, David L. (2010). Reconsidering the role of interaction in analyzing and reporting focus groups. *Qualitative Health Research*, 20 (5), 718-722.

Morgan, David L. & Krueger, Richard A. (1993). When to Use Focus Groups and Why. In: David. L. Morgan (Ed.), *Successful Focus Groups: Advancing the State of the Art* (pp. 3-9). Newsbury Park, CA: Sage Publications.

Niparko, John K., e Marlowe, Andrea (2010). Hearing aids and cochlear implants. In P. A. Fuchs (Ed.), *Oxford handbook of auditory science: The ear* (pp. 409-436). Oxford, England: Oxford University Press.

Perlin, Gládis Taschetto. (2004). O lugar da cultura surda. In Thoma, Adriana da Silva e Lopes, Maura Corcini (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc. 73-82

Punch, Renée e Hyde, Merv. (2011). Social participation of children and adolescents with cochlear implants: A qualitative analysis of parent, teacher, and child interviews. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 16(4), 474–493. doi:10.1093/deafed/enr001

Ricoeur, Paul (1969). *Le conflit des Interprétations, Essais d'Herméneutique*. Paris: Du Seuil

Sagoe, Dominic. (2012). Precincts and prospects in the use of focus groups in social and behavioural science research. *The Qualitative Report*, 17(29), 1-16. Retirado em Abril, 16, 2019 de <https://nsuworks.nova.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1784&context=tqr>

Silva, Isabel S., Veloso, Ana L. & Keating, José B. (2014). Focus Group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190.

Silva, Regina (2010). Língua Gestual e Bilinguismo na Educação da Criança Surda. In

Soboul, Albert (1981). *História da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Zahar

Stewart, David & Shamdasani, Prem. (1990). *Focus Group: Theory and Practice*. Thousand Oaks, California: Sage.

Stewart, David W., Shamdasani, Prem N. e Rook, Dennis W. (2007). *Focus groups: Theory and practice*. Thousand Oaks, California: Sage.

Tylor, Edward Burnett. (1920). *Primitive Culture*. Inglaterra: Gordon Press.

Wald L. Rebecca e Knutson F. John. (2001). Deaf Cultural Identity of Adolescents with and without Cochlear Implants. *The Annals of otology, rhinology & laryngology*.

Supplement, 185(12), 87-9. Retirado em Agosto, 01, 2019 de <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0003489400109S1238>

Wheeler, Alexandra, Archbold, Sue, Gregory, Susan e Skipp, Amy. (2007). Cochlear implants: The young people's perspective. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 12(3), 303–316. doi:10.1093/deafed/enm018

Wilkinson, Sue (1999). How useful are focus groups in feminist research? In Jenny Kitzinger & Rosaline Barbour (Ed.), *Developing focus group research*. Londres: Sage.

Referências Legislativas

Decreto-Lei n.º 3/2008. Diário da República, 1.ª série - n.º 4 - 07 de janeiro de 2008.

Decreto-Lei n.º 54/2018. Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06

Apêndices

Apêndice 1 – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Entrevistado nº: _____ Código: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Local _____ de _____ nascimento:

Gênero: Feminino ☐ Masculino ☐

Pais: surdos ☐ ouvintes ☐

Estado civil: casado ☐ solteiro ☐

Tem filhos: sim ☐ não ☐ Quantos? _____

Instituição de Ensino: _____

Curso:

A frequentar: Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Outro: _____

Ano que frequenta: _____

Apêndice 2 – Guião da Entrevista

Guião de entrevista

Investigadora: Ana Isabel Nunes Pinto

Orientadora: Profª Doutora Orquídea Coelho

Coorientadora: Profª Doutora Eunice Macedo

Objetivos: Compreender a relação do percurso de vida (enfatizando o percurso académico) com o processo de construção identitária em jovens Surdos com Implante Coclear.

Bloco 1: Identidade Pessoal	
1 - Compreender as relações familiares - como se comunicavam, o uso da língua gestual portuguesa e/ou da língua oral e a sua importância para a construção identitária e o envolvimento da família no processo de colocação do implante coclear.	1 - A tua surdez é de nascença? Qual é o seu grau?
2 - Compreender qual a perspetiva do entrevistado/a sobre o seu domínio referente às linguas portuguesa e gestual portuguesa – Identificar uma possível língua dominante e a relação desta com a sua identidade.	2 - Com que idade colocaste o implante coclear?
3 - Compreender a influência do implante coclear para a construção identitária – Identificar uma possível ligação entre a colocação do implante coclear e a identidade do entrevistado/a.	3 - Como foi a preparação para a intervenção do implante?
	4 - Como foi o processo depois da colocação do implante?
	5 - Como aprendeste a língua gestual portuguesa? Com que idade?
	6 - Consideras ter uma língua dominante? Se sim, qual? A Língua Portuguesa (oral/escrita) ou a Língua Gestual Portuguesa? Porquê?
	7 - Há alguma memória de infância que te tenha marcado antes da colocação do implante? E depois?
	8 - Como te sentes por teres sido implantado/a? Fala um pouco sobre isso.

Bloco 2: Percurso Escolar	
<p>1. Traçar o percurso escolar – Compreender se o entrevistado/a frequentou a escola regular ou uma escola de referência para a educação bilíngue de alunos surdos. Entender como era a relação com os seus colegas, ouvintes e surdos, e professores e a influência do implante coclear nestas relações, bem como no ensino-aprendizagem. Identificar a aquisição da língua gestual e/ ou o processo de oralização. Compreender a importância destes factores para a construção identitária do entrevistado/a</p>	<p>1 - Quais as memórias que mais te marcaram no decorrer do teu percurso escolar?</p> <p>2 - Como era a tua relação/comunicação com os teus professores? E com os teus colegas ouvintes e surdos? Consideras que o implante coclear teve alguma influência na construção dessas relações?</p> <p>3 – No decorrer das aulas, era-te fácil acompanhar e compreender o que estava a ser lecionado? Consideras que o implante coclear teve alguma influência no acesso a esses conteúdos?</p> <p>4 - Poderias contar algum episódio que tenha sido relevante para ti no tempo da escola?</p>

Bloco 3: Percurso Universitário	
<p>1. Traçar o percurso Universitário – Compreender as grandes diferenças sentidas pelo entrevistado/a na mudança para a universidade. Identificar essas mudanças na relação com os seus colegas e professores e a influência do implante coclear nestas relações e no ensino-aprendizagem. Compreender a importância destes factores para a construção identitária do entrevistado/a</p>	<p>1 - Quais as memórias que mais te marcaram no decorrer do teu percurso Universitário?</p> <p>2 - Como é a tua relação/comunicação com os teus professores? E com os teus colegas? Consideras que o implante coclear tem alguma influência na construção dessas relações?</p> <p>3 – No decorrer das aulas, é-te fácil acompanhar e compreender o que está a ser lecionado? Consideras que o implante coclear tem alguma influência no acesso a esses conteúdos?</p>

	<p>4 - Poderias contar algum episódio que tenha sido relevante para ti na universidade?</p>
--	--

Apêndice 3 – Transcrição da Discussão Focalizada em Grupo

Transcrição da Discussão Focalizada em Grupo

Investigadora – Vamos então dar início à discussão focalizada em grupo e, antes de mais, nós iremos ver excertos de uma série, o nome dessa série é “switched at birth” (troçadas à nascença) e eu vou-vos mostrar vários excertos dessa série de três episódios diferentes. Vocês vão ver a série com atenção, os excertos com atenção e vão pensar o que é que, para vocês, se destaca mais, o que é que para vocês é mais importante. E depois irão falar sobre esse tema, de forma aberta. Vão dar-me a vossa opinião. Não há nada que seja 100% certo ou 100% errado... é a vossa opinião. O importante é vocês me darem a vossa opinião sobre aquilo que viram e sobre os pontos que, para vocês, são mais importantes. E por favor não gestualizem todos ao mesmo tempo, porque se não a intérprete tem um trabalho muito complicado. Vou-vos então mostrar os excertos... [Após a visualização do estímulo inicial] Então... Alguma opinião... alguém quer começar a dizer alguma coisa?

Margarida – Mas vais fazer algumas perguntas?

Investigadora – Não. Vocês podem falar livremente. Eu queria que vocês me dissessem, daquilo que viram... porque vocês viram várias opiniões, de várias pessoas ao longo destes excertos e eu gostava que vocês me dissessem o que é que para vocês teve mais impacto, o que é que se destacou mais.

Alice – Na minha opinião, pareceu-me que o filho (personagem da série) é contra o implante do pai (personagem da série).

Beatriz – Sim... Mas não é só contra... O problema é que o filho está de certo modo a influenciar e a tentar prejudicar o pai. E não importa o que é que a pessoa sente, a perspectiva que a pessoa tem... E ele pode até vir a ouvir bem, mas isso já depende da pessoa. As pessoas são todas diferentes.

Leonor – Mas parece que o facto de colocar o implante vai fazer com que deixe de ser surdo e isso não é verdade. Não é isso que acontece. Há ali uma parte que [expressão de reprovação]... porque Ok, parece que se eu quisesse sem implantada iria falar logo muito bem... iria conseguir falar logo... e isso não é verdade...

Laura – Sim sim, não é.

Leonor – ...isso não acontece... Não é assim. Uma pessoa surda já há muitos anos e depois de repente, aos 50 anos decide ser implantado isso já me parece uma decisão um bocadinho tardia... também relativamente à estrutura cerebral... não conhece os sons, não foi preparado para isso. Ou seja... se é um surdo profundo não vai ouvir assim de repente... isso não vai correr bem.

Beatriz – Depende... Depende das pessoas...

Laura – Sim, é isso, é sempre diferente.

Beatriz - ...pode ter aparelho e depois começar a usar implante.

Leonor – Sim, mas no caso de ser surdo... aqui neste caso ele cresceu surdo.

Beatriz – Sim... Mas pode ter crescido a usar aparelho. Aqui neste caso parece-me impossível. Mas podia estar habituado a usar aparelho e depois passar para o implante.

Leonor – Sim... Mas eu estava a falar se fosse eu, se fosse eu a ponderar usar o implante. Porque neste caso o filho dele, o Emmet (personagem da série) dizia que, como ele era surdo, via as pessoas, via a sociedade e via que tinha determinadas barreiras. E então parece que o facto de conseguir colocar o implante...

Margarida – Iria derrubar essas barreiras...

Leonor - já ia facilitar toda a vida dele, já ia conseguir arranjar trabalho e isso não é bem assim. Isso está ligado à pessoa, está ligado a cada um, à força de cada um. Isso depende muito de pessoa para pessoa.

Laura – Sim, de facto o implante pode ajudar, mas não vai abrir todas as portas.

Margarida – É verdade.

Laura – Só se a pessoa tiver força de vontade, se esforçar... aí claro que sim, vai correr bem. Mas depende sempre.

Margarida – Também depende muito da idade... Nesta situação, se for com 50 anos, vai ser uma perda. É a minha opinião. Não vai ter ganhos. Porque se for pequenino OK. Aprende a língua gestual e depois tem o implante...

Alice – E pode conciliar com a terapia da fala...

Margarida – Sim claro.

Leonor – Eu... [para de gestualizar quando percebe que a Laura ia dizer algo] Diz...

Laura – Ia só perguntar a opinião do Mateus.

Mateus – Eu concordo com tudo...

Laura – Ahhh, concordas com tudo... [risse como que a brincar com o colega]

Mateus – Sim, concordo.

Beatriz – Sim... Mas não dizes nada... Estás aí um bocadinho contraído...

Mateus – Foi dito tanta coisa... Mas eu concordo.

Leonor – Relativamente à questão de investigação, relacionada com a identidade surda... se colocarmos implante iremos perder ou não a nossa identidade... eu acho que depende muito. Podem colocar o implante... Não sou contra... a pessoa escolhe o que quiser. Mas se quiser e depois também quiser crescer junto da comunidade surda e ter influências e depois conseguir ter um modelo a nível gestual...

Margarida – É isso... A língua gestual...

Leonor - ...e da própria cultura surda, isso pode acabar por influenciar a pessoa a sentir-se surdo. E mesmo que tenha implante... mesmo que tenha. Não é só dizer: Ah, é surdo, relaciona-se automaticamente com a identidade surda... Não. Acho que falta também um bocadinho essa ligação. Porque se não tiver implante... por exemplo, há casos de crianças que têm só aparelho e não sabem língua gestual...

Margarida – Claro...

Leonor - ...isso não significa que tenha uma identidade. Ora o facto de ter implante ou ter aparelho não é importante relativamente á identidade surda.

Laura – Também há a família...

Leonor – Sim... Depende sempre de toda a situação... da familiar, da escolar

Beatriz – Se a pessoa só oralizar e não utilizar a língua gestual pode perder um pouco a identidade.

Margarida – Também no caso ele tem uma namorada ouvinte e...

Mateus – Não...

Laura – Não é ouvinte... Ela é surda... Mas é implantada, como eu. É implantada.

Mateus – Sim, é isso.

Margarida – Sim... Mas acaba por influenciar.

Leonor – Sim... Uma coisa é uma pessoa ser influenciada... É preciso deixar escolher por ela própria.

Beatriz – Ouvinte ou com implante eu acho que ela iria acabar por influenciar da mesma forma.

Mateus – Depende.

Laura – Sim... Mas ele vê que a namorada tem e... [encolhe os ombros]

Beatriz – A maioria das pessoas ouvintes influencia os surdos. Os surdos acabam por se influenciar um pouco. Mas eu acho que relativamente à identidade tem de haver um pouco de respeito.

Laura – O pai do Emmet (personagem da serie)... Acho que é Emmet [faz o nome gestual da personagem]

Leonor – Sim... Emmet [realiza o mesmo gesto]

Laura – ...tem uma namorada e não sei o que o fez pensar que agora, aos 50 anos, é melhor ser implamntado... não sei [expressão de dúvida].

Margarida – Eu acho que era pelo facto da família da namorada ser ouvinte. Fez com que agora ele quisesse ouvir.

Beatriz – Sim, mas acho que não é só a família, acho que é mesmo a sociedade que é maioritariamente ouvinte, acho que é por causa disso.

Laura – Pode ser muita coisa...

Leonor – Mas não interessa se escolhe ser implantado ou não. Isso é uma decisão de cada um. A pessoa é que tem de pensar. Por exemplo uma pessoa que tenha 40 ou 50 anos, ouvinte, e de repente perde a audição. Aí pronto, já tem um motivo, está habituado a ouvir desde sempre não é? De repente é que perdeu a audição e então quer ser implantado. Nesse caso tudo bem. Agora estamos a falar de uma situação em que a pessoa é surda desde pequenino, já há muitos anos e de repente vamos colocar um implante... [expressão de estranheza] não sei... Porque sinto que é um bocadinho excluir a sociedade em si, por causa de toda a vivência, todo o trabalho... Portanto, ele quer colocar o implante para sentir que tem alguma igualdade perante os outros... Mas se realmente quer colocar o implante, OK pode colocar o implante, mas depois como é que vai fazer? Vai ter de ter terapia da fala, vai ter de ter um acompanhamento para saber distinguir os sons... isso não é assim... Acho que isso, interiormente, vai fazer muita confusão. Porque de repente qual é a minha identidade, qual é a tua identidade, qual é a de cada um? Acho que isso influencia muito e é um bocadinho confuso... Para mim, na minha opinião.

Alice – O som também é um bocadinho diferente do que era antes. Porque por exemplo as pessoas quando crescem ouvintes e depois perdem a audição, quando colocam o implante o som não é igual ao que era antes. Acho que há uma diferença.

Beatriz – Sim, é diferente. Também depende muito do programa do implante. Mas claro que sim, o som é diferente. Se usarmos um aparelho normal ou se usarmos um implante o som não tem comparação possível.

Mateus – Eu sinto que é um bocado estranho porque por exemplo no caso desse homem, ele colocou o implante e depois já falava logo? Isso é muito esquisito...

Laura – É série... Não é a realidade... Isto não é assim.

Leonor – Mas isso ainda é pior porque parece que está a dar...

Mateus – Sim sim sim... É uma série, não é real.

Laura – É uma série, não é a realidade... [risse] isto demora muito tempo.

Leonor – É uma série mas pode influenciar as pessoas a achar que se coloca um implante e se começa a falar logo. Parece que estão a dar essa ideia ao mundo e isso não é verdade.

Laura – Quem sabe, quem já passou por um implante [aponta para as colegas do lado (Beatriz e Alice)], quem já passou por esta situação vê logo que não é assim que isto acontece.

Beatriz – Sim, mas temos a situação do “S”, ele não ouvia nada, cresceu a não usar aparelho nem implante e depois de repente foi implantado... com que idade? Já não sei que idade é que ele tinha... que idade é que ele tinha?

Alice – 27.

Beatriz – 27. 27 anos. E agora não sei se ele percebe... não sei se ele consegue acompanhar [sorri com expressão de dúvida]

Alice – Eu acho que sim. Eu perguntei-lhe e ele diz que se sente bem mas que o som é diferente.

Beatriz – Mas ele consegue perceber os sons?

Alice – Alguns...

Beatriz – Porque eu tenho dúvidas se ele consiga apanhar tudo, perceber tudo, por exemplo “olá”, “tudo bem”... consegue acompanhar? Porque a série levou-me a pensar... ele cresceu surdo, como é que ele sabe? Como é que ele conhece os sons e consegue perceber o que está ser dito?

Alice – Pode ser uma questão de prática... Vai ouvindo...

Beatriz – Eu mesmo assim continuo a achar estranho. Porque se nasceu surdo tem de fazer um esforço... No caso do “S” ele não fez esforço nenhum, ele começou logo a falar, não sei. Pareceu-me um bocadinho como o “R”

Alice – OK, mas o “R” diz que estava habituado a usar aparelho, depois colocou dois implantes e que consegue ouvir de uma forma espetacular e eu fiquei... [expressão de estranheza] mas como assim?

Beatriz – Sim, mas o facto de no “R” ter existido essa mudança, do aparelho para o implante, pode ter acontecido essa transformação, mas no caso do “S” não sei, acho que foi “O”, acho que não aconteceu nada disso. Acho que são situações diferentes.

Alice – Não sei. Eu perguntei-lhe se ele preferia o aparelho ou se preferia o implante. Ele disse-me que prefere o implante. E eu: OK.

Mateus – Na minha opinião eu acho que se nascer surdo e depois for implantado, OK, mas jovem, em criança. Agora por exemplo, se nasceu ouvinte e mais tarde perdeu a audição, como a Leonor disse, OK, posso concordar com isso.

Margarida – E se a operação não correr bem?

Laura – Acontece...

Margarida – Há o caso da idade, o caso de não ter língua gestual, não ter conhecimento sobre... Eu tenho receio.

Beatriz – Também antigamente era diferente. Havia mais riscos na operação. Agora é mais moderno.

Leonor – Eu conheço duas situações de pessoas que nasceram ouvintes e depois ficaram doentes e perderam a audição. Com o crescimento os pais decidiram que queriam colocar o implante. OK, o tempo foi passando, colocaram os implantes e sentiram-se mal porque parece que a operação não correu lá muito bem. E então pronto, retiraram o implante. E agora sentem-se como... parece que foram implantados, colocaram-lhes ali uma coisa mas não foi decisão deles próprios. [Aponta para o Mateus] Colocar os implantes em crianças é complicado porque não é uma decisão deles, que são pequeninos, é dos pais. Eles não sabem o que é. São crianças.

Mateus – Sim OK, mas se vamos esperar que eles decidam e debater sobre isso e só implantar mais tarde acho que é mais difícil, não dá.

Leonor – Sim, mas as pessoas no caso, agora são adultas e sentem “quem me dera não ter implante”. Agora também temos outras situações de pessoas que dizem que gostavam de ter implante, queriam ouvir. Mas depende sempre das pessoas e da decisão de cada um.

Beatriz – Sim depende. O problema é que a maioria dos ouvintes não sabe o que é ser surdo, não sabe a diferença entre o aparelho e o implante... não sabem nada, não percebem nada. E isso é um bocadinho complicado. Deveriam perceber as coisas positivas e negativas. Mas o facto é que os médicos só dizem que o positivo é implantar.

E onde é que está o negativo? Ninguém fala sobre isso. Dizem sempre que é muito positivo. É como se o implante fosse sinónimo de vantagem, por exemplo. Não é o caso. Mas eles não falam do resto.

Margarida – Os pais acreditam sempre no que os médicos dizem.

Laura – Os pais ficam aflitos. Querem o melhor para os filhos.

Leonor – Sim, mas agora... O sistema de saúde evoluiu. Os médicos deveriam sempre dizer o que é positivo e o que é negativo, qual é a vantagem e qual é a desvantagem...

Mateus – Sim, apresentar as várias opções.

Leonor - ...Se não for implantado como é que vai ser no futuro, se for implantado como vai ser no futuro. Acho que é preciso falar das duas partes para que os pais se possam sentir mais aliviados e saber que se, de facto, têm um filho surdo, como é que vai ser o futuro. Porque se o médico disser que sem implante não haverá um futuro então claro que os pais vão querer que o filho seja implantado. Depois se o filho rejeitar o implante, isso já depende.

Margarida – Sim, é como a Laura disse, os pais só querem o melhor para o futuro dos filhos. Se agora dissessem que o implante funcionaria comigo os meus pais iriam querer que eu colocasse. Mas eu não quero. E ainda bem que eles não me implantaram quando eu era criança porque antigamente era diferente. Eu fico aliviada por eles não o terem feito, porque eu não queria. Mas isso é a minha opinião, é como eu me sinto.

Leonor – Sim, é verdade. Os meus pais são surdos e quando eu nasci o médico disse “ora bem, a menina é surda, se quiser pode colocar implante”. Os meus pais ainda ficaram um bocadinho indecisos mas disseram que não. Eles são surdos, a família é surda e agora colocavam-me implante e teriam de me ensinar a oralizar... Como é que me iriam acompanhar? Não, disseram que não era preciso. Agora que eu cresci eu de facto agradeço aos meus pais não me terem implantado porque de facto não teria lógica fazerem isso. Agora há famílias surdas onde nasce uma criança surda e, por exemplo, os avós, os tios, são ouvintes e acabam por influenciar um bocadinho a que a criança seja implantada. Mas depois vai crescer a gestualizar e vai ter a parte do trabalho da oralidade e vão ser duas coisas separadas: os gestos e a oralidade. O problema é que acho que fica um bocadinho confuso... Depois na escola... Temos de conhecer bem a

criança. Mas no caso de serem pais surdos que têm um filho surdo e depois decidir implantar acho que isso para a criança é um bocadinho confuso. Porque ela vai-se perguntar: “Mas então qual é a minha identidade?”. Não sabe qual é o mundo dele, há ali um choque de culturas. Isso tem de ser uma escolha de cada um. Saber se vai preferir implantar ou não. No caso das crianças acho que é um bocado confuso pensarem no futuro delas. Saberem “OK, eu sou forte a nível gestual... mas depois também tenho esta vertente oralista”. E não sabem onde pertencem. Eu já vi vários casos assim.

Margarida – No caso da Leonor os pais são surdos, OK. Mas eu tenho família ouvinte. Eu sou a única surda.

Alice – Igual a mim.

Beatriz – Eu também.

Leonor – Depende da situação de cada um.

Alice – Depende principalmente da família.

Investigadora – Vocês estavam a falar então do implante, da sua influência na identidade... o que vos parece então que é “ser surdo”. Porque a Leonor estava a dizer que achava que tendo ou não tendo o implante, que não era isso que iria influenciar a identidade surda. Então para vocês como se constroi essa identidade?

Laura – Com convívio. Para mim é com o convívio.

Beatriz – A identidade depende muito... é o convívio com as pessoas surdas, com a cultura surda. É a vontade que têm de estar com os ouvintes ou não. No meu caso eu sinto que tenho uma identidade surda porque eu convivo muito com surdos. Mas também convivo com ouvintes em simultâneo. Se eu fosse surda mas não convivesse tanto com surdos, se estivesse direcionada para os ouvintes, a minha identidade acabaria por ser um pouco mais ouvinte.

Margarida – Depende da experiência, do convívio com os surdos, do nível gestual... No meu caso eu tenho uma identidade surda forte porque também acabo por ter uma língua gestual forte. Mas vai depender muito do desenvolvimento da língua gestual, do nosso percurso escolar: ensino especial, terapia da fala... depende muito...

Mateus – Por exemplo, uma criança vai crescendo e convivendo com ouvintes e também com surdos, a criança começa a perceber se se relaciona melhor com os ouvintes ou se se relaciona melhor com os surdos... se de facto se relacionar melhor com os surdos e com os ouvintes for só a comunicação básica, só mesmo por necessidade significa que poderá ter uma identidade surda. Agora quando comunica bem com os ouvintes mas com os surdos mais ou menos, então significa que pode ter uma identidade mais ouvinte e não tão surda.

Leonor – Sim... Mas porquê que isso acontece?

Mateus – Pode acontecer por muitos motivos... Influência dos pais, da família, da educação que tiveram...

Alice – Também dos amigos...

Mateus – Sim, dos amigos, a influência dos amigos... a opinião também...

Leonor – Sim... Mas como é que se sente que se tem uma identidade surda... É isso que eu não sei... Porquê?

Beatriz – Porque se sente. Nós temos de olhar para nós próprios...

Mateus – Leonor, tu sentes o quê?

Beatriz – Isto está um bocadinho confuso. Eu acho que cada um é que tem de saber... Ora bem, eu tenho mais interesse em quê? Em falar? Eu consigo perceber o que é dito oralmente? Eu tenho experiência em relacionar-me com os ouvintes? Então OK, eu relaciono-me com ouvintes. Eu tenho que olhar para mim própria e saber o que é que eu consigo ou não e o que é melhor para mim. Se é mais fácil com a comunidade surda ou não. Agora se me é mais acessível a comunidade surda a minha identidade é surda.

Leonor – Eu tenho uma pergunta para todos vocês. Eu sou surda, encontro-me com uma pessoa ouvinte. Já vos aconteceu existir uma quebra na comunicação? Por exemplo não perceberem bem, não perceberem o que está a ser dito? [Aponta para as colegas sentadas do seu lado esquerdo]

Alice e Beatriz – Já já.

Laura – [Acena afirmativamente com a cabeça]

Leonor – [Aponta para si própria] A mim aconteceu-me imensas vezes. [continua a apontar para os restantes colegas sentados à sua direita]

Margarida – Várias vezes

Mateus – Claro [sorri]

Leonor – Já a todos nós aconteceu isso não é? Então nós temos estas experiências e depois existe a influência da comunidade surda. Nós crescemos, temos a nossa experiência a nível gestual, cada um de nós sabe língua gestual. E depois há situações em que parece que somos discriminados não é? Acontece... Já todos nós tivemos dessas situações, já sofremos de *bullying*... E nós somos muito visuais, temos a nossa comunidade, que comunica com as mãos, a nossa cultura... Temos muitos factores que, todos juntos, me levam a sentir que de facto a minha identidade é surda. Eu já tenho muitos anos de experiência... consigo me relacionar muito bem com cada um destes factores, logo essa é a minha identidade. Mas de facto se eu crescesse a relacionar-me com ouvintes, oralizasse muito bem, não tivesse qualquer experiência com surdos, não conhecesse nada da cultura surda, não soubesse língua gestual, não percebesse nada, não conseguisse acompanhar... Então já sei, a identidade seria outra. Acho que é diferente. E isso das influências... É preciso ter uma identidade forte porque nós já passamos por experiências, por várias situações em que não percebíamos o que estava a ser dito oralmente... Muitas barreiras... E essas barreiras acabam por nos dar um sentimento de pertença a comunidade surda porque já todos passamos pelo mesmo. Não ouvimos pronto... para nós isso é natural. Agora se eu não ouço, coloco um implante, OK, mas cá dentro vai haver sempre um bocadinho de nós que se sente...

Laura – Mas mesmo que sejamos implantados, nós somos surdos na mesma. Porque sem o implante nós não ouvimos nada, não mudamos nada, continuamos a ser surdos.

Leonor – Sim... Podem sentir que algumas barreiras são ultrapassadas mas a identidade continua lá. Agora se a pessoa surda colocar um implante no decorrer do seu crescimento, não sabe nada a nível gestual, vai aprender a falar também vai ter ali uma barreira com os surdos porque não vai saber comunicar em língua gestual. E vai ter uma identidade mais ouvinte e não vai ter uma identidade surda, porque não sabe nada sobre a cultura surda ou sobre a língua gestual. Porque a identidade está também ligada à cultura e à comunidade surda. Porque nós sentimos que nos relacionamos bem com essa

cultura. Por exemplo, a etnia negra, se uma pessoa branca fizer parte daquele grupo há muitos anos vai sentir que a sua identidade é a mesma, porque cresceu nesse ambiente.

Beatriz – Sim... Com os ouvintes é a mesma coisa.

Leonor – Não é por causa da influência da família, dos professores, ou da educação que foram tendo ao longo do crescimento... Na minha opinião isso não tem nada a ver.

Laura – Vem de nós.

Leonor – Depende da experiência de cada um porque podem pensar que não têm uma identidade forte mas também podem ainda não ter aprendido nada sobre a cultura surda... ainda falta ali qualquer coisa... ainda falta perceber como se sente realmente.

Mateus – Eu concordo, mas não a 100 %. É a minha opinião. Não te zangues comigo.

Leonor – Não não, diz...

Mateus – Disseste que não concordas com a influência da educação, mas por exemplo, eu sinto que eu fui crescendo e os meus pais tentaram pressionar, forçar-me a mudar a minha própria identidade. Eu sinto que não tenho uma identidade surda tão forte porque os meus pais tentaram corrigir isso e eu fui acatando e eu tenho tentado mudar pouco a pouco... mas depende de cada pessoa. Eu fui acatando, mas por exemplo outras pessoas diriam: “Não, eu sou teimoso, a minha identidade é esta e os meus pais não a vão mudar de forma alguma”. Mas na minha opinião eu acho que a educação tem um bocadinho de influência, sim.

Beatriz – Sim, os pais acabam por influenciar. Mas a principal influência acaba por ser o facto de estarmos integrados na comunidade surda. Eu não sinto que a minha identidade seja ouvinte. Eu tenho mais contacto com as pessoas surdas, é normal. Com os ouvintes nem tanto... Há sempre uma quebra de comunicação... É uma seca... as pessoas estão ali a falar e eu não estou a perceber nada, não consigo compreender o que é dito. Com a comunidade surda eu sinto-me bem porque a minha identidade é surda. É assim que eu me sinto bem, com essa relação. Agora no caso dos ouvintes é o contrário. Os ouvintes estão lá, a conviver... e nós chegamos e eles percebem, “pronto, aquela pessoa é surda, eu não consigo comunicar com eles gestualmente, eu não percebo nada...” e continuam a falar... Eu acho que vai sempre existir essa diferença.

Leonor – O que tu estavas a falar Mateus é uma situação um bocadinho diferente. Os pais podem ou não intervir, influenciar e persistir na oralidade do filho. A criança pode sentir que os pais querem mudá-lo, fazê-lo ter uma identidade ouvinte. Mas depois aos 18 anos a pessoa é livre e pode fazer o que quiser. Se não quiser respeitar a opinião dos pais então não respeita, pronto. E se quiser retira o implante, pronto. Aos 18 anos já é maior e vacinado pode fazer o que quiser... Se se sentir melhor, se sentir feliz com a comunidade surda... O problema é que os pais não percebem.

Mateus – Sim mas há muitas pessoas que acatam sempre... Não interessa ter 18 anos. As pessoas são todas diferentes... Depende muito.

Beatriz – Também depende... Pode ser medo dos pais... Porque há muitas pessoas que têm medo.

Leonor - Sim, se tiverem receio... Há muitas situações... Depende das famílias. Mas se sentirem receio significa que não têm autonomia...

Mateus – Não pensam por eles próprios... Não decidem por eles próprios...

Laura – Falta coragem.

Leonor - ...e no futuro, em sociedade, vão se sentir aflitos e quê? Vão pedir sempre ajuda aos pais? “Ai, eu preciso de ajuda.” Não. As pessoas têm de ser autónomas e tentar, por exemplo, ir para uma universidade, como no nosso caso... É preciso autonomia...

Beatriz – Sim, mas falta muita coisa. Eles sentem medo que a autonomia os leve a perder alguma coisa...

Leonor – Sim sim, mas antes os pais ensinaram o quê aos filhos?

Beatriz – Muita coisa...

Leonor – Mas ensinaram os filhos a ser autónomos?

Alice – Não.

Beatriz – Mas às vezes os pais não querem que os seus filhos sejam autónomos.

Leonor – Então de quem é a culpa?

Beatriz – Os pais às vezes acabam por influenciar muito no facto de os filhos não serem autónomos. Parece que querem que as crianças só vejam as suas perspectivas e não pensem por eles próprios.

Leonor – Mas e no caso das pessoas surdas? O problema é esse... Eles vão crescendo, vão convivendo, estão nas escolas integrados com surdos, têm uma comunicação forte e de repente os pais dizem: “Ai, não pode ser assim” e nós sentimos uma revolta, sentimo-nos presos. Porque os pais às vezes são espertos... “Vamos colocar um implante” e depois deixam-nos numa escola integrados, sem saber nada sobre a língua gestual, a educação e a cultura surda e depois, anos mais tarde encontram um surdo e não se sentem nada bem... E a culpa é dos pais... conheço muitos casos destes.

Mateus – Só um à parte. Eu conheço pessoas implantadas que não têm identidade nenhuma. Porque não se identificam com nenhum grupo, nem ouvintes, nem surdos. Sentem-se muito isolados... Existe uma quebra de comunicação tanto com ouvintes como com surdos. Eu acho que também existem muitos destes casos.

Laura – Sim, mas nesses casos são pessoas que não sabem quem são

Mateus – Sim. Ainda não encontraram a sua identidade. Não sentem que podem relacionar-se com identidade alguma, nem ouvinte, nem surda. Agora não sei, depende de cada um.

Laura – Mas nesses casos acho que é preciso tempo. Temos de dar tempo às pessoas.

Mateus – Sim é isso.

Beatriz – Mas é preciso ter em atenção se as pessoas nasceram surdas, ou tiveram alguma doença cedo, por exemplo meningite, que leva à surdez ou se cresceram ouvintes e posteriormente perderam a audição. Isso vai influenciar a identidade.

Leonor – Sim, é verdade. Mas por exemplo o caso do “B”. Vocês conhecem a história não é? Eles cresceram ouvintes e ficou surdo aos 13? 14?

Laura – 14.

Mateus – Quem?

Leonor – O “B”...

Margarida – O presidente da associação de surdos do porto...

Leonor – Antes era presidente da associação. Agora é só membro.

Laura – Tu conheces... Tens de conhecer.

Mateus – Não sei...

Alice – Sabes sabes...

Isabel – Aquele que cresceu ouvinte e depois perdeu a audição e criou a associação de surdos do porto. Que o filho é o “J”, das cartas de condução.

Mateus – Não conheço...

Leonor – Tem agora 68 anos. Já tem uma idade.

Mateus – Agora tem 68 anos?

Leonor – Sim. Pronto. Ele ficou surdo aos 14. Ele perdeu a audição aos 14 anos por causa de uma meningite, acho eu.

Laura – Sim, foi uma meningite.

Leonor – Ele perdeu a audição e “ai meu deus, como vai ser agora?” Não havia implantes naquele tempo. E o que é que ele fez? Começou a conviver com a comunidade surda, lutou durante muitos anos com e para a comunidade surda...

Mateus – Sim... Mas e se houvesse implantes nesse tempo?

Leonor – Nunca iria conviver com a comunidade surda.

Mateus – É isso...

Beatriz – Isso depende da vontade dele. Poderia colocar o implante e continuar a ter contacto com a comunidade surda. Ele podia continuar querer participar na comunidade surda. Utilizava as duas vertentes: gestualizava com os surdos e oralizava com os ouvintes.

Leonor – Pronto, mas naquele tempo não havia implantes. Perdeu a audição, OK, vamos aprender a língua gestual. Vamos conhecer a cultura, as associações. Então por causa disso a sua identidade surda tornou-se muito forte.

Margarida – Nesta situação, como é que ele conheceu mais surdos, conheceu a língua gestual?

Leonor – Quando ele era novo devia ser diferente, não sei. Não sei se foi através da família, amigos, colegas, escola... Não sei.

Margarida – Ele tem uma identidade surda forte. Mas também se ele perdeu a audição aos 14 anos... isso já foi há muito tempo.

Leonor – Sim, é verdade, já foi há muitos anos... Mas depois aos 16 anos ele criou a associação.

Beatriz – Isso não sei, mas sei que o “B” também teve contacto com as freiras numa instituição do porto, ou de Lisboa, nem sei. Não sei que tipo de contacto é que ele teve lá com surdos e com a língua gestual. É preciso fazermos-lhe uma entrevista para sabermos [risse].

Leonor – Sim, mas é possível que tivesse sido aí. Então, aos 16, 17 anos ele criou a associação de surdos do porto, ou seja, muito jovem. Ele lutou muito e incentivou outros surdos a mudar as coisas. Porque antigamente não havia implantes, não havia esse tipo de coisas. Por isso se uma pessoa era surda, então pronto, era surdo para tudo.

Mateus – Vai sempre depender das situações.

Laura – A tecnologia não estava tão avançada e então havia mais união entre as pessoas percebes?

Leonor – Agora eu acho que a maioria das pessoas se sente confusa em relação à sua identidade. Isto comparado com antigamente. Porque por exemplo, eu já vou à associação de surdos do porto há muitos anos e vejo como as pessoas mais velhas, os idosos, são um modelo de identidade surda, porque eles lutaram, arregaçaram as mangas, lutaram e exigiram que as suas necessidades fossem tidas em atenção...

Laura – [acena afirmativamente com a cabeça em concordância com a colega] Agora parece que não há queixas.

Leonor – Sim... Agora eu sinto que se perdeu um bocadinho essa garra. E as pessoas ficam um bocadinho confusas.

Laura – Sim... o que é que é preciso fazer, o que não é preciso fazer...

Investigadora – Posso só fazer uma pequena observação? A Leonor, há pouco, estava a falar sobre o “B” e que, portanto, ele perdeu a audição e como não havia a possibilidade do implante, conviveu com surdos, arregaçou as mangas e foi à luta. E acho que foi o Mateus que fez a observação que se na altura existisse implantes, como seria? E a Leonor respondeu que...

Laura – Que poderia ser diferente...

Investigadora - ...que poderia ser diferente.

Laura – Eu acredito nisso, que seria diferente. Eu conheço uma situação de uma rapariga em Ilhavo, ela entrou lá na escola no 7º, 8ºano. Ela teve meningite acho que aos 14 anos. Ou seja, ela cresceu ouvinte e quando perdeu a audição ela foi implatada porque ela queria ouvir. A mãe colocou-a na mesma numa escola de referência, para ver como é que ela se sentia. Mas ela não se sentia muito bem, ela preferia oralizar, mas também o implante ajudava-a muito não é? E até agora ela não tem qualquer contacto com a comunidade surda. Por isso sim, o implante influencia.

Leonor – Eu acho que se naquela altura houvesse a possibilidade do “B” ser implantado então hoje não existia a associação de surdos do porto.

Laura – Eu também acho.

Mateus – Sim. Era aí que eu queria chegar.

Margarida – Antigamente sem estas tecnologias...

Beatriz – É difícil perceber o que é que é a identidade.

Alice – Também é difícil perceber porquê que se lembraram de criar os implantes.

Leonor – Então, porque se as pessoas têm um problema de coração, a tecnologia também permite criar aparelhos para resolver isso. As tecnologias estão a avançar e no caso das “deficiências” os medicos estão sempre à procura de formas de fazer a pessoa melhorar. Como a surdez é vista como deficiência, investigaram formas para ajudar a ouvir melhor... e é um negócio. Já se sabe que isto é um negócio. Os médicos só querem pôr as pessoas a ouvir. Se ouve, muito bem, parabéns, vamos lá, passa para

outro. Mas esse é o meu maior receio. Que daqui a 20, 30, 40 anos, sei lá, os surdos deixem de existir.

Mateus – Eu não acredito nisso.

Laura – Eu acredito.

Mateus – Mas estás a falar do facto dos surdos colocarem implantes e só oralizarem?

Leonor – Sim.

Mateus – Ahhh... Mas eu não me acredito nisso, porque isso dos surdos deixarem de existir é... Não sei como explicar. Porque na verdade haverá sempre surdos... Mas com aparelho ou implante. É isso que estás a falar não é Leonor?

Leonor – Sim. Mas no futuro, com a evolução da tecnologia, os implantes também vão evoluir...

Mateus – Tens receio que com a evolução da tecnologia deixe de existir comunicação em língua gestual, é isso? Hája surdos, mas só oralizem.

Laura – Não há identidade.

Mateus – Então concordo...

Leonor – Como eu estava a dizer antes, no futuro, o evoluir da tecnologia vai influenciar a construção da identidade. Porque sem os implantes, os surdos sentiam que existia uma ligação entre eles. Passavam pelas mesmas experiências, de luta, de discriminação e isso fazia com que existisse um sentimento de comunidade. E também comunicavam da mesma forma, através da língua gestual. Vamos imaginar que no futuro, daqui a 20, 30 anos, não existam implantes, não existiriam barreiras de comunicação entre surdos. Iriamos comunicar facilmente. Agora com os implantes...

Mateus – Percebi... a comunidade vai começar a desaparecer.

Leonor – Sim. Porque será tudo com base na oralização. E acho que por isso os implantes influenciam sim.

Mateus – Eu sinto que, com o passar dos tempos, será preciso força para defendermos a comunidade surda.

Laura – Nós no passado já tivemos melhor.

Leonor – Antigamente ouviam-se muitas histórias... os idosos contam...

Laura – Havia muitos protestos...

Leonor – ... juntavam-se todos e lutavam em conjunto, faziam manifestações... Agora não.

Mateus – Agora nunca têm tempo... deixam para lá...

Laura – Agora se é preciso alguma coisa vão para aí só 10 pessoas.

Mateus – São poucos.

Leonor – Agora não se vê nada disso... Só se pensa em implantes e o objetivo é só conseguir falar.

Mateus – É isso.

Laura – Mas também não podem pensar assim, porque nós [implantados] temos dificuldades e barreiras na mesma.

Leonor – Eu não sou contra os implantes.

Laura – Ela vive comigo, não pode ser contra mim [risse]

Leonor – Mas se quiserem colocar o implante para ouvir melhor, então deveriam ter as duas identidades. Participar nas duas comunidades, surda e ouvinte, e perceber que a cultura, a forma de falar é diferente. Tentar dosear essas duas vertentes

Mateus – Ter dois papeis.

Leonor – Por exemplo como a Laura. Ela ouve, oraliza, mas depois em casa comunica como? Porque ela mora comigo... Comunica em língua gestual.

Beatriz – Eu acho que antigamente era diferente. Já ouvi várias histórias de que antigamente não era assim. Agora já estamos um bocadinho melhor, mais unidos. Mesmo em relação ao implante têm outro tipo de compreensão que não tinham antigamente.

Alice – Faltava conhecimento.

Laura – Não acho que seja desconhecimento. Acho que os surdos pensavam: “É surdo, vai pôr implante porquê?” e discriminavam. Como se o implante nos fizesse perder a nossa identidade surda.

Mateus – Eu não concordo que seja assim.

Beatriz – Sim, mas antigamente havia muitos surdos que eram contra o implante. Pensavam “tens implante, vais falar melhor”, pronto, já não és surdo. Mas isso é um disparate. É preciso saber distinguir as coisas.

Margarida – Eu acho que os surdos que pensam assim têm receio que com o tempo a comunidade surda se extinga.

Leonor – Sim, é isso. Os surdos vêem uma coisa nova... no caso dos implantes já existe há algum tempo, mas vêem uma coisa nova e sentem que no futuro, como a Margarida estava a dizer, pode prejudicar a comunidade surda. E é por isso que são completamente contra e querem que os implantes acabem. Mas não vale a pena. É uma coisa nova, é preciso aceitar e é preciso ver a melhor forma de se lidar com isso.

Laura – Nós somos uma comunidade pequena, se agora vamos ficar uns contra os outros, vamos perder a nossa união. E como vai ser o futuro?

Mateus – E como vamos lutar pelos nossos direitos?

Laura – Temos de nos unir.

Alice – Temos de lutar todos juntos, temos de fazer manifestações...

Beatriz – E temos de pensar que as pessoas surdas implantadas também ficam magoadas com essa rejeição. Tem de haver compreensão. Porque se for um aparelho tudo bem, pode ser. E se for um implante já não? Porque não? Qual é que é a diferença? Percebem que um surdo utilize aparelho, mas e se usar implante, já não entendem? OK, é diferente, mas tem de existir compreensão na mesma. Se eu falo bem, se não falo bem, se uso aparelho, implante... vão-me discriminar porquê? Porque eu falo bem? E não percebem que eu posso ficar magoada com isso? Me posso sentir isolada? Acho que os surdos deveriam melhorar um bocadinho...

Laura – Sim... deviam melhorar um bocado.

Baetriz – ... ter mais sensibilidade e ser contra essa discriminação.

Mateus – Sim. Ainda há muita gente na comunidade surda que tem algum preconceito relacionado com os implantes.

Investigadora – Digam-me uma coisa... Nós quando vimos o excerto, vimos uma personagem da série que disse que havia pensado em colocar um implante porque podia abrir algumas portas, ou seja, podia trazer novas oportunidades. Vocês já falaram um bocadinho nisso, mas vocês, enquanto estudantes do ensino superior, acham que o implante coclear irá influenciar no acesso e sucesso escolar?

Margarida – Mas estás a falar a nível de trabalho?

Mateus – Eu acho que isso depende muito das pessoas.

Margarida – Mas por exemplo, um patrão numa empresa pode preferir uma pessoa que consiga ouvir alguma coisa, portanto que tenha um implante, a uma surda sem implante. As empresas, os patrões podem preferir alguém que ouça. Eu acho que isso é um bocadinho discriminativo, mas...

Laura – O problema é que a sociedade não sabe como adaptar e preferem pessoas que consigam falar. Se a pessoa for surda discrimina logo. E eu acho que não pode ser logo assim, é preciso tempo para conhecer a pessoa e não rejeitar à partida só por ser surda.

Leonor – Se eu fosse implantada, sim, eu acho que me poderia ajudar em alguma coisa. Ajudar-me a ter mais facilidades e benefícios, menos barreiras. Agora eu acho que o sistema está muito preparado para pessoas ditas normais. Falta preparar o sistema para as pessoas surdas. Isso nunca fizeram. Eu ingressei na faculdade e tive algumas dificuldades, claro. Porque eu não conseguia acompanhar. Era tudo muito rápido, o ritmo era completamente diferente do meu. Eu tentei sempre chamar a atenção e avisar que eu sou surda e que as pessoas surdas têm ritmos diferentes, precisam que as coisas sejam adaptadas... Agora imaginando que eu fosse implantada, talvez tivesse um maior acesso à informação e, por consequência, talvez conseguisse ter mais sucesso. Mas eu sou surda, eu escolho ser surda. É assim que eu sou e é assim que vai sempre ser.

Margarida – Temos também o exemplo da carta de condução. Há alguns anos as pessoas surdas não podiam tirar a carta de condução se não tivessem um implante ou um aparelho.

Leonor – O meu pai conta sempre uma história relacionada com a carta de condução. Na madeira, eu sou da ilha da madeira, havia lá um grupo de surdos e nenhum deles tinha carta de condução, porque os surdos não podiam conduzir. E o meu pai tinha um amigo que era surdo e que o pai dele trabalhava numa escola de condução. E ele dizia “o meu filho é surdo, mas ele tem capacidades, o sentido da visão é muito apurado, ele tem capacidades para tirar a carta de condução.” A escola pensou sobre o assunto e lá decidiram lhe dar a oportunidade de tirar a carta de condução. Ele fez o código... e antigamente não havia computadores, não era tudo informatizado como agora, era tudo feito à mão. O problema é que ele não sabia escrever. Então fizeram um exame adaptado, estava ele mais o examinador, e o exame foi feito através de mímica, imagens, apontar para as coisas... E o surdo lá ia explicando tudo porque ele tinha capacidades. Então ele lá conseguiu tirar a carta de condução e foi dizer ao meu pai “olha, eu consegui”. O meu ficou admirado e espalhou logo a notícia. E o meu pai foi o segundo surdo da madeira a tirar a carta de condução. Depois os outros, com o tempo, também foram tirando as suas.

Margarida – Mas respondiam em papel, escrevendo?

Leonor – Não não... através de mímica e apontando.

Margarida – E tinham intérprete?

Leonor – Não. Antigamente não havia intérprete. Faziam o exame de forma individual, só com o examinador, e iam apontando para os sinais de trânsito, explicando, desenhando, explicando como era num cruzamento, explicando se, vendo um sinal, poderiam proceguir ou ceder passagem, e.t.c. Era tudo muito à base de mímica, comunicavam muito à base de mímica. Não havia intérprete. Tinham de explicar qual era o sinal, o significado... e iam explicando.

Margarida – Isso no código?

Leonor – Sim. E depois a condução. Era fácil. Mas agora claro. É ainda mais fácil. Levam a intérprete e é muito mais acessível. E é tudo informatizado. Acaba por ser igual aos ouvintes. Antigamente não. Como não havia nada, era necessário adaptar. Agora com intérprete é mais acessível.

Beatriz – Há pouco tempo aconteceu com um amigo meu, ele quis tirar a carta de condução e o médico pediu-lhe uma prova de que tinha implante ou aparelho. Mas ele não usava, então não tinha prova, logo não conseguiu matricular-se para tirar a carta de condução. Não aceitavam que ele tirasse a carta de condução se não tivesse um implante ou um aparelho, como se fosse obrigatório. Disseram que ele tinha que ouvir no caso de aparecer ambulâncias... E eu não concordo nada com isso. Porque nós surdos somos muito visuais e sentimos o barulho, a movimentação diferente... Mas pronto, são opiniões diferentes.

Leonor – Não há nenhuma lei que diga isso, que diga que seja obrigatório ouvir para tirar a carta de condução. O problema são os médicos. Porque os médicos têm de passar um atestado que comprove que a pessoa está apta a conduzir. E muitas vezes colocam que não porque a pessoa não ouve e depois lá nas escolas não aceitam.

Mateus – Os médicos não têm informação.

Leonor – Isso é uma influência, claro que sim. Mas não há nenhuma lei que obrigue a ouvir para tirar a carta. Eu tenho a carta à 5 anos e não tenho qualquer aparelho ou implante. Isso comigo nunca aconteceu. Havia de ser engraçado [revira os olhos].

Beatriz – Tudo bem, não existe uma lei que obrigue, mas foi o que aconteceu com o meu amigo.

Leonor – Foi por culpa do médico.

Beatriz – Sim, nestas situações os médicos acabam por ser superiores. Mas os médicos sabem as capacidades de cada pessoa surda? As coisas positivas da comunidade surda? Peço desculpa, estou sempre a falar mal dos médicos.

Investigadora – E digam-me uma coisa, vocês falaram sobre a escola de condução, sobre trabalho... mas o que é que vocês acham ligado às oportunidades, mas mais direcionado para a faculdade, para aquilo que vocês estão a vivenciar neste momento. O que é que vocês acham a nível do implante coclear... A Leonor já falou um bocadinho, o que é que as outras pessoas também acham ligado ao implante coclear, mesmo as próprias meninas que o têm. Ligado à faculdade o que é que o implante coclear pode trazer de diferente.

Beatriz – Para mim eu sinto que não é importante ter implante. Porque sem o implante eu frequento a faculdade normalmente. Também tenho a intérprete por isso a comunicação acaba por ser acessível. Se não tivesse a intérprete é que não dava mesmo.

Alice – A minha situação é diferente. Eu nasci ouvinte, mas depois aos três anos eu perdi a audição. Eu fui crescendo, e aos 6 anos fui implantada. Eu nunca tive intérprete. A primeira vez que eu tive intérprete foi na faculdade e no início foi muito confuso. Porque eu não estava habituada. Eu estava habituada a estar junto dos ouvintes. Convivia com surdos, sim, mas na escola eu estava habituada a acompanhar as aulas através de muita leitura labial. Na faculdade foi muito confuso, porque eu estava habituada a ir ouvindo alguma coisa do que o professor dizia e a recorrer também à leitura labial. Por isso foi muito confuso. Depende da experiência de cada um.

Mateus – Eu acho que o implante pode servir de apoio ao português. Porque se a pessoa surda crescer a dominar a língua gestual e, depois, com o implante, construir também um bom domínio da língua portuguesa, as coisas ficam mais equilibradas. Irá conseguir compreender melhor as coisas. Por exemplo o significado de algum conceito, o que significam diferentes palavras. Porque às vezes nós vemos a palavra escrita e conhecemos a palavra? Conhecemos. Mas às vezes não compreendemos o seu significado. Mas se tivermos domínio da língua gestual, o próprio gesto poderá auxiliá-los. Fazemos a ligação e torna-se mais fácil compreender. O domínio de ambas as línguas é muito bom para o desenvolvimento cognitivo.

Margarida – Torna-se mais fácil porque somos bilingues.

Laura – Eu acho que o Mateus está certo. Eu sei língua gestual e sei língua portuguesa. Não considero que as domine em níveis diferentes. Porque eu cresci a oralizar. Agora acabo por oralizar e gestualizar em simultâneo, mas sempre oralizei mais do que aquilo que gestualizei, acho que o implante contribuiu para isso. Quando mudei aqui para o porto, para uma escola de referência, foi um problema. Os surdos gestualizam muito rápido. Era um mundo diferente. Porque eu saí de uma escola onde estava inserida num grupo, sei lá, de 6, 7 surdos e de repente entrei numa escola para aí com 40 alunos surdos. Foi um choque. No bom sentido claro, mas um choque. Acho que isso me ajudou a aprender muita coisa, a desenvolver a língua gestual e a dominar ambas as línguas ao mesmo nível. Claro que eu tinha intérprete, mas às vezes, estando perto do professor, conseguia ouvir e acabava por não precisar da intérprete. Nunca considerei

que tive uma educação bilingue, porque se tivesse tido tinha, desde logo, desenvolvido ambas as línguas e não somente a língua portuguesa. Mas neste momento relaciono-me muito com a forma como o Mateus explicou as coisas. Sinto que faço aquilo que o Mateus mencionou.

Beatriz – Eu acho que é muito importante aprendermos as duas línguas: o português e a língua gestual. Eu aprendi as duas em pequenina. Eu desde o 2ºano até ao 6ºano estive sempre com surdos. A partir do 7ºano mudou um bocadinho porque já estava integrada com surdos e ouvintes. Às vezes era mais complicado porque eu precisava de um ritmo diferente e nem sempre me era dado porque os professores diziam que não podiam prejudicar os ouvintes. E eu perdia muita informação, não conseguia compreender os conceitos. Eles avançavam com a matéria e eu não compreendia. Sentia que tinha imensas barreiras. Num grupo de surdos acaba por ser mais fácil porque é tudo explicado a um ritmo diferente, mais calmo, de forma a podermos acompanhar. Agora com ouvintes nós temos de fazer um esforço enorme para acompanhar a matéria, temos de trabalhar mais em casa. É diferente. Mas dá para conseguir, claro que sim.

Mateus – Eu concordo a 100%. Eu cresci integrado com surdos e era assim que eu me senti-a bem. Comunicávamos em língua gestual e trabalhávamos o português e iamos desenvolvendo. Os ouvintes têm um ritmo mais rápido. Nós surdos não, é preciso ir com mais calma. Os surdos têm o seu próprio ritmo para compreender as coisas. Agora na faculdade... eu percebo sim, mas... falta alguma coisa... Imaginem uma faculdade só de surdos... era muito melhor... Adaptava-se o ritmo e conseguiríamos acompanhar muito melhor.

Leonor – Antigamente, quando eu era pequena, vocês já sabem, a minha família é surda, nós temos uma língua gestual forte. Quando eu entrei para o 4ºano, comecei a estar integrada com ouvintes. Foi a primeira vez que eu comecei a aprender a oralizar, mas a minha voz não é confiável [risse].

Betariz – É como a minha.

Leonor – Não é confiável, vai descendo...

Laura – Ou subindo [risse]

Leonor – É, depende. Então, no 4º ano eu estava integrada com ouvintes, e foi um impacto enorme, por causa do português. Porque eu antes não era bilingue. Não tinha a língua portuguesa desenvolvida para poder ser considerada bilingue. Agora sinto que já o sou e realmente é muito positivo. A utilização de ambas as línguas é mesmo muito positivo. Antigamente eu não tinha então a língua portuguesa desenvolvida e quando comecei a estar integrada com ouvintes compreendi a importância da mesma. Não é a minha primeira língua mas a sociedade é portuguesa, estamos em Portugal e aqui fala-se que língua? Português. Por isso é importante nós compreendermos essa língua. Eu inicialmente ficava um bocado confusa porque eu tinha a língua gestual e sentia que necessitava de estar sempre a fazer uma tradução para o português escrito e vice-versa. E isso era realmente muito confuso. Então depois no 4º, 5º, 6º, 7º anos eu comecei a desenvolver a aprendizagem do português e comecei a sentir uma enorme curiosidade nessa língua. Então andava sempre com o dicionário atrás, porque eu gosto muito de ler e acho que ler é muito importante, então andava sempre com o dicionário a procurar o significado das palavras. No 8º ano tive intérprete pela primeira vez. A intérprete chegou e eu fiquei super admirada. Ela traduzia as aulas e eu completamente chocada porque era muito mais acessível. Porque antes era tudo à base de mímica, tinha de fazer um esforço redobrado, havia palavras e frases que eu não compreendia, então tinha de sublinhar, levar para casa e procurar sozinha o seu significado. Com a intérprete ficou tudo muito mais simples. Era muito mais acessível. Eu levantava o braço e dizia “não compreendi nada” [risse]. O grupo de surdos era muito pequenino, então eu preferia estar integrada com ouvintes, porque assim tinha sempre aquela influência da língua portuguesa, e sempre achei que isso era muito importante. E eu queria que os outros surdos vissem isso, vissem que a língua portuguesa é realmente muito importante. Porque sem ela, no futuro como é que iremos comunicar com a sociedade?

Laura – O domínio da língua portuguesa ajuda-nos a prepararmo-nos um pouco para o futuro.

Leonor – No secundário estava integrada na mesma, foi tudo da mesma forma. E depois quando ingressei na faculdade, e antes estava em Coimbra, foi uma confusão porque não tinha intérprete. E eu desde o 8º ano que já estava habituada à presença do intérprete. Isso levou-me a mudar para o Porto, mas mesmo assim, com intérprete, na faculdade às vezes não consigo acompanhar. Porque é tudo muito rápido, depois a intérprete fica bloqueada, até porque muitas vezes não conhece bem a área. E também depende da

forma e da capacidade de cada surdo conseguir ou não conseguir acompanhar. Mas acho que estas dificuldades acontecem a todos os surdos porque está muito relacionado com a educação que tiveram para trás. Agora por exemplo em relação à escola “X” [escola de referência de educação bilingue para alunos surdos] eu acho que não prepara os alunos para a faculdade.

Laura – Não, não prepara.

Leonor - Porque eles ingressam na faculdade e ficam aflitos.

Laura – Sim, eu concordo e eu posso falar porque eu estudei lá. Eu já sabia que a faculdade seria diferente, sim, eu já sabia. Mas lá na escola, na maioria das vezes era eu e a “A”. Nós não estávamos integradas com ouvintes e a maioria das vezes a turma era constituída apenas por nós as duas. Nós tínhamos mais ou menos as mesmas capacidades. E como estávamos perto do professor não precisávamos do intérprete. E foi isso que nos ajudou a preparar um pouquinho para o futuro, porque se tivéssemos intérprete não estaríamos nada preparadas. Por isso eu concordo com o que a Leonor disse.

Leonor - Também depende da forma como somos preparados. Às vezes não tem nada a ver com os implantes. Eu conheço pessoas implantadas que têm imensas dificuldades na faculdade. Tudo depende. Depende muito da educação que tiveram até lá. Por exemplo, se agora eu colocasse um implante não iria compreender tudo e ter imenso sucesso. As coisas não funcionam assim.

Laura – [risse] Não, isso não acontece.

Beatriz – Isso não é assim.

Laura – O implante não é um milagre.

Leonor – Se eu puder fazer uma especie de conclusão. Eu acho que o implante não influencia em nada na identidade. O que influencia é a forma como crescemos. Por exemplo, uma criança surda que não tem implante, tem “0” contacto com a comunidade surda, não sabe nada de língua gestual... Eu conheço um senhor na madeira que ele é assim. Ele é surdo e cego... eu até fico um pouco aborrecida com isso porque ele está sempre isolado, não tem contacto nenhum com ninguém. Se por exemplo ele fosse implantado agora, até podia vir a ouvir alguma coisa, sim, mas a forma isolada como ele

cresceu é que determina a identidade que ele tem agora. Ele é surdo e cego, a família dele é ouvinte e não sabem fazer nada com ele, não sabem comunicar com ele... Ele fica lá, assim, não vai à escola... Não está nem integrado com surdos nem com ouvintes, simplesmente não vai à escola. Fica lá em casa... Nesta situação ele é surdo e não tem implante. E qual é a identidade dele? Tem identidade surda? Ele nunca contactou com surdos, nunca desenvolveu a sua identidade surda. Por isso acho que depende de cada experiência de vida.

Beatriz – Não é só na madeira que isso acontece. Nós também temos aqui a situação do irmão do “C”. Ele é surdo e tem autismo e também rejeitou o implante. [em simultâneo Leonor pergunta a Laura se o “C” frequenta a escola e Laura responde que não sabe]

Leonor – [Vira-se para Beatriz] Mas ele frequenta a escola.

Beatriz – Sim. Mas não está numa escola de referência. O problema é esse. Ele está integrado com ouvintes, e ele percebe alguma coisa? Não. Não está numa escola de referência.

Laura – Desculpa, o irmão do “C” é autista e é surdo e cego?

Beatriz – Sim.

Laura – [Coloca as mãos na cabeça mostrando a sua admiração]

Beatriz – Cego não, tem autismo. Ele não é cego, é autista.

Laura – E autista só. Desculpa, eu percebi que era cego.

Beatriz – É surdo e é autista. Mas ele não sabe nada, não percebe nada, não conhece a língua gestual. Ele não está numa escola de referência, então não consegue acompanhar. Como é que ele vai desenvolver? É preciso colocá-lo numa escola de referência para interagir com crianças surdas e começar a adquirir determinadas coisas.

Laura – Mas isso não é fácil.

Beatriz – Sim, é uma situação específica.

Laura – O autismo não é fácil...

Leonor – Eu não estava a falar do autismo. Eu estava a falar de surdez e cegueira, foi um exemplo.

Mateus – Estás a fugir do tema. Vamos centrar...

Leonor – Eu dei um exemplo de um senhor de uma aldeia lá na madeira que é surdo e cego e a família não sabe o que fazer com ele, não sabe comunicar com ele e ele fica lá.

Beatriz – Sim, mas cegueira, autismo, é parecido...

Leonor – Ele não vai à escola... Não está integrado nem com surdos, nem com ouvintes, ele nem se quer vai à escola. Fica para lá.

Mateus – Não desenvolve nada.

Laura – Isso não é vida.

Leonor – Daí eu estar a refletir sobre qual é a sua identidade. Ele tem identidade? Ou não? Porque ele nunca desenvolveu nada, não tem contacto com ninguém. Tem identidade?

Beatriz – Sim, mas o facto de ser cego também é um acréscimo, ou o facto de ter autismo associado, ou outra coisa. A cegueira também é complicada. A surdez também é. O autismo também. Nós pessoas surdas somos muito visuais, os autistas são mais distraídos mas veem. Os cegos têm menos um sentido... É mais complicado.

Laura – Mas os autistas têm outro tipo de dificuldades.

Beatriz – Mas os autistas podem comunicar na mesma, os cegos é mais difícil.

Leonor – Os autistas podem ter muitos problemas de comunicação.

Mateus – Estamos a fugir ao tema. Isto é relacionado com os implantes. Podemos focar?

Beatriz – Não. A Leonor deu um exemplo sobre um surdo cego e eu falei de uma pessoa surda com autismo.

Laura – Nós surdos gostamos muito de debater, principalmente quando é sobre temas importantes.

Margarida – Sim, e de falar das nossas experiências.

Laura – Mas pronto. Próxima pergunta...

Investigadora – Não há perguntas.

[Risos]

Investigadora - Vocês querem dizer mais alguma coisa sobre a temática?

Alice – Eu acho que nós já dissemos tudo

Laura – Acho que já falamos do mais importante.

Margarida – Eu posso só acrescentar algo à conclusão da Leonor. Eu tenho uma amiga que tem implante, a mãe dela é professora do ensino especial. Por isso ela acaba por ter um bocado de sorte porque tem mais informação. Ela cresceu implantada, mas eu considero que ela tinha na mesma uma identidade forte. E quando nós éramos pequeninas eu sempre acreditei que ela tinha mais facilidades que eu, porque ela tinha o implante e conseguia ouvir alguma coisa, logo tinha mais conhecimento sobre determinadas palavras e conceitos. Nos exames nacionais do 12ºano, no ano passado, ela passou e eu pensei “claro, é implantada, ouve alguma coisa, tem mais facilidade” e achei que eu ia reprovar. Mas eu também passei. Eu fiquei admirada porque nós tivemos notas parecidas. Ela teve uma nota melhor que a minha, mas eram semelhantes. Então comecei a perceber que não posso pensar assim.

Leonor – Também depende do teu esforço não é?

Margarida – Sim, mas ela também é uma pessoa esforçada.

Leonor e **Laura** – Depende muito das capacidades de cada um.

Beatriz – E do quanto tu estudas. Se não estudares nada claro que as notas vão ser fracas, agora se uma pessoa tiver força de vontade e estudar as notas vão ser melhores. Mas isso a culpa é só minha. Não é o facto de ter implante que me vai dar notas melhores.

Leonor – Depende das capacidades de cada pessoa, da vontade de cada um. O implante até pode ser uma ajuda, mas a pessoa só consegue se quiser.

Investigadora – Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar.

Laura – Não, está tudo dito.

Investigadora – Podemos então dar por terminada esta nossa sessão?

[Todos acenam afirmativamente]

Investigadora – Muito obrigada então pela vossa participação .

Margarida e Alice – De nada.

Apêndice 4 – Transcrição da Entrevista N.º1

Transcrição da entrevista número 1

Investigadora – A tua surdez é de nascença?

Beatriz – Sim, é de nascença.

Investigadora – E qual é o grau da tua surdez?

Beatriz – A percentagem? 62%

Investigadora – Mas és surda severa, profunda...

Beatriz – Eu nasci surda profunda de um ouvido, o outro não chega a profunda.

Investigadora – E com que idade colocaste o implante coclear?

Beatriz – Aos 3 anos de idade.

Investigadora – E lembras-te como foi a preparação para a colocação do implante?

Beatriz – Foi por causa da minha mãe. Eu antes usava aparelhos. Mas eu estava sempre a retirar os aparelhos [risos] e a minha mãe decidiu colocar-me o implante. O objetivo da minha mãe era que eu ouvisse melhor.

Investigadora – Mas lembras-te no médico? Como foi a preparação?

Beatriz – Eu não me lembro. Da primeira vez não me lembro de nada. Só me lembro da segunda vez. Porque eu tive de ser operada uma segunda vez porque o implante partiu.

Investigadora – E como foi essa segunda vez?

Beatriz – Eu tive um problema no meu implante, por dentro partiu. Então eu fui ao médico e fiz uma nova operação. Mudei o implante.

Investigadora – E como é que foi depois de colocares o implante?

Beatriz – Na mesma. Eu inicialmente usava o implante e um aparelho e comparando os dois era muito diferente. Tornava-se confuso. Então retirei o aparelho e senti-me bem.

Investigadora – E como é que aprendeste a língua gestual portuguesa? Com que idade?

Beatriz – A primeira vez que comecei a aprender a língua foi com o professor X. Foi ele que me ensinou a língua gestual.

Investigadora – E que idade tinhas?

Beatriz – Não me lembro. Foi muito cedo, não me lembro.

Investigadora – E tu consideras ter uma língua dominante?

Beatriz – Depende. Eu estou habituada a utilizar a língua gestual. Mas mesmo nessa língua há gestos que eu não conheço. Mas vou aprendendo.

Investigadora – Então consideras que a tua língua dominante é a língua gestual, é isso?

Beatriz – [Acena afirmativamente com a cabeça].

Investigadora – Tens alguma memória de infância que te tenha marcado? Antes de teres colocado o implante? E depois?

Beatriz – Não. Para mim tudo aconteceu de forma normal. Eu não penso muito no implante.

Investigadora – Mas não há nada que te lembres que te tenha marcado. Pronto, tu colocaste o implante pequenina, não é?

Beatriz – [Acena afirmativamente com a cabeça]

Investigadora – Mas depois de teres colocado o implante, não há nada que te lembres que te tenha marcado?

Beatriz – Eu depois que coloquei o implante só me lembro de ter de praticar a oralização, de ter de aprender as palavras.

Investigadora – E como é que te sentias com isso?

Beatriz – Eu acho que foi uma tentativa de me transformar em ouvinte, de me colocar a falar. Porque os meus pais são ouvintes, não sabem língua gestual, e eles queriam que eu colocasse o implante e começasse a falar por causa disso.

Investigadora – E como é que te sentes por teres sido implantada? Porque tu retiraste o implante não foi?

Beatriz – Sim.

Investigadora – Então como te sentes por teres sido implantada?

Beatriz – Sinto-me normal. Porque eu não sinto nada ligado à operação. Não me lembro que fui operada. Eu retirei o implante, logo não ouço nada, por isso nem me lembro da operação.

Investigadora – Mas porquê que o retiraste?

Beatriz – Depende, retirava para dormir, para ir à praia, que não podia utilizar na água...

Investigadora – Mas tu agora não usas o implante...

Beatriz – Não uso. Porque o programa do meu implante mudou e eu não estava habituada. Eu sentia que estava a ouvir diferente. E antigamente não era assim. Eu sentia que os sons das palavras estavam a mudar... É a atualização dos programas. Então eu preferi retirar o implante e ficar só com o aparelho. As mudanças dos programas não funcionaram comigo.

Investigadora – Vamos agora direccionar para o teu percurso escolar. Não na faculdade, mas na escola, antes de teres entrado para a faculdade. Quais são as memórias que te marcaram no teu percurso escolar?

Beatriz – Para mim a escola foi normal. Foi nessa altura que eu retirei o implante. Depois comecei a ter intérprete, comecei a ter mais contacto com os professores, a ter mais apoios, mais ajuda... Foi normal. E sinto que o implante não foi importante para o meu percurso escolar. O implante deixava-me muito confusa.

Investigadora – E uma vez que tu retiraste o implante, como é que achas que foi o processo de construção de relação e de comunicação com os teus professores e colegas ouvintes?

Beatriz – Depende. Às vezes dava para comunicar de forma mais acessível. Outras vezes não nos compreendíamos. Por exemplo, algumas palavras eu não compreendia. Tinha de tentar fazer leitura labial. Às vezes tinha de pedir para repetir, pedir para escrever. Ou tentava desenhar ou através de mímica também.

Investigadora – E como é que era a relação e a comunicação com os teus colegas surdos?

Beatriz – É uma relação boa. Comunicar através da língua gestual. É a minha língua, comunico de forma mais fluente. É natural.

Investigadora – Então consideras que as tuas relações são melhores com os teus pares surdos ou ouvintes?

Beatriz – Com os surdos. Porque com os surdos a comunicação flui. É uma questão de língua. Com os ouvintes também dá para criar relações, mas há sempre problemas com a comunicação. Há muitas coisas na comunicação com ouvintes que falham e por isso eu tenho mais contacto com surdos.

Investigadora – E no decorrer das aulas, era fácil compreender e acompanhar o que estava a ser lecionado?

Beatriz – Não... Em algumas aulas não. E eu tinha dúvidas, pedia explicações uma e outra vez e tinha de estudar mais em casa.

Investigadora – E no teu caso, que retiraste o implante, consideras que ele poderia ter tido alguma influência nesta situação?

Beatriz – Eu escolhi retirar o implante, por isso eu acho que não, que para mim especificamente, não seria positivo. Eu acho que se o programa não tivesse mudado, talvez. Mas agora não posso responder a isso.

Investigadora – Poderias contar algum episódio que te tenha marcado na escola?

Beatriz – Houve um acontecimento que me deixou um pouco triste. Quando eu era pequenina, no meu segundo ano, um colega meu tropeçou, caiu e bateu com a cabeça e teve de ser operado e por causa disso teve de repetir o segundo ano e eu senti-me um bocado mal por ele.

Investigadora – Mas mais direcionado para ti. Lembraste de alguma coisa?

Beatriz – Mas é direcionado a mim. É uma história minha.

Investigadora – Mas algo que te tenha acontecido a ti.

Beatriz – Não, não há nada... O meu percurso escolar foi bastante normal.

Investigadora – Então vamos agora direccionar para a faculdade. Há alguma memória que te tenha marcado aqui na faculdade?

Beatriz – [silêncio]

Investigadora – Porque a faculdade é muito diferente da escola. Aqui não tinhas tanto contacto com surdos... Sentes que há alguma coisa que te tenha deixado a pensar...

Beatriz – Sim, é verdade. Quando eu entrei na faculdade não havia surdos. E senti-me um pouco estranha. No meu primeiro e segundo anos foi estranho, porque sim, é verdade não tinha nenhum contacto com surdos e então era uma seca. Claro que acabava sempre por andar com as intérpretes, mas as intérpretes não têm que estar sempre comigo. Então quando entrei aqui na faculdade eu senti sim essa diferença, essa falta de relação com os outros.

Investigadora – E aqui na faculdade como é que é a relação e a comunicação com os teus professores e colegas ouvintes?

Beatriz – Normalmente comunico através da intérprete. Mas às vezes consigo comunicar, tentando falar oralmente ou recorrendo à escrita ou a mímica. Mas normalmente é mesmo através da intérprete.

Investigadora – E consideras que criaste uma relação boa com os teus colegas e professores?

Beatriz – Mais ou menos.

Investigadora – Como é que sentes que é essa relação?

Beatriz – É assim, eu acho que é uma relação boa... Não é a 100% claro, mas pronto, 70% [risos]. Mas boa boa não é. Eu gostava que alguns professores e alunos aprendessem língua gestual para que a comunicação fosse mais acessível.

Investigadora – Imagina então que terias optado por continuar com o implante coclear, achas que haveria alguma diferença na tua relação com os outros?

Beatriz – Não tenho resposta para isso. Eu optei por retirar o implante, por isso não sei se hoje em dia teria influência.

Investigadora – E aqui nas aulas, é fácil acompanhar? Compreender o que está a ser lecionado?

Beatriz – Às vezes não. Algumas matérias eu não conheço os conceitos e eu não consigo acompanhar.

Investigadora – E como é que fazes para colmatar essas barreiras?

Beatriz – Pois... Tenho de pagar explicações privadas, vou a tutorias com os professores, estudo em casa... Se tenho alguma dúvida marco atendimento...

Investigadora – E há alguma história que te tenha marcado aqui na faculdade? Alguma situação que te tenha acontecido?

Beatriz – Acho que não. Na faculdade tem corrido tudo bem. Não me lembro assim de nada. Estou a tentar lembrar-me, mas... acho que não. Porque eu também quando entrei na faculdade tive sorte e não me senti aflita. Porque tinha uma familiar ouvinte que também estudava na mesma faculdade e ela apoiou-me muito. E era da minha turma. Por isso orientou-me muito e foi ela que me acompanhou nessa altura. E quando troquei de faculdade para esta onde estou agora também tinha uma pessoa conhecida, por isso acabei sempre por ter orientação.

Investigadora – Há alguma coisa que queiras acrescentar?

Beatriz – Não, penso que está tudo. Obrigada.

Investigadora – Obrigada eu.

Apêndice 5 – Transcrição da Entrevista N.º.2

Transcrição da entrevista número 2

Investigadora – A tua surdez é de nascença?

Alice – Não, eu nasci ouvinte. Mais ou menos com 3 anos eu comecei a perder a audição. E depois fui ao médico, porque a minha mãe antes tentava chamarme, “Oh Alice, Alice Alice...” e eu não respondia. Então a minha mãe achou muito estranho e marcou uma consulta com o médico e o médico disse que por causa de uma doença, que eu agora não sei qual, que eu perdi a audição por isso. E disse que talvez fosse melhor colocar um aparelho auditivo e o tempo foi passando e, mais ou menos aos 5 anos, eu senti que não ouvia muito melhor e pronto, foi assim.

Investigadora – E qual é o grau da tua surdez?

Alice – Eu acho que ouvia cerca de 70% quando nasci e depois, a partir dos 3 anos, passou para os 10%.

Investigadora – Então entra na surdez profunda, é isso?

Alice – Se eu não tivesse feito a operação do implante coclear, sim.

Investigadora – E com que idade é que colocaste o implante coclear?

Alice – Com 6 anos.

Investigadora – E como foi a preparação para colocares o implante? Antes de colocares o implante, como foi a preparação, lembraste?

Alice – Não me lembro muito bem mas os meus pais contaram-me. O médico começou a pressionar os meus pais, a dizer “olhem que é bom, o implante é bom. Ela vai falar melhor, vai ouvir melhor...” e então os meus pais acreditaram nisso. Então com 6 anos fui implantada. Três meses depois disso comecei a ter terapia da fala e pronto. Os meus pais acreditaram que o implante me iria fazer falar melhor, que era o correto.

Investigadora – E como é que aprendeste a língua gestual portuguesa?

Alice – Na pré eu ainda não tinha aprendido. Só tinha terapia da fala. Depois com dois anos... Dois anos não, no segundo ano eu mudei de escola porque o professor não me conseguia ensinar. Então eu mudei de escola, fui visitar uma escola em Santa Maria da Feira e o professor aceitou que eu fosse para lá, teve interesse em mim e eu fiquei nessa escola, mas fiquei um ano atrasada. Depois no terceiro ano comecei a aprender língua gestual com o “C”. Mas antes eu já tinha começado a aprender alguns gestos de Lisboa. Depois o “C” ensinou-me a língua gestual do Porto, os gestos mais típicos do Porto.

Investigadora – Então que idade é que tinhas? Relembra-me... mais ou menos?

Alice – Mais ou menos 8, 10 anos, por aí.

Investigadora – E tu consideras que tens uma língua dominante?

Alice – Antes dos 10 anos não. Mas depois, quando fui para o quinto ano, aí sim. Sinto que a língua gestual é a minha língua dominante.

Investigadora – E tens alguma memória de infância que te tenha marcado antes de colocares o implante?

Alice – Não... Não me lembro assim de nada.

Investigadora – E depois? Tens alguma memória? Depois de teres colocado o implante, lembras-te de alguma coisa que tenha mudado?

Alice – Sim, lembro-me que mudou muita coisa. O som é muito diferente de quando eu era pequenina, de quando eu tinha as próteses auditivas. O som é super diferente. É tudo muito diferente. Depois do implante eu conseguia ouvir melhor, falar melhor, podia conversar, estar e conviver com os meus amigos ouvintes, com a minha família...

Investigadora – Como te sentes então por teres sido implantada?

Alice – Eu vou dizer a verdade... Quando eu fui implantada eu sentia-me ouvinte. Quando eu estava com surdos eu não estava habituada. Eu estava habituada a falar. Depois mais tarde quando comecei a conviver com surdos eu comecei a perder um pouco essa identidade e agora sinto que tenho as duas identidades, que pertenço aos dois mundos, surdo e ouvinte.

Investigadora – Agora vamos falar um bocadinho do teu percurso escolar, antes de teres entrado para a faculdade. Tens alguma memória do teu tempo da escola? Algo que te recordes, que te tenha acontecido de diferente.

Alice – Não sinto que haja nada de diferente para contar. Só que às vezes gozavam comigo por eu ser surda implantada, diziam que eu não sabia falar. Mas depois eu chegava e falava diretamente para as pessoas e todos começaram a ficar chocados porque gozavam comigo e depois percebiam que eu falava.

Investigadora – Então tu não estavas numa escola com surdos... como foi o teu percurso escolar?

Alice – Não, estava integrada com ouvintes. Do sétimo ao nono ano tinha mais uma surda na turma, a “P”. Eramos só nós as duas. Depois do décimo até ao décimo segundo estive sempre integrada com ouvintes. Eu era a única surda.

Investigadora – E como é que era a tua relação e comunicação com os teus professores e colegas ouvintes?

Alice – Falávamos normalmente. Se eles falavam rápido eu não percebia. Então aí eu tinha de os chamar a atenção e pedir para falarem mais devagar. Ou então utilizava mímica para tentar que a comunicação fosse mais acessível.

Investigadora – E consideras que o implante coclear que tens neste momento influenciou essas relações?

Alice – Algumas sim. [reflete] Sim sim sim.

Investigadora – E no decorrer das aulas era-te fácil acompanhar e compreender o que estava a ser lecionado?

Alice – Se houvesse muito barulho, não, não conseguia compreender. Mas se não houvesse muito barulho sim, conseguia acompanhar. Mas precisava de um professor de educação especial do meu lado, para me explicar melhor.

Investigadora – E consideras que o implante coclear influenciou no acesso a essa informação?

Alice – Como assim?

Investigadora – Se achas que o implante coclear que tu usavas fazia com que compreendesse melhor ou pior as aulas.

Alice – Se eu não tivesse o professor de educação especial o implante ajudava-me a compreender, mas se o professor se virasse de costas eu já não conseguia perceber. O problema é que a maioria dos professores a lecionar as aulas movimentavam-se e passavam para trás de mim e aí já não conseguia compreendê-los.

Investigadora – E lembras-te de algum episódio que te tenha acontecido na escola que tinha sido diferente? Há bocadinho falaste que gozavam contigo...

Alice - [Acena afirmativamente com a cabeça] Sim, eu lembro-me bem... A maioria... [os olhos começam a encher-se de lágrimas] não consigo falar sobre isso... Não consigo.

Investigadora – Não tem problema. Vamos agora falar do teu percurso universitário. Quando entraste aqui na faculdade... Quais são as memórias que mais te marcaram aqui na faculdade até agora.

Alice – Aquilo que mais me marcou foi quando tive, pela primeira vez, acesso à intérprete.

Investigadora – E queres explicar um bocadinho porque?

Alice – Porque na escola, todo o meu percurso escolar, eu nunca tive intérprete. Então quando entrei para a faculdade eu senti que foi uma ajuda, porque eu consegui perceber algumas coisas que os professores diziam, algumas palavras mais ricas que antes eu não conseguia perceber. E isso ajudou-me muito.

Investigadora – E aqui na faculdade como é que é a tua relação com os teus professores e com os teus colegas?

Alice – Falo com eles normal, como antes eu disse, é exatamente igual.

Investigadora – E então também achas que o teu implante influencia no tu consegues falar e comunicar com os teus colegas e professores?

Alice – Sim sim sim sim sim.

Investigadora – E aqui nas aulas, na faculdade, é-te fácil acompanhar e compreender o que está a ser lecionado?

Alice – Depende. Depende dos professores e de cada disciplina. Se forem muito teóricas eu não consigo, tenho mais dificuldade. Agora se forem teóricas mas com alguns exercícios eu já consigo compreender melhor.

Investigadora – E sentes que recorres ao implante coclear e que este influencia a captação da informação?

Alice – Sim sim. Sinto necessidade de recorrer ao implante.

Investigadora – E podes contar algum episódio que tenha sido marcante para ti aqui na faculdade? Alguma coisa que tenhas sentido que foi diferente aqui na faculdade... Já falaste um pouquinho da intérprete... Mas também ligado às tuas relações com os outros... com os professores, com os teus colegas...

Alice – Aqui a faculdade é muito diferente da minha antiga escola. Na escola não havia muita comunicação. Eu queria falar com alguém e não conseguia falar à vontade. Aqui não. Aqui eu consigo falar à vontade. As pessoas ajudam-me, eu consigo comunicar com mais à vontade, tenho colegas novos, amigos novos... é melhor.

Investigadora – Há alguma coisa que queiras acrescentar? Algo que aches que falta dizer?

Alice – Não, acho que não. Acho que não é preciso dizer mais nada.

Investigadora – Então chegamos ao fim. Muito obrigada pela tua participação.

Alice – Obrigada, obrigada.

Apêndice 6 – Transcrição da Entrevista Nº.3

Transcrição da entrevista número 3

Investigadora - Vamos então dar início à entrevista. Laura, a tua surdez, é de nascença?

Laura - Não. Eu fiquei surda aos três anos. Perdi audição aos três anos. Surda profunda do lado direito e do lado esquerdo é severa, quase profunda.

Investigadora - E com que idade é que colocaste o implante coclear?

Laura - Quase a fazer 10 anos. Foi no Verão... E depois em Outubro fiz os 10 anos.

Investigadora - E lembras-te de como foi a preparação para colocares o implante? Portanto, antes do implante, como é que foi?

Laura - Esta parte não sei se posso dizer porque foi um pouco chocante...

Investigadora - Podes, está à vontade.

Laura - Como a minha mãe sabia que eu tinha muito medo de agulhas, porque eu era pequenina. Não me disse nada, não disse que eu iria ser operada, não me contou nada. E pronto, eu pensava que ia para um hotel, que ia de férias, porque era verão... A minha mãe levou-me e foi quando veio o médico que me disse que eu tinha que tomar uns medicamentos por causa da cabeça e eu acreditei. Depois assim de repente acordei e já tinha o implante. Foi assim [risos]. Depois a minha mãe explicou-me e disse-me “olha filha, como tu gostavas muito de ouvir e eu não sabia como é que tu irias reagir...”. Mas a minha mãe fez a melhor opção possível porque eu tenho a certeza que eu iria dizer que não e depois iria arrepende-me.

Investigadora – E como é que foi o processo depois da colocação do implante?

Laura – Foi um pouco rápido. Porque eu antes já ouvia alguma coisa, principalmente do ouvido esquerdo. Claro que dependia do tipo de som, da forma das pessoas falarem, do ambiente... Mas depois da colocação do implante senti que foi bastante rápido. Tive terapia da fala, para identificar melhor os sons. Também houve aquela questão de

identificar os sons através do computador para ajustar o implante... Mas foi pouco tempo. Eu adaptei-me bem.

Investigadora - E como é que aprendeste língua gestual portuguesa?

Laura - A minha língua gestual era um bocadinho fraca. Porque eu como ouvia mais, logo oralizava. Eu gestualizava também, sim. O problema é que eu na escola convivía mais com surdos implantados e eles falavam todos bem, eu também falava bem e por isso eu gestualizava menos. Gestualizava sim, mas pouco.

Investigadora - Mas então aprendeste na escola?

Laura - Sim sim. Eu aprendi antes de ser implantada. Eu entrei na escola de referência mais ao menos aos [pensa durante breves instantes]... 8 anos . Eu reprovei, tive de repetir o ano outra vez porque eu não estava a conseguir acompanhar juntamente com os outros colegas e por isso fiz novamente o mesmo ano. Por volta dos 8 anos comecei então a aprender língua gestual e entretanto fui implantada.

Investigadora - E consideras que tens uma língua dominante?

Laura - Agora eu acho que já sou mais fluente em língua gestual. Talvez não tão fluente como outras pessoas surdas, mas nota-se um bocadinho a diferença do antes para o depois. Eu preciso da língua gestual para a minha vida... Mas não está em primeiro lugar. A língua portuguesa continua a ser a minha primeira língua, é a que me identifico mais, porque eu gosto de falar. Também me sinto bem com a língua gestual... Oh [encolhe os ombros e risse], sinto-me bem nos dois mundos.

Investigadora - Há alguma memória de infância que te tenha marcado antes do implante?

Laura - Mas relacionado com a língua gestual portuguesa?

Investigadora - Não propriamente... alguma memória na escola, em casa, na tua vida em geral. Algo que te tenha marcado.

Laura - Eu lembro-me que me divertia muito, lembro-me de ser uma criança muito feliz, de gostar muito da escola... Mas antes e depois do implante não sinto que houve diferença, foi igual. Continuei a divertir-me muito... bem, sou eu [risos].

Investigadora - Não notaste então uma diferença no antes e depois do implante...

Laura - Sim sim sim... Agora estou-me a lembrar e sim. Depois do implante eu não podia fazer determinados desportos, por exemplo basquetebol... Nada que envolvesse muita força... basquetebol, acrobacias, tudo que era ginástica, cambalhotas, e.t.c. tudo que envolvesse muitos movimentos com a cabeça. Quando eu fazia parecia que sentia uma espécie de choque na cabeça, leve, mas uma espécie de choque. Então o médico aconselhou a não fazer. Claro que tive de levar uma justificação médica para mostrar ao professor, porque ele poderia pensar que eu era preguiçosa e que queria fazer menos exercício. Senti essa diferença, foi por isso que eu tive de diminuir a frequência com que realizava desportos.

Investigadora - E como é que te sentes por teres sido implantada? Queres falar um bocadinho sobre isso?

Laura - Sinto-me muito bem [encolhe os ombros e sorri para a investigadora].

Investigadora - Queres falar um bocadinho sobre isso? O porquê de te sentires bem...

Laura - Porque o implante ajuda-me, é como se fosse um apoio. Porque nós surdos, com ou sem implante, nós somos pessoas independentes. Coisas básicas, como por exemplo irmos à segurança social, nós temos de ser independentes. E eu tenho sorte porque no geral eu não preciso que o intérprete me acompanhe. Eu posso ir sozinha e sinto-me bem porque eu gosto dessa independência. Então o implante dá-me a oportunidade de fazer estas coisas sozinha. Eu adoro ouvir música, eu não conseguiria viver sem música. Eu sinto que o mundo com sons é o meu mundo. Sinto-me muito bem [risos], não sei muito bem explicar, mas sinto-me muito bem.

Investigadora - Agora vamos falar um bocadinho do teu percurso escolar. Antes de entrares na faculdade, na escola. Tens algumas memórias que te tenham marcado no decorrer do teu percurso escolar?

Laura - Quando eu mudei para o Porto, porque eu antes andava numa escola de referência em “X”... eu estava lá bem, mas eu queria mudar, lá era sempre a mesma coisa e eu senti que precisava de mudar. A minha mãe deixou, eu precisei de pedir autorização à minha mãe, porque eu tinha 16 anos, e então mudei para o Porto, para uma escola de referência no Porto, a escola “Y”. E foi... não digo que tenha sido um

choque mas foi uma diferença muito grande. Lá eu tinha muitos colegas surdos, para aí 40. Eu antes estava numa escola para aí com 15 surdos e de repente eu entro numa escola com 40 surdos, muito fluentes em LGP em comparação comigo. Eu acho que havia só duas ou três pessoas implantadas, a contar comigo. E eu tive muito receio porque eu sabia que poderia haver discriminação para comigo, que poderiam dizer “tu sabes falar, não tens identidade surda” [revira os olhos], mas eu tive sorte porque tive amigos muito compreensivos, que compreendiam sempre o meu lado. E não só. Eu também acho que o sistema escolar precisa de mudar um bocadinho: a forma de ensinar e essas coisas todas. Porque por exemplo eu estava numa turma com colegas surdos, todos com capacidades diferentes claro, e eu precisei de me adaptar as capacidades de alguns deles e sinto que isso me prejudicou. Se eu tivesse numa escola dita normal... eu não posso falar, porque eu nunca saberei, mas eu penso que poderia ajudar-me a evoluir a nível de português, a preparar-me para a faculdade, para depois a escrita de trabalhos e relatórios... Sinto que a escola onde estava não me ajudou muito. Talvez outra escola poderia ajudar a preparar-me para o mundo universitário. Mas pronto, foi esta a minha escolha.

Investigadora - E diz-me uma coisa, como é que era a tua relação e a tua comunicação com os teus professores e com os teus colegas, tanto surdos como ouvintes.

Laura - Com os dois?

Investigadora - Sim.

Laura - Eu não sou de falar muito, mas se for preciso eu peço apontamentos aos meus colegas ouvintes. Por exemplo em trabalhos de grupo é sempre preciso falar e normalmente eu sinto sempre algumas dificuldades porque alguns colegas falam baixinho ou têm um sotaque um pouquinho diferente, mas eu faço um esforço e consigo. Com os surdos nem é preciso dizer porque é mais fácil comunicar, a comunicação é mais acessível, é como se não houvesse barreiras. Ambas as relações, com surdos e ouvintes, têm lados positivos e lados negativos. Com os surdos às vezes sinto discriminação por causa do implante, se bem que acho que já foi pior. Com os ouvintes às vezes eles esquecem-se que eu sou surda e que é preciso estarem de frente para mim. Por vezes falam atrás de mim e eu ouço sim, mas não consigo compreender o que dizem, têm mesmo de falar de frente. Mas eu sempre soube que a minha vida iria ter muitos obstáculos, muitas barreiras. A minha mãe sempre me disse, desde

pequenina, “tu vais ter sempre de lutar”. Por isso eu sinto que é só mais um obstáculo que eu tenho que ultrapassar e depois, qual é o próximo? Já estou preparada para o próximo.

Investigadora - E com os professores? Falaste um bocadinho como era com os teus colegas, e com os professores? Na escola, antes de entrares para a faculdade, como é que era a tua comunicação e relação com os professores?

Laura – Eu tinha uma maior ligação com os professores antes, na escola, do que aqui na faculdade. Aqui na faculdade também são muitos alunos e por isso não dá para estabelecer aquela ligação. Mas na escola sim... era diferente... os professores eram mais sensíveis, também memorizavam a minha cara e já sabiam qual era o meu problema, o que é que eu precisava. Aqui na faculdade não. Aqui é preciso sempre explicar como funciona. Aqui a minha relação com os professores é boa, sim. Mas não há aquela ligação. Mas acho que na faculdade é assim: temos de ser mais independentes, é cada um por si.

Investigadora – E no decorrer das aulas, na escola, era-te fácil acompanhar e compreender o que estava a ser lecionado?

Laura – Sim sim sim. O professor estava sempre de frente. Também era só eu e mais uma colega, eramos só duas. Então não havia problema porque estávamos sempre de frente para o professor. A matéria decorria de forma acelerada... Era mais fácil comparado com o agora, aqui na faculdade, porque são muitos alunos e nota-se muito a diferença. Na escola sim, a forma de ensinar era mais fácil do que agora e a ligação com os professores era diferente.

Investigadora – E consideras que o teu implante coclear teve alguma influência na forma como tu acedias a esses conteúdos na escola?

Laura – Em que sentido?

Investigadora – Se tu sentes que recorrias ao teu implante coclear para captares o que estava a ser dito pelo professor...

Laura – Sim. Um dos objetivos do implante também é esse. E se o professor tivesse de frente e tivesse uma voz clara, suave, falasse alto, razoavelmente alto, eu conseguia perceber. Eu também tinha a intérprete ao lado, mas ao mesmo tempo que eu olhava

para a intérprete eu ouvia o que o professor estava a dizer e conseguia perceber. Também como a língua gestual é uma língua recente, tem 21 anos, nem todas as palavras tem correspondente gestual, logo o facto de eu conseguir ouvir ajuda-me a criar uma lógica. Se a intérprete soletrar aquela palavra eu consigo ouvi-la e isso ajuda-me, se estiver de frente, claro. Então isso é um apoio muito grande e ajuda-me nas matérias. Agora por exemplo, se estiver num auditório, esquece, não consigo perceber. Há muitas pessoas a falar, muito barulho, não se consegue. Agora se for numa sala pequenina, sim, consigo facilmente.

Investigadora – E lembras-te de algum episódio que tenha sido relevante para ti no tempo da escola?

Laura – [reflete por breves momentos] Eu sei que foram três anos, mas...

Investigadora – Mas pode ser também quando estavas em “X”.

Laura – Em “X” o que eu me lembro vivamente é que os professores eram muito exigentes, e incentivavam-nos, queriam que nós evoluíssemos de forma mais rápida, porque também era uma escola ouvinte, isto antes de mudar para a escola de referência. E eu tive dificuldades, porque também me sentia um pouco sozinha. Tinha de fazer um esforço para compreender, andar sempre com os cadernos para tentar estudar e eu sentia-me mal, porque sentia que estava a ficar para trás. Eu sentia-me excluída. Não eram os meus colegas que me excluía, mas sentia-me excluída em relação à forma como a matéria era lecionada. Quando mudei para a escola de referência em “Y” eu senti-me integrada porque eu estava ao mesmo nível que os outros. Então fiquei contente, porque assim conseguia aprender. Agora na escola “Y” não me recordo. Só mesmo de ter mudado para o Porto, essa parte sim [risos].

Investigadora – E agora mais ligado ao ter percurso aqui na faculdade. Quais são as memórias que mais te marcaram aqui na faculdade, no teu percurso universitário. Quando mudaste para aqui... porque a faculdade é bastante diferente da escola... então o que é que mais te marcou aqui na faculdade?

Laura – Não é bem o que mais me marcou... Mas aquilo que senti que foi um alívio aqui na faculdade foi a intérprete ser colocada uma semana depois das aulas iniciarem. Porque na escola era sempre um mês depois... Aqui não, foi uma semana. E eu fiquei super contente. E devia ser assim em todo o lado, escolas incluído. Porque quando eu

entrei na faculdade eu tinha muito receio porque eu não queria perder matéria. Porque era um mundo novo, não conhecia nada, não conhecia ninguém... E a intérprete foi um alívio porque facilitou a relação com os meus colegas, também relativamente aos trabalhos de grupo... e ajudou-me muito a conviver e a relacionar-me com os outros. Para mim, nessa primeira fase, isso foi o mais importante, ter intérprete uma semana depois. Foi mesmo um alívio para mim.

Investigadora – E aqui na faculdade como é que sentes que é a relação com os teus professores? Já falaste um bocadinho sobre isso... Não sei se queres explicar mais um pouco...

Laura – Depende dos professores. Há professores que vêm ter comigo e perguntam se está tudo bem, se eu estou a perceber a matéria, se eu preciso de alguma coisa, se eu preciso de ajuda. Eu também quando tenho dúvidas prefiro estudar em casa, pedir ajuda à intérprete... porque também é graças a ela que eu consigo compreender a matéria. Claro que também depende um pouco do meu esforço. Por exemplo, eu tenho um professor de estatística que é muito bom e ele este ano foi muito mais sensível porque viu que eu estava a reprovar constantemente e então decidiu mudar a forma de ensino para me ajudar e para que eu pudesse passar a essa unidade curricular. Mas acho que no geral tenho bons professores, que me incentivam e acho que tive sorte por estar na faculdade de psicologia.

Investigadora – E a relação com os teus colegas aqui na faculdade, como é que sentes que é essa relação?

Laura – [Acena negativamente com a cabeça] Eu não sou muito de me relacionar com as pessoas, sou um bocadinho tímida. Mas eu tenho uma colega que me acompanha desde o primeiro ano, a [faz o nome gestual da colega], aí desculpa [risse], “I”, o nome dela é “I”. Até agora nós relacionamo-nos sempre bem. Eu dou-me melhor com ela porque ela esteve comigo no meu primeiro ano de estatística, porque eu tenho estatística 1, 2 e 3, e tive com ela na primeira. Ela estava perdida e eu ajudei-a e criou-se essa ligação até agora. Com os outros eu dou-me bem, mas não há uma relação, não se compara com a “I”.

Investigadora – E no decorrer das aulas aqui na faculdade é-te fácil acompanhar e compreender o que está a ser lecionado?

Laura – É fácil. O problema é gerir mal o tempo, o problema é meu. Mas não é difícil. Sim, há matérias mais difíceis e aí eu tenho que fazer um esforço, se tiver dúvidas eu aponto e depois marco tutorias com os professores. Em tutorias é mais fácil para mim, sinto que não preciso do intérprete porque só estou eu e o professor. É de um para um.

Investigadora – E nas aulas?

Laura – Nas aulas é mais difícil. Às vezes eu quero apontar as coisas e a aula continua a decorrer. E a intérprete não tem culpa, não pode dizer ao professor para parar uma aula por causa de uma única aluna. Mas também depende da organização dos professores. Por exemplo se o professor disponibilizar o powerpoint no dia anterior eu posso ver em casa antes das aulas e isso já me ajuda. É um truque para ajudar a acompanhar as aulas. Mas não é difícil. Às vezes perco-me um bocadinho, mas depois chego a casa vou ver, vou ler tudo e já faz sentido. Mas também é sempre preciso ler depois da aula para não esquecer a matéria.

Investigadora – E aqui na faculdade consideras que recorres ao teu implante coclear para compreender a matéria?

Laura – Não. O implante coclear tem vantagens, sim. Mas não é por causa dele que eu consigo perceber a matéria, não. Como eu percebo bem português, percebo a lógica e isso ajuda-me, mas não é o implante em si que me ajuda, não.

Investigadora – E há algum episódio que queiras contar que tenha sido importante para ti aqui na faculdade?

Laura – Não é bem um episódio, mas é uma situação um bocadinho frustrante que acontece sempre. Quando um professor descobre que tem uma aluna surda, e que essa aluna tem intérprete, diz sempre “o que tu fazes é tão bonito” [revira os olhos]. E depois quando me ouvem a falar “Mas tu falas muito bem” [suspira]. Eu compreendo a situação mas a questão não é eu falar, é eu ouvir. Eu sou surda, eu vou sempre precisar da intérprete. Temos de estar sempre a corrigir, porque “ah, tu falas mesmo bem, não precisas de intérprete” [suspira e revira os olhos]. Não é por causa da fala que eu preciso de intérprete, é pelo facto de não conseguir ouvir tão bem. Mas acho que qualquer aluno surdo passa por isto, sente que precisa de estar sempre a corrigir. De resto não há assim nada. Esta situação é que está sempre e sempre a repetir-se. Mais um ano que eu fico

faculdade, mais um ano que isso acontece. Eu sei que tenho de ter paciência, mas já começa a ser frustrante.

Investigadora – Muito bem. Queres acrescentar mais alguma coisa. Há alguma coisa que queiras dizer, que aches que falta dizer.

Laura – Eu posso só dizer que a escola e a faculdade, relativamente á forma de ensino, as duas não se podem comparar. Aqui na faculdade a matéria segue sempre. Podemos interromper e perguntar, sim, mas não tem nada a ver com a escola. A relação com os professores também é um bocadinho mais distante, não é tão proxima como nas escolas. Nas escolas os professores mostram-se interessados na nossa vida... é diferente. Mas esse interesse pode ajudar a estabelecer uma ligação que ajudará na aquisição do programa. Relativamente aos colegas, é muito diferente, porque aqui temos muitos colegas, na escola acabam por ser sempre os mesmos. É bom, mas é diferente. É um mundo diferente. Também posso acrescentar que, todos os anos, quando o ano letivo começa, caso tenha uma nova intérprete, eu aviso sempre para quando ela gestualizar, não utilizar a glosa [a estudante refere-se à utilização da gramática da língua gestual portuguesa] porque isso baralha-me muito porque como eu percebo bem o português eu sinto que é mais fácil para mim acompanhar o português, ou seja, a língua gestual sem a glosa. Porque eu não considero que a língua gestual seja a minha língua materna. Por isso eu peço sempre à intérprete para não utilizar. Às vezes ela fica um bocadinho confusa [risos], porque coitada, está habituada a usar, por exemplo “mãe” + “minha”. Neste contexto é fácil, mas agora matéria não dá... e eu sinto a necessidade de acompanhar o português. E isto faz com que eu tenha algum receio... não é bem receio, é uma preocupação que com isto a língua gestual acabe por perder a sua riqueza. Claro que depende dos surdos, mas é uma coisa que eu peço sempre porque aqui o meu objetivo é perceber melhor, não é eu ficar confusa.

Investigadora – Muito obrigada pela tua participação.

Laura – Obrigada eu.

Apêndice 7 – Análise de Conteúdo: Categorias

Categoria 1	O Implante Coclear	
Temas Emergentes	Subcategorias	
A melhor fase para a colocação do implante coclear	Em idade precoce	<p>...isso não acontece... Não é assim. Uma pessoa surda já há muitos anos e depois de repente, aos 50 anos decide ser implantado isso já me parece uma decisão um bocadinho tardia... também relativamente à estrutura cerebral... não conhece os sons, não foi preparado para isso. Ou seja... se é um surdo profundo não vai ouvir assim de repente... isso não vai correr bem. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Também depende muito da idade... Nesta situação, se for com 50 anos, vai ser uma perda. É a minha opinião. Não vai ter ganhos. Porque se for pequenino OK. Aprende a língua gestual e depois tem o implante... (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>não sei o que o fez pensar que agora, aos 50 anos, é melhor ser implamntado... não sei [expressão de dúvida]. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Na minha opinião eu acho que se nascer surdo e depois for implantado, OK, mas jovem, em criança... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim OK, mas se vamos esperar que eles decidam e debater sobre isso e só implantar mais tarde acho que é mais difícil, não dá. (Mateus. DFG. 03/2019)</p>
	Em idade tardia	<p>Agora por exemplo, se nasceu ouvinte e mais tarde perdeu a audição, como a Leonor disse, OK, posso concordar com isso. (Mateus. DFG. 03/2019)</p>

		Colocar os implantes em crianças é complicado porque não é uma decisão deles, que são pequeninos, é dos pais. Eles não sabem o que é. São crianças. (Leonor. DFG. 03/2019)
O implante coclear como sistema de suporte.	O implante coclear como suporte na diminuição dos desafios de rotina	<p>Sim... Mas eu estava a falar se fosse eu, se fosse eu a ponderar usar o implante. Porque neste caso o filho dele, o Emmet (personagem da série) dizia que, como ele era surdo, via as pessoas, via a sociedade e via que tinha determinadas barreiras. E então parece que o facto de conseguir colocar o implante... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Iria derrubar essas barreiras...(Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>já ia facilitar toda a vida dele, já ia conseguir arranjar trabalho e isso não é bem assim. Isso está ligado à pessoa, está ligado a cada um, à força de cada um. Isso depende muito de pessoa para pessoa. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, de facto o implante pode ajudar, mas não vai abrir todas as portas. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>É verdade. (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Só se a pessoa tiver força de vontade, se esforçar... aí claro que sim, vai correr bem. Mas depende sempre. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Se eu fosse implantada, sim, eu acho que me poderia ajudar em alguma coisa. Ajudar-me a ter mais facilidades e benefícios, menos barreiras. Agora eu acho que o sistema está muito preparado para pessoas ditas normais. Falta preparar o sistema para as pessoas surdas. Isso nunca fizeram. Eu ingressei na faculdade e tive algumas dificuldades, claro. Porque eu não conseguia acompanhar. Era tudo muito rápido, o ritmo era completamente diferente do meu. Eu tentei sempre chamar a atenção e avisar que eu sou surda e que as pessoas surdas têm ritmos diferentes, precisam</p>

		<p>que as coisas sejam adaptadas... Agora imaginando que eu fosse implantada, talvez tivesse um maior acesso à informação e, por consequência, talvez conseguisse ter mais sucesso.” (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu acho que o implante pode servir de apoio ao português. Porque se a pessoa surda crescer a dominar a língua gestual e, depois, com o implante, construir também um bom domínio da língua portuguesa, as coisas ficam mais equilibradas. Irá conseguir compreender melhor as coisas. Por exemplo o significado de algum conceito, o que significam diferentes palavras. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>E quando nós eramos pequeninas eu sempre acreditei que ela tinha mais facilidades que eu, porque ela tinha o implante e conseguia ouvir alguma coisa, logo tinha mais conhecimento sobre determinadas palavras e conceitos. Nos exames nacionais do 12ºano, no ano passado, ela passou e eu pensei “claro, é implantada, ouve alguma coisa, tem mais facilidade” (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, lembro-me que mudou muita coisa. O som é muito diferente de quando eu era pequenina, de quando eu tinha as próteses auditivas. O som é super diferente. É tudo muito diferente. Depois do implante eu conseguia ouvir melhor, falar melhor, podia conversar, estar e conviver com os meus amigos ouvintes, com a minha família... (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Sinto-me muito bem (...) Porque o implante ajuda-me, é como se fosse um apoio. Porque nós surdos, com ou sem implante, nós somos pessoas independentes. Coisas básicas, como por exemplo</p>
--	--	---

		<p>irmos à segurança social, nós temos de ser independentes. E eu tenho sorte porque no geral eu não preciso que o intérprete me acompanhe. Eu posso ir sozinha e sinto-me bem porque eu gosto dessa independência. Então o implante dá-me a oportunidade de fazer estas coisas sozinha. Eu adoro ouvir música, eu não conseguiria viver sem música. Eu sinto que o mundo com sons é o meu mundo. Sinto-me muito bem [risos], não sei muito bem explicar, mas sinto-me muito bem. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>Sim. Um dos objetivos do implante também é esse. E se o professor tivesse de frente e tivesse uma voz clara, suave, falasse alto, razoavelmente alto, eu conseguia perceber. Eu também tinha a intérprete ao lado, mas ao mesmo tempo que eu olhava para a intérprete eu ouvia o que o professor estava a dizer e conseguia perceber. Também como a língua gestual é uma língua recente, tem 21 anos, nem todas as palavras tem correspondente gestual, logo o facto de eu conseguir ouvir ajuda-me a criar uma lógica. Se a intérprete soletrar aquela palavra eu consigo ouvi-la e isso ajuda-me, se estiver de frente, claro. Então isso é um apoio muito grande e ajuda-me nas matérias. (Laura. EI. 03/2019)</p>
	O implante coclear como suporte para aqueles que perderam a audição tardiamente	<p>Por exemplo uma pessoa que tenha 40 ou 50 anos, ouvinte, e de repente perde a audição. Aí pronto, já tem um motivo, está habituado a ouvir desde sempre não é? De repente é que perdeu a audição e então quer ser implantado. Nesse caso tudo bem. (Leonor. DFG. 03/2019)</p>
	O implante coclear como promotor da sensação de “normalidade”	<p>ele quer colocar o implante para sentir que tem alguma igualdade perante os outros (Leonor. DFG. 03/2019)</p>

		Eu vou dizer a verdade... Quando eu fui implantada eu sentia-me ouvinte. (Alice. EI. 03/2019)
A influência dos outros na colocação do implante	A influência da comunidade ouvinte	<p>A maioria das pessoas ouvintes influencia os surdos. Os surdos acabam por se influenciar um pouco (...) (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, mas acho que não é só a família, acho que é mesmo a sociedade que é maioritariamente ouvinte, acho que é por causa disso. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p>
	A influência da família	<p>Eu acho que era pelo facto da família da namorada ser ouvinte. Fez com que agora ele quisesse ouvir. (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu conheço duas situações de pessoas que nasceram ouvintes e depois ficaram doentes e perderam a audição. Com o crescimento os pais decidiram que queriam colocar o implante. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Os pais ficam aflitos. Querem o melhor para os filhos. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, é como a Laura disse, os pais só querem o melhor para o futuro dos filhos (...) (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Os pais acreditam sempre no que os médicos dizem. (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora há famílias surdas onde nasce uma criança surda e, por exemplo, os avós, os tios, são ouvintes e acabam por influenciar um bocadinho a que a criança seja implantada. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Foi por causa da minha mãe. Eu antes usava aparelhos. Mas eu estava sempre a retirar os aparelhos [risos] e a minha mãe decidiu colocar-me o implante.</p>

		<p>O objetivo da minha mãe era que eu ouvisse melhor. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Eu depois que coloquei o implante só me lembro de ter de praticar a oralização, de ter de aprender as palavras (...) Eu acho que foi uma tentativa de me transformar em ouvinte, de me colocar a falar. Porque os meus pais são ouvintes, não sabem língua gestual, e eles queriam que eu colocasse o implante e começasse a falar por causa disso. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Os meus pais acreditaram que o implante me iria fazer falar melhor, que era o correto. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Como a minha mãe sabia que eu tinha muito medo de agulhas, porque eu era pequenina. Não me disse nada, não disse que eu iria ser operada, não me contou nada. E pronto, eu pensava que ia para um hotel, que ia de férias, porque era verão... A minha mãe levou-me e foi quando veio o médico que me disse que eu tinha que tomar uns medicamentos por causa da cabeça e eu acreditei. Depois assim de repente acordei e já tinha o implante. Foi assim [risos]. Depois a minha mãe explicou-me e disse-me “olha filha, como tu gostavas muito de ouvir e eu não sabia como é que tu irias reagir...”. Mas a minha mãe fez a melhor opção possível porque eu tenho a certeza que eu iria dizer que não e depois iria arrepende-me. (Laura. EI. 03/2019)</p>
	A influência dos pares	<p>Também no caso ele tem uma namorada ouvinte e... (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Não... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Não é ouvinte... Ela é surda... Mas é implantada, como eu. É implantada. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, é isso. (Mateus. DFG. 03/2019)</p>

		<p>Sim... Mas acaba por influenciar. (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Leonor – Sim... Uma coisa é uma pessoa ser influenciada... É preciso deixar escolher por ela própria. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Ouvinte ou com implante eu acho que ela iria acabar por influenciar da mesma forma. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Depende. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim... Mas ele vê que a namorada tem e... [encolhe os ombros] (Laura. DFG. 03/2019)</p>
	A influência da comunidade médica	<p>Mas o facto é que os médicos só dizem que o positivo é implantar. E onde é que está o negativo? Ninguém fala sobre isso. Dizem sempre que é muito positivo. É como se o implante fosse sinónimo de vantagem, por exemplo. Não é o caso. Mas eles não falam do resto. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, nestas situações os médicos acabam por ser superiores. Mas os médicos sabem as capacidades de cada pessoa surda? As coisas positivas da comunidade surda? Peço desculpa, estou sempre a falar mal dos médicos. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Porque se o médico disser que sem implante não haverá um futuro então claro que os pais vão querer que o filho seja implantado. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Os meus pais são surdos e quando eu nasci o médico disse “ora bem, a menina é surda, se quiser pode colocar implante”. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Então, porque se as pessoas têm um problema de coração, a tecnologia também permite criar aparelhos para resolver isso. As tecnologias estão a avançar e no caso das “deficiências” os médicos estão sempre à</p>

		<p>procura de formas de fazer a pessoa melhorar. Como a surdez é vista como deficiência, investigaram formas para ajudar a ouvir melhor... e é um negócio. Já se sabe que isto é um negócio. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Não me lembro muito bem mas os meus pais contaram-me. O médico começou a pressionar os meus pais, a dizer “olhem que é bom, o implante é bom. Ela vai falar melhor, vai ouvir melhor...” e então os meus pais acreditaram nisso. Então com 6 anos fui implantada. Três meses depois disso comecei a ter terapia da fala e pronto. (Alice. EI. 03/2019)</p>
Extinção da comunidade surda		<p>(...)Os médicos só querem pôr as pessoas a ouvir. Se ouve, muito bem, parabéns, vamos lá, passa para outro. Mas esse é o meu maior receio. Que daqui a 20, 30, 40 anos, sei lá, os surdos deixem de existir. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Ahhh... Mas eu não me acredito nisso, porque isso dos surdos deixarem de existir é... Não sei como explicar. Porque na verdade haverá sempre surdos... Mas com aparelho ou implante. É isso que estás a falar não é Leonor? (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim. Mas no futuro, com a evolução da tecnologia, os implantes também vão evoluir...(Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Tens receio que com a evolução da tecnologia deixe de existir comunicação em língua gestual, é isso? Hája surdos, mas só oralizem. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Não há identidade. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Então concordo... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Vamos imaginar que no futuro, daqui a 20, 30 anos, não existam implantes, não existiriam barreiras de comunicação entre surdos. Iriamos comunicar</p>

		<p>facilmente. Agora com os implantes... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Percebi... a comunidade vai começar a desaparecer. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Nós no passado já tivemos melhor. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Antigamente ouviam-se muitas histórias... os idosos contam... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Havia muitos protestos...(Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>... juntavam-se todos e lutavam em conjunto, faziam manifestações... Agora não. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora nunca têm tempo... deixam para lá... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora se é preciso alguma coisa vão para aí só 10 pessoas. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>São poucos. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora não se vê nada disso... Só se pensa em implantes e o objetivo é só conseguir falar. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu acho que os surdos que pensam assim têm receio que com o tempo a comunidade surda se extinga. (Margarida. DFG. 03/2019)</p>
Medos e preocupações associados à cirurgia		<p>E se a operação não correr bem? (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Laura – Acontece... (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Margarida – Há o caso da idade, o caso de não ter língua gestual, não ter conhecimento sobre... Eu tenho receio. (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Beatriz – Também antigamente era diferente. Havia mais riscos na operação. Agora é mais moderno. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p>
Desmistificação do implante coclear	Extenso tempo para habituação e a não adaptação ao implante coclear	<p>É uma série mas pode influenciar as pessoas a achar que se coloca um implante e se começa a falar logo. Parece que estão a dar essa ideia ao mundo e isso não</p>

		<p>é verdade. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Quem sabe, quem já passou por um implante [aponta para as colegas do lado (Beatriz e Alice)], quem já passou por esta situação vê logo que não é assim que isto acontece. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Não uso. Porque o programa do meu implante mudou e eu não estava habituada. Eu sentia que estava a ouvir diferente. E antigamente não era assim. Eu sentia que os sons das palavras estavam a mudar... É a atualização dos programas. Então eu preferi retirar o implante e ficar só com o aparelho. As mudanças dos programas não funcionaram comigo. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Eu escolhi retirar o implante, por isso eu acho que não, que para mim especificamente, não seria positivo. Eu acho que se o programa não tivesse mudado, talvez. . (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Foi um pouco rápido. Porque eu antes já ouvia alguma coisa, principalmente do ouvido esquerdo. Claro que dependia do tipo de som, da forma das pessoas falarem, do ambiente... Mas depois da colocação do implante senti que foi bastante rápido. Tive terapia da fala, para identificar melhor os sons. Também houve aquela questão de identificar os sons através do computador para ajustar o implante... Mas foi pouco tempo. Eu adaptei-me bem. (Laura. EI. 03/2019)</p>
	A diferença entre o ouvinte e o surdo implantado	<p>O som também é um bocadinho diferente do que era antes. Porque por exemplo as pessoas quando crescem ouvintes e depois perdem a audição, quando colocam o implante o som não é igual ao que era antes. Acho que há uma diferença. (Alice.DFG. 03/2019)</p>

		<p>Sim, é diferente. Também depende muito do programa do implante. Mas claro que sim, o som é diferente. Se usarmos um aparelho normal ou se usarmos um implante o som não tem comparação possível. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>(...) Agora estou-me a lembrar e sim. Depois do implante eu não podia fazer determinados desportos, por exemplo basquetebol... Nada que envolvesse muita força... basquetebol, acrobacias, tudo que era ginástica, cambalhotas, e.t.c. tudo que envolvesse muitos movimentos com a cabeça. Quando eu fazia parecia que sentia uma espécie de choque na cabeça, leve, mas uma espécie de choque (...) (Alice. EI. 03/2019)</p>
	O implante coclear como não resolucionador de todas as dificuldades sentidas pelo surdo	<p>Também depende da forma como somos preparados. Às vezes não tem nada a ver com os implantes. Eu conheço pessoas implantadas que têm imensas dificuldades na faculdade. Tudo depende. Depende muito da educação que tiveram até lá. Por exemplo, se agora eu colocasse um implante não iria compreender tudo e ter imenso sucesso. As coisas não funcionam assim. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>O implante não é um milagre. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>E sinto que o implante não foi importante para o meu percurso escolar. O implante deixava-me muito confusa. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Eu escolhi retirar o implante, por isso eu acho que não, que para mim especificamente, não seria positivo. Eu acho que se o programa não tivesse mudado, talvez. . (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Se eu não tivesse o professor de educação especial o</p>

		<p>implante ajudava-me a compreender, mas se o professor se virasse de costas eu já não conseguia perceber. O problema é que a maioria dos professores a lecionar as aulas movimentavam-se e passavam para trás de mim e aí já não conseguia compreendê-los. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Mas eu sempre soube que a minha vida iria ter muitos obstáculos, muitas barreiras. A minha mãe sempre me disse, desde pequenina, “tu vais ter sempre de lutar”. Por isso eu sinto que é só mais um obstáculo que eu tenho que ultrapassar e depois, qual é o próximo? Já estou preparada para o próximo. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>(...) Agora por exemplo, se estiver num auditório, esquece, não consigo perceber. Há muitas pessoas a falar, muito barulho, não se consegue. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>Eu não sou de falar muito, mas se for preciso eu peço apontamentos aos meus colegas ouvintes. Por exemplo em trabalhos de grupo é sempre preciso falar e normalmente eu sinto sempre algumas dificuldades porque alguns colegas falam baixinho ou têm um sotaque um pouquinho diferente, mas eu faço um esforço e consigo. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>Com os ouvintes às vezes eles esquecem-se que eu sou surda e que é preciso estarem de frente para mim. Por vezes falam atrás de mim e eu ouço sim, mas não consigo compreender o que dizem, têm mesmo de falar de frente. Mas eu sempre soube que a minha vida iria ter muitos obstáculos, muitas barreiras. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>O implante coclear tem vantagens, sim. Mas não é por causa dele que eu consigo perceber a matéria, não.</p>
--	--	--

		Como eu percebo bem português, percebo a lógica e isso ajuda-me, mas não é o implante em si que me ajuda, não. (Laura. EI. 03/2019)
--	--	---

Categoria 2	A construção da Identidade	
Temas Emergentes	Subcategorias	
Sentimento de pertença a uma comunidade e identidade	Sentimento de pertença à comunidade e identidade surda	<p>Relativamente à questão de investigação, relacionada com a identidade surda... se colocarmos implante iremos perder ou não a nossa identidade... eu acho que depende muito. Podem colocar o implante... Não sou contra... a pessoa escolhe o que quiser. Mas se quiser e depois também quiser crescer junto da comunidade surda e ter influências e depois conseguir ter um modelo a nível gestual... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>...e da própria cultura surda, isso pode acabar por influenciar a pessoa a sentir-se surdo. E mesmo que tenha implante... mesmo que tenha. Não é só dizer: Ah, é surdo, relaciona-se automaticamente com a identidade surda... Não. Acho que falta também um bocadinho essa ligação. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Se agora dissessem que o implante funcionaria comigo os meus pais iriam querer que eu colocasse. Mas eu não quero. E ainda bem que eles não me implantaram quando eu era criança porque antigamente era diferente. Eu fico aliviada por eles não o terem feito, porque eu não queria. Mas isso é a minha opinião, é como eu me sinto. (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Eles são surdos, a família é surda e agora colocavam-me implante e teriam de me ensinar a oralizar... Como é que me iriam acompanhar? Não, disseram</p>

		<p>que não era preciso. Agora que eu cresci eu de facto agradeço aos meus pais não me terem implantado porque de facto não teria lógica fazerem isso. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Com convívio. Para mim é com o convívio. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>A identidade depende muito... é o convívio com as pessoas surdas, com a cultura surda. É a vontade que têm de estar com os ouvintes ou não. No meu caso eu sinto que tenho uma identidade surda porque eu convivo muito com surdos. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Depende da experiência, do convívio com os surdos (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>(...) uma criança vai crescendo e convivendo com ouvintes e também com surdos, a criança começa a perceber se se relaciona melhor com os ouvintes ou se se relaciona melhor com os surdos... se de facto se relacionar melhor com os surdos e com os ouvintes for só a comunicação básica, só mesmo por necessidade significa que poderá ter uma identidade surda. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu tenho que olhar para mim própria e saber o que é que eu consigo ou não e o que é melhor para mim. Se é mais fácil com a comunidade surda ou não. Agora se me é mais acessível a comunidade surda a minha identidade é surda. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu tenho uma pergunta para todos vocês. Eu sou surda, encontro-me com uma pessoa ouvinte. Já vos aconteceu existir uma quebra na comunicação? Por exemplo não perceberem bem, não perceberem o que</p>
--	--	--

		<p>está a ser dito? Já a todos nós aconteceu isso não é? Então nós temos estas experiências e depois existe a influência da comunidade surda. Nós crescemos, temos a nossa experiência a nível gestual, cada um de nós sabe língua gestual. E depois há situações em que parece que somos discriminados não é? Acontece... Já todos nós tivemos dessas situações, já sofremos de bullying... E nós somos muito visuais, temos a nossa comunidade, que comunica com as mãos, a nossa cultura... Temos muitos factores que, todos juntos, me levam a sentir que de facto a minha identidade é surda. Eu já tenho muitos anos de experiência... consigo me relacionar muito bem com cada um destes factores, logo essa é a minha identidade (...) É preciso ter uma identidade forte porque nós já passamos por experiências, por várias situações em que não percebíamos o que estava a ser dito oralmente... Muitas barreiras... E essas barreiras acabam por nos dar um sentimento de pertença a comunidade surda porque já todos passamos pelo mesmo. Não ouvimos pronto... para nós isso é natural. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Mas mesmo que sejamos implantados, nós somos surdos na mesma. Porque sem o implante nós não ouvimos nada, não mudamos nada, continuamos a ser surdos. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Porque a identidade está também ligada à cultura e à comunidade surda. Porque nós sentimos que nos relacionamos bem com essa cultura. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Mas a principal influência acaba por ser o facto de estarmos integrados na comunidade surda. Eu não sinto que a minha identidade seja ouvinte. Eu tenho</p>
--	--	--

		<p>mais contacto com as pessoas surdas, é normal. Com os ouvintes nem tanto... Há sempre uma quebra de comunicação... É uma seca... as pessoas estão ali a falar e eu não estou a perceber nada, não consigo compreender o que é dito. Com a comunidade surda eu sinto-me bem porque a minha identidade é surda. É assim que eu me sinto bem, com essa relação. Agora no caso dos ouvintes é o contrário. Os ouvintes estão lá, a conviver... e nós chegamos e eles percebem, “pronto, aquela pessoa é surda, eu não consigo comunicar com eles gestualmente, eu não percebo nada...” e continuam a falar... Eu acho que vai sempre existir essa diferença. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, é verdade. Mas por exemplo o caso do “B”. (...) Ele perdeu a audição e “ai meu deus, como vai ser agora?” Não havia implantes naquele tempo. E o que é que ele fez? Começou a conviver com a comunidade surda, lutou durante muitos anos com e para a comunidade surda... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Pronto, mas naquele tempo não havia implantes. Perdeu a audição, OK, vamos aprender a língua gestual. Vamos conhecer a cultura, as associações. Então por causa disso a sua identidade surda tornou-se muito forte. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)Porque sem os implantes, os surdos sentiam que existia uma ligação entre eles. Passavam pelas mesmas experiências, de luta, de discriminação e isso fazia com que existisse um sentimento de comunidade. E também comunicavam da mesma forma, através da língua gestual. (Leonor. DFG. 03/2019)</p>
--	--	--

		<p>Mas também não podem pensar assim, porque nós [implantados] temos dificuldades e barreiras na mesma. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Mas eu sou surda, eu escolho ser surda. É assim que eu sou e é assim que vai sempre ser. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>E eu não concordo nada com isso. Porque nós surdos somos muito visuais e sentimos o barulho, a movimentação diferente... (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Para mim eu sinto que não é importante ter implante. Porque sem o implante eu frequento a faculdade normalmente. Também tenho a intérprete por isso a comunicação acaba por ser acessível. Se não tivesse a intérprete é que não dava mesmo. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p>
	Sentimento de pertença à comunidade e identidade ouvinte	<p>Se eu fosse surda mas não convivesse tanto com surdos, so estivesse direcionada para os ouvintes, a minha identidade acabaria por ser um pouco mais ouvinte. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora quando comunica bem com os ouvintes mas com os surdos mais ou menos, então significa que pode ter uma identidade mais ouvinte e não tão surda. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Isto está um bocadinho confuso. Eu acho que cada um é que tem de saber... Ora bem, eu tenho mais interesse em quê? Em falar? Eu consigo perceber o que é dito oralmente? Eu tenho experiência em relacionar-me com os ouvintes? Então OK, eu relaciono-me com ouvintes. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Mas de facto se eu crescesse a relacionar-me com</p>

		<p>ouvintes, oralizasse muito bem, não tivesse qualquer experiência com surdos, não conhecesse nada da cultura surda, não soubesse língua gestual, não percebesse nada, não conseguisse acompanhar... Então já sei, a identidade seria outra. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora se a pessoa surda colocar um implante no decorrer do seu crescimento, não sabe nada a nível gestual, vai aprender a falar também vai ter ali uma barreira com os surdos porque não vai saber comunicar em língua gestual. E vai ter uma identidade mais ouvinte e não vai ter uma identidade surda, porque não sabe nada sobre a cultura surda ou sobre a língua gestual. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu conheço uma situação de uma rapariga em Ilhavo, ela entrou lá na escola no 7º, 8ºano. Ela teve meningite acho que aos 14 anos. Ou seja, ela cresceu ouvinte e quando perdeu a audição ela foi implatada porque ela queria ouvir. A mãe colocou-a na mesma numa escola de referência, para ver como é que ela se sentia. Mas ela não se sentia muito bem, ela preferia oralizar, mas também o implante ajudava-a muito não é? E até agora ela não tem qualquer contacto com a comunidade surda. Por isso sim, o implante influencia. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu vou dizer a verdade... Quando eu fui implantada eu sentia-me ouvinte. Mas quando eu estava com surdos eu não estava habituada. Eu estava habituada a falar. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>todos os anos, quando o ano letivo começa, caso tenha uma nova intérprete, eu aviso sempre para quando ela gestualizar, não utilizar a glosa [a estudante refere-se</p>
--	--	--

		<p>à utilização da gramática da língua gestual portuguesa] porque isso baralha-me muito porque como eu percebo bem o português eu sinto que é mais fácil para mim acompanhar o português, ou seja, a língua gestual sem a glosa. Porque eu não considero que a língua gestual seja a minha língua materna. Por isso eu peço sempre à intérprete para não utilizar. Às vezes ela fica um bocadinho confusa [risos], porque coitada, está habituada a usar, por exemplo “mãe” + “minha”. Neste contexto é fácil, mas agora matéria não dá... e eu sinto a necessidade de acompanhar o português. E isto faz com que eu tenha algum receio... não é bem receio, é uma preocupação que com isto a língua gestual acabe por perder a sua riqueza. Claro que depende dos surdos, mas é uma coisa que eu peço sempre porque aqui o meu objetivo é perceber melhor, não é eu ficar confusa. (Laura. EI. 03/2019)</p>
	<p>Identidade Híbrida</p>	<p>Mas se realmente quer colocar o implante, OK pode colocar o implante, mas depois como é que vai fazer? Vai ter de ter terapia da fala, vai ter de ter um acompanhamento para saber distinguir os sons... isso não é assim... Acho que isso, interiormente, vai fazer muita confusão. Porque de repente qual é a minha identidade, qual é a tua identidade, qual é a de cada um? Acho que isso influencia muito e é um bocadinho confuso... Para mim, na minha opinião. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Mas depois vai crescer a gestualizar e vai ter a parte do trabalho da oralidade e vão ser duas coisas separadas: os gestos e a oralidade. O problema é que acho que fica um bocadinho confuso... Depois na escola... Temos de conhecer bem a criança. Mas no caso de serem pais surdos que têm um filho surdo e depois decidir implantar acho que isso para a criança é um bocadinho confuso. Porque ela vai-se perguntar:</p>

		<p>“Mas então qual é a minha identidade?”. Não sabe qual é o mundo dele, há ali um choque de culturas. Isso tem de ser uma escolha de cada um. Saber se vai preferir implantar ou não. No caso das crianças acho que é um bocado confuso pensarem no futuro delas. Saberem “OK, eu sou forte a nível gestual... mas depois também tenho esta vertente oralista”. E não sabem onde pertencem. Eu já vi vários casos assim. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Depende da experiência de cada um porque podem pensar que não têm uma identidade forte mas também podem ainda não ter aprendido nada sobre a cultura surda... ainda falta ali qualquer coisa... ainda falta perceber como se sente realmente. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)eu sinto que eu fui crescendo e os meus pais tentaram pressionar, forçar-me a mudar a minha própria identidade. Eu sinto que não tenho uma identidade surda tão forte porque os meus pais tentaram corrigir isso e eu fui acatando e eu tenho tentado mudar pouco a pouco... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu conheço pessoas implantadas que não têm identidade nenhuma. Porque não se identificam com nenhum grupo, nem ouvintes, nem surdos. Sentem-se muito isolados... Existe uma quebra de comunicação tanto com ouvintes como com surdos. Eu acho que também existem muitos destes casos. (...)Ainda não encontraram a sua identidade. Não sentem que podem relacionar-se com identidade alguma, nem ouvinte, nem surda. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Isso depende da vontade dele. Poderia colocar o</p>
--	--	--

		<p>implante e continuar a ter contacto com a comunidade surda. Ele podia continuar querer participar na comunidade surda. Utilizava as duas vertentes: gestualizava com os surdos e oralizava com os ouvintes. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora eu acho que a maioria das pessoas se sente confusa em relação à sua identidade. Isto comparado com antigamente. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Mas se quiserem colocar o implante para ouvir melhor, então deveriam ter as duas identidades. Participar nas duas comunidades, surda e ouvinte, e perceber que a cultura, a forma de falar é diferente. Tentar dosear essas duas vertentes. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Ter dois papéis. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Por exemplo como a Laura. Ela ouve, oraliza, mas depois em casa comunica como? Porque ela mora comigo... Comunica em língua gestual. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>A minha situação é diferente. Eu nasci ouvinte, mas depois aos três anos eu perdi a audição. Eu fui crescendo, e aos 6 anos fui implantada. Eu nunca tive intérprete. A primeira vez que eu tive intérprete foi na faculdade e no início foi muito confuso. Porque eu não estava habituada. Eu estava habituada a estar junto dos ouvintes. Convivia com surdos, sim, mas na escola eu estava habituada a acompanhar as aulas através de muita leitura labial. Na faculdade foi muito confuso, porque eu estava habituada a ir ouvindo alguma coisa do que o professor dizia e a recorrer também à leitura labial. Por isso foi muito confuso. Depende da experiência de cada um. (Alice. DFG. 03/2019)</p>
--	--	---

		<p>(...) Ele fica lá, assim, não vai à escola... Não está nem integrado com surdos nem com ouvintes, simplesmente não vai à escola. Fica lá em casa... Nesta situação ele é surdo e não tem implante. E qual é a identidade dele? Tem identidade surda? Ele nunca contactou com surdos, nunca desenvolveu a sua identidade surda. Por isso acho que depende de cada experiência de vida. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Dáí eu estar a refletir sobre qual é a sua identidade. Ele tem identidade? Ou não? Porque ele nunca desenvolveu nada, não tem contacto com ninguém. Tem identidade? (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu vou dizer a verdade... Quando eu fui implantada eu sentia-me ouvinte. Quando eu estava com surdos eu não estava habituada. Eu estava habituada a falar. Depois mais tarde quando comecei a conviver com surdos eu comecei a perder um pouco essa identidade e agora sinto que tenho as duas identidades, que pertenço aos dois mundos, surdo e ouvinte. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>A minha língua gestual era um bocadinho fraca. Porque eu como ouvia mais, logo oralizava. Eu gestualizava também, sim. O problema é que eu na escola convivia mais com surdos implatados e eles falavam todos bem, eu também falava bem e por isso eu gestualizava menos. Gestualizava sim, mas pouco. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>Agora eu acho que já sou mais fluente em língua gestual. Talvez não tão fluente como outras pessoas surdas, mas nota-se um bocadinho a diferença do antes para o depois. Eu preciso da língua gestual para</p>
--	--	---

		<p>a minha vida... Mas não está em primeiro lugar. A língua portuguesa continua a ser a minha primeira língua, é a que me identifico mais, porque eu gosto de falar. Também me sinto bem com a língua gestual... Oh [encolhe os ombros e risse], sinto-me bem nos dois mundos. (Laura. EI. 03/2019)</p>
A importância da língua para o construto identitário	A língua gestual portuguesa como base para a construção da identidade	<p>É isso... A língua gestual... (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Porque se não tiver implante... por exemplo, há casos de crianças que têm só aparelho e não sabem língua gestual... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Se a pessoa só oralizar e não utilizar a língua gestual pode perder um pouco a identidade. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)do nível gestual... No meu caso eu tenho uma identidade surda forte porque também acabo por ter uma língua gestual forte. Mas vai depender muito do desenvolvimento da língua gestual(...)(Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Nós crescemos, temos a nossa experiência a nível gestual, cada um de nós sabe língua gestual. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>E vai ter uma identidade mais ouvinte e não vai ter uma identidade surda, porque não sabe nada sobre a cultura surda ou sobre a língua gestual. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu tenho mais contacto com as pessoas surdas, é normal. Com os ouvintes nem tanto... Há sempre uma quebra de comunicação... É uma seca... as pessoas estão ali a falar e eu não estou a perceber nada, não consigo compreender o que é dito. (...) Eu acho que vai sempre existir essa diferença. (Beatriz. DFG.</p>

		<p>03/2019)</p> <p>Tens receio que com a evolução da tecnologia deixe de existir comunicação em língua gestual, é isso? Hája surdos, mas só oralizem. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Não há identidade. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Então concordo... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>(...) E também comunicavam da mesma forma, através da língua gestual. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim. Porque será tudo com base na oralização. E acho que por isso os implantes influenciam sim. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, mas antigamente havia muitos surdos que eram contra o implante. Pensavam “tens implante, vais falar melhor”(…) (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>(...) Eu preciso da língua gestual para a minha vida (...) (Laura. EI. 03/2019)</p>
	O Bilinguismo	<p>Eu acho que o implante pode servir de apoio ao português. Porque se a pessoa surda crescer a dominar a língua gestual e, depois, com o implante, construir também um bom domínio da língua portuguesa, as coisas ficam mais equilibradas. Irá conseguir compreender melhor as coisas. Por exemplo o significado de algum conceito, o que significam diferentes palavras. Porque às vezes nós vemos a palavra escrita e conhecemos a palavra? Conhecemos. Mas às vezes não compreendemos o seu significado. Mas se tivermos domínio da língua gestual, o próprio gesto poderá auxiliar-nos. Fazemos a ligação e torna-se mais fácil compreender. O domínio de ambas as línguas é muito bom para o desenvolvimento</p>

		<p>cognitivo. (Mateus. DFG. 03/2019) Torna-se mais fácil porque somos bilingues. (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu acho que o Mateus está certo. Eu sei língua gestual e sei língua portuguesa. Não considero que as domine em níveis diferentes. Porque eu cresci a oralizar. Agora acabo por oralizar e gestualizar em simultâneo, mas sempre oralizei mais do que aquilo que gestualizei, acho que o implante contribuiu para isso. Quando mudei aqui para o porto, para uma escola de referência, foi um problema. Os surdos gestualizam muito rápido. Era um mundo diferente. Porque eu saí de uma escola onde estava inserida num grupo, sei lá, de 6, 7 surdos e de repente entrei numa escola para aí com 40 alunos surdos. Foi um choque. No bom sentido claro, mas um choque. Acho que isso me ajudou a aprender muita coisa, a desenvolver a língua gestual e a dominar ambas as línguas ao mesmo nível. Claro que eu tinha intérprete, mas às vezes, estando perto do professor, conseguia ouvir e acabava por não precisar da intérprete. Nunca considerei que tive uma educação bilingue, porque se tivesse tido tinha, desde logo, desenvolvido ambas as línguas e não somente a língua portuguesa. Mas neste momento relaciono-me muito com a forma como o Mateus explicou as coisas. Sinto que faço aquilo que o Mateus mencionou. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu acho que é muito importante aprendermos as duas línguas: o português e a língua gestual. Eu aprendi as duas em pequenina. Eu desde o 2ºano até ao 6ºano estive sempre com surdos. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Então, no 4ºano eu estava integrada com ouvintes, e foi um impacto enorme, por causa do português.</p>
--	--	---

		<p>Porque eu antes não era bilingue. Não tinha a língua portuguesa desenvolvida para poder ser considerada bilingue. Agora sinto que já o sou e realmente é muito positivo. A utilização de ambas as línguas é mesmo muito positivo. Antigamente eu não tinha então a língua portuguesa desenvolvida e quando comecei a estar integrada com ouvintes compreendi a importância da mesma. Não é a minha primeira língua mas a sociedade é portuguesa, estamos em Portugal e aqui fala-se que língua? Português. Por isso é importante nós compreendermos essa língua. Eu inicialmente ficava um bocado confusa porque eu tinha a língua gestual e sentia que necessitava de estar sempre a fazer uma tradução para o português escrito e vice-versa. E isso era realmente muito confuso. Então depois no 4º, 5º, 6º, 7º anos eu comecei a desenvolver a aprendizagem do português e comecei a sentir uma enorme curiosidade nessa língua. Então andava sempre com o dicionário atrás, porque eu gosto muito de ler e acho que ler é muito importante, então andava sempre com o dicionário a procurar o significado das palavras. No 8º ano tive intérprete pela primeira vez. A intérprete chegou e eu fiquei super admirada. Ela traduzia as aulas e eu completamente chocada porque era muito mais acessível. Porque antes era tudo à base de mímica, tinha de fazer um esforço redobrado, havia palavras e frases que eu não compreendia, então tinha de sublinhar, levar para casa e procurar sozinha o seu significado. Com a intérprete ficou tudo muito mais simples. Era muito mais acessível. Eu levantava o braço e dizia “não compreendi nada” [risse]. O grupo de surdos era muito pequenino, então eu preferia estar integrada com ouvintes, porque assim tinha sempre aquela influência da língua portuguesa, e sempre achei que isso era muito importante. E eu queria que</p>
--	--	--

		<p>os outros surdos vissem isso, vissem que a língua portuguesa é realmente muito importante. Porque sem ela, no futuro como é que iremos comunicar com a sociedade? (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>O domínio da língua portuguesa ajuda-nos a prepararmo-nos um pouco para o futuro. (Laura. DFG. 03/2019)</p>
A importância da história, dos marcadores e modelos surdos para o construto identitário		<p>Então, aos 16, 17 anos ele criou a associação de surdos do porto, ou seja, muito jovem. Ele lutou muito e incentivou outros surdos a mudar as coisas. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Porque por exemplo, eu já vou à associação de surdos do porto há muitos anos e vejo como as pessoas mais velhas, os idosos, são um modelo de identidade surda, porque eles lutaram, arregaçaram as mangas, lutaram e exigiram que as suas necessidades fossem tidas em atenção... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)Porque sem os implantes, os surdos sentiam que existia uma ligação entre eles. Passavam pelas mesmas experiências, de luta, de discriminação e isso fazia com que existisse um sentimento de comunidade. E também comunicavam da mesma forma, através da língua gestual. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Antigamente ouviam-se muitas histórias... os idosos contam.... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Havia muitos protestos...(Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>...juntavam-se todos e lutavam em conjunto, faziam manifestações...(Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Temos também o exemplo da carta de condução. Há alguns anos as pessoas surdas não podiam tirar a carta</p>

		de condução se não tivessem um implante ou um aparelho. (Margarida. DFG. 03/2019)
A importância da luta na reafirmação da cultura e identidade surda		<p>Então, aos 16, 17 anos ele criou a associação de surdos do porto, ou seja, muito jovem. Ele lutou muito e incentivou outros surdos a mudar as coisas. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)porque eles lutaram, arregaçaram as mangas, lutaram e exigiram que as suas necessidades fossem tidas em atenção... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)Passavam pelas mesmas experiências, de luta, de discriminação e isso fazia com que existisse um sentimento de comunidade. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu sinto que, com o passar dos tempos, será preciso força para defendermos a comunidade surda. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Antigamente ouviam-se muitas histórias... os idosos contam.... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Havia muitos protestos...(Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>...juntavam-se todos e lutavam em conjunto, faziam manifestações...(Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Nós somos uma comunidade pequena, se agora vamos ficar uns contra os outros, vamos perder a nossa união. E como vai ser o futuro? (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>E como vamos lutar pelos nossos direitos? (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Temos de nos unir. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Temos de lutar todos juntos, temos de fazer manifestações... (Alice. DFG. 03/2019)</p> <p>O meu pai conta sempre uma história relacionada com a carta de condução. Na madeira, eu sou da ilha da</p>

		<p>madeira, havia lá um grupo de surdos e nenhum deles tinha carta de condução, porque os surdos não podiam conduzir. E o meu pai tinha um amigo que era surdo e que o pai dele trabalhava numa escola de condução. E ele dizia “o meu filho é surdo, mas ele tem capacidades, o sentido da visão é muito apurado, ele tem capacidades para tirar a carta de condução.” A escola pensou sobre o assunto e lá decidiram lhe dar a oportunidade de tirar a carta de condução. Ele fez o código... e antigamente não havia computadores, não era tudo informatizado como agora, era tudo feito à mão. O problema é que ele não sabia escrever. Então fizeram um exame adaptado, estava ele mais o examinador, e o exame foi feito através de mímica, imagens, apontar para as coisas... E o surdo lá ia explicando tudo porque ele tinha capacidades. Então ele lá conseguiu tirar a carta de condução e foi dizer ao meu pai “olha, eu consegui”. O meu pai ficou admirado e espalhou logo a notícia. E o meu pai foi o segundo surdo da madeira a tirar a carta de condução. Depois os outros, com o tempo, também foram tirando as suas. (Leonor. DFG. 03/2019)</p>
A influência do implante coclear	Sim, influencia	<p>Agora se eu não ouço, coloco um implante, OK, mas cá dentro vai haver sempre um bocadinho de nós que se sente...(Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora se a pessoa surda colocar um implante no decorrer do seu crescimento, não sabe nada a nível gestual, vai aprender a falar também vai ter ali uma barreira com os surdos porque não vai saber comunicar em língua gestual. E vai ter uma identidade mais ouvinte e não vai ter uma identidade surda, porque não sabe nada sobre a cultura surda ou sobre a língua gestual. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>de repente os pais dizem: “Ai, não pode ser assim”</p>

		<p>(...) “Vamos colocar um implante” (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Mas por exemplo o caso do “B”. (...) Ele perdeu a audição e “ai meu deus, como vai ser agora?” Não havia implantes naquele tempo. E o que é que ele fez? Começou a conviver com a comunidade surda, lutou durante muitos anos com e para a comunidade surda... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim... Mas e se houvesse implantes nesse tempo? (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Nunca iria conviver com a comunidade surda. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>É isso... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Porque antigamente não havia implantes, não havia esse tipo de coisas. Por isso se uma pessoa era surda, então pronto, era surdo para tudo. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu conheço uma situação de uma rapariga em Ilhavo, ela entrou lá na escola no 7º, 8ºano. Ela teve meningite acho que aos 14 anos. Ou seja, ela cresceu ouvinte e quando perdeu a audição ela foi implatada porque ela queria ouvir. A mãe colocou-a na mesma numa escola de referência, para ver como é que ela se sentia. Mas ela não se sentia muito bem, ela preferia oralizar, mas também o implante ajudava-a muito não é? E até agora ela não tem qualquer contacto com a comunidade surda. Por isso sim, o implante influencia. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu acho que se naquela altura houvesse a possibilidade do “B” ser implantado então hoje não existia a associação de surdos do porto. (Leonor. DFG. 03/2019)</p>
--	--	---

		<p>Sim. Mas no futuro, com a evolução da tecnologia, os implantes também vão evoluir... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Tens receio que com a evolução da tecnologia deixe de existir comunicação em língua gestual, é isso? Hája surdos, mas só oralizem. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Não há identidade. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Então concordo... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Como eu estava a dizer antes, no futuro, o evoluir da tecnologia vai influenciar a construção da identidade. Porque sem os implantes, os surdos sentiam que existia uma ligação entre eles. Passavam pelas mesmas experiências, de luta, de discriminação e isso fazia com que existisse um sentimento de comunidade. E também comunicavam da mesma forma, através da língua gestual. Vamos imaginar que no futuro, daqui a 20, 30 anos, não existam implantes, não existiriam barreiras de comunicação entre surdos. Iriamos comunicar facilmente. Agora com os implantes... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Percebi... a comunidade vai começar a desaparecer. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim. Porque será tudo com base na oralização. E acho que por isso os implantes influenciam sim. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora não se vê nada disso... Só se pensa em implantes e o objetivo é só conseguir falar. (Leonor. DFG. 03/2019)</p>
	Não, não influencia	<p>Relativamente à questão de investigação, relacionada com a identidade surda... se colocarmos implante iremos perder ou não a nossa identidade... eu acho</p>

		<p>que depende muito. Podem colocar o implante... Não sou contra... a pessoa escolhe o que quiser. Mas se quiser e depois também quiser crescer junto da comunidade surda e ter influências e depois conseguir ter um modelo a nível gestual... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Ora o facto de ter implante ou ter aparelho não é importante relativamente á identidade surda. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Mas mesmo que sejamos implantados, nós somos surdos na mesma. Porque sem o implante nós não ouvimos nada, não mudamos nada, continuamos a ser surdos. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)Acho que os surdos pensavam: “É surdo, vai pôr implante porquê?” e discriminavam. Como se o implante nos fizesse perder a nossa identidade surda. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)Eu acho que o implante não influencia em nada na identidade(...)(Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Por exemplo, uma criança surda que não tem implante, tem “0” contacto com a comunidade surda, não sabe nada de língua gestual... Eu conheço um senhor na madeira que ele é assim. Ele é surdo e cego... eu até fico um pouco aborrecida com isso porque ele está sempre isolado, não tem contacto nenhum com ninguém. Se por exemplo ele fosse implantado agora, até podia vir a ouvir alguma coisa, sim, mas a forma isolada como ele cresceu é que determina a identidade que ele tem agora. (Leonor. DFG. 03/2019)</p>
--	--	--

		Ela cresceu implantada, mas eu considero que ela tinha na mesma uma identidade forte(...) (Margarida. DFG. 03/2019)
A influencia dos outros	A influência da comunidade ouvinte	O problema é que a maioria dos ouvintes não sabe o que é ser surdo, são sabe a diferença entre o aparelho e o implante... não sabem nada, não percebem nada. E isso é um bocadinho complicado. Deveriam perceber as coisas positivas e negativas. (Beatriz. DFG. 03/2019)
	A influência da família	<p>Também há a família... (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim... Depende sempre de toda a situação... da familiar, da escolar... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)eu sinto que eu fui crescendo e os meus pais tentaram pressionar, forçar-me a mudar a minha própria identidade. Eu sinto que não tenho uma identidade surda tão forte porque os meus pais tentaram corrigir isso e eu fui acatando e eu tenho tentado mudar pouco a pouco... (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, os pais acabam por influenciar. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Os pais podem ou não intervir, influenciar e persistir na oralidade do filho. A criança pode sentir que os pais querem mudá-lo, fazê-lo ter uma identidade ouvinte. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Os pais às vezes acabam por influenciar muito no facto de os filhos não serem autónomos. Parece que querem que as crianças só vejam as suas perspetivas e não pensam por eles próprios. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Eles vão crescendo, vão convivendo, estão nas escolas</p>

		<p>integrados com surdos, têm uma comunicação forte e de repente os pais dizem: “Ai, não pode ser assim” e nós sentimos uma revolta, sentimo-nos presos. Porque os pais às vezes são espertos... “Vamos colocar um implante” e depois deixam-nos numa escola integrados, sem saber nada sobre a língua gestual, a educação e a cultura surda e depois, anos mais tarde encontram um surdo e não se sentem nada bem... E a culpa é dos pais... conheço muitos casos destes. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu acho que foi uma tentativa de me transformar em ouvinte, de me colocar a falar. Porque os meus pais são ouvintes, não sabem língua gestual, e eles queriam que eu colocasse o implante e comesse a falar por causa disso. (Beatriz. EI. 03/2019)</p>
	A influência da escola	<p>Sim... Depende sempre de toda a situação... da familiar, da escolar... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>(...)do nosso percurso escolar: ensino especial, terapia da fala... depende muito... (Margarida. DFG. 03/2019)</p>

Categoria 3	Violência Simbólica	
Temas Emergentes	Subcategorias	
Abuso de poder parental		<p>OK, o tempo foi passando, colocaram os implantes e sentiram-se mal porque parece que a operação não correu lá muito bem. E então pronto, retiraram o implante. E agora sentem-se como... parece que foram implantados, colocaram-lhes ali uma coisa mas não foi decisão deles próprios. [Aponta para o Mateus] Colocar os implantes em crianças é complicado porque não é uma decisão deles, que são pequeninos, é dos pais. Eles não sabem o que é. São crianças. (Leonor. DFG. 03/2019)</p>

		<p>Foi por causa da minha mãe. Eu antes usava aparelhos. Mas eu estava sempre a retirar os aparelhos [risos] e a minha mãe decidiu colocar-me o implante. O objetivo da minha mãe era que eu ouvisse melhor. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Os meus pais acreditaram que o implante me iria fazer falar melhor, que era o correto. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Como a minha mãe sabia que eu tinha muito medo de agulhas, porque eu era pequenina. Não me disse nada, não disse que eu iria ser operada, não me contou nada. E pronto, eu pensava que ia para um hotel, que ia de férias, porque era verão... A minha mãe levou-me e foi quando veio o médico que me disse que eu tinha que tomar uns medicamentos por causa da cabeça e eu acreditei. Depois assim de repente acordei e já tinha o implante. Foi assim [risos]. Depois a minha mãe explicou-me e disse-me “olha filha, como tu gostavas muito de ouvir e eu não sabia como é que tu irias reagir...”. Mas a minha mãe fez a melhor opção possível porque eu tenho a certeza que eu iria dizer que não e depois iria areepender-me. (Laura. EI. 03/2019)</p>
Discriminação	Discriminação face aos surdos no geral	<p>Agora estamos a falar de uma situação em que a pessoa é surda desde pequenino, já há muitos anos e de repente vamos colocar um implante... [expressão de estranheza] não sei... Porque sinto que é um bocadinho excluir a sociedade em si, por causa de toda a vivência, todo o trabalho...(Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>E depois há situações em que parece que somos discriminados não é? Acontece... Já todos nós tivemos dessas situações, já sofremos de bullying... (Leonor. DFG. 03/2019)</p>

		<p>Mas por exemplo, um patrão numa empresa pode preferir uma pessoa que consiga ouvir alguma coisa, portanto que tenha um implante, a uma surda sem implante. As empresas, os patrões podem preferir alguém que ouça. Eu acho que isso é um bocadinho discriminativo, mas... (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>O problema é que a sociedade não sabe como adaptar e preferem pessoas que consigam falar. Se a pessoa for surda discrimina logo. E eu acho que não pode ser logo assim, é preciso tempo para conhecer a pessoa e não rejeitar à partida só por ser surda. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Temos também o exemplo da carta de condução. Há alguns anos as pessoas surdas não podiam tirar a carta de condução se não tivessem um implante ou um aparelho. (Margarida. DFG. 03/2019)</p> <p>Há pouco tempo aconteceu com um amigo meu, ele quis tirar a carta de condução e o médico pediu-lhe uma prova de que tinha implante ou aparelho. Mas ele não usava, então não tinha prova, logo não conseguiu matricular-se para tirar a carta de condução. Não aceitavam que ele tirasse a carta de condução se não tivesse um implante ou um aparelho, como se fosse obrigatório. Disseram que ele tinha que ouvir no caso de aparecer ambulâncias... (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>[Acena afirmativamente com a cabeça] Sim, eu lembro-me bem... A maioria... [os olhos começam a encher-se de lágrimas] não consigo falar sobre isso... Não consigo. (Alice. EI. 03/2019)</p>
	Discriminação face aos surdos com implante coclear	Eu acho que antigamente era diferente. Já ouvi várias histórias de que antigamente não era assim. Agora já

		<p>estamos um bocadinho melhor, mais unidos. Mesmo em relação ao implante têm outro tipo de compreensão que não tinham antigamente. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Faltava conhecimento. (Alice. DFG. 03/2019)</p> <p>Não acho que seja desconhecimento. Acho que os surdos pensavam: “É surdo, vai pôr implante porquê?” e discriminavam. Como se o implante nos fizesse perder a nossa identidade surda. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu não concordo que seja assim. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, mas antigamente havia muitos surdos que eram contra o implante. Pensavam “tens implante, vais falar melhor”, pronto, já não és surdo. Mas isso é um disparate. É preciso saber distinguir as coisas. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, é isso. Os surdos vêem uma coisa nova... no caso dos implantes já existe há algum tempo, mas vêem uma coisa nova e sentem que no futuro, como a Margarida estava a dizer, pode prejudicar a comunidade surda. E é por isso que são completamente contra e querem que os implantes acabem. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>E temos de pensar que as pessoas surdas implantadas também ficam magoadas com essa rejeição. Tem de haver compreensão. Porque se for um aparelho tudo bem, pode ser. E se for um implante já não? Porque não? Qual é que é a diferença? Percebem que um surdo utilize aparelho, mas e se usar implante, já não entendem? OK, é diferente, mas tem de existir compreensão na mesma. Se eu falo bem, se não falo bem, se uso aparelho, implante... vão-me discriminar porquê? Porque eu falo bem? E não percebem que eu posso ficar magoada com isso? Me posso sentir</p>
--	--	---

		<p>isolada? Acho que os surdos deveriam melhorar um bocadinho... (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim... deviam melhorar um bocado. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>... ter mais sensibilidade e ser contra essa discriminação. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim. Ainda há muita gente na comunidade surda que tem algum preconceito relacionado com os implantes. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Só que às vezes gozavam comigo por eu ser surda implantada, diziam que eu não sabia falar. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Com os surdos às vezes sinto discriminação por causa do implante, se bem que acho que já foi pior. (Laura. EI. 03/2019)</p>
Falta de transparência por parte da comunidade médica		<p>Mas o facto é que os médicos só dizem que o positivo é implantar. E onde é que está o negativo? Ninguém fala sobre isso. Dizem sempre que é muito positivo. É como se o implante fosse sinónimo de vantagem, por exemplo. Não é o caso. Mas eles não falam do resto. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>O sistema de saúde evoluiu. Os médicos deveriam sempre dizer o que é positivo e o que é negativo, qual é a vantagem e qual é a desvantagem... (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, apresentar as várias opções. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Se não for implantado como é que vai ser no futuro, se for implantado como vai ser no futuro. Acho que é preciso falar das duas partes para que os pais se possam sentir mais aliviados e saber que se, de facto, têm um filho surdo, como é que vai ser o futuro. Porque se o médico disser que sem implante não haverá um futuro então claro que os pais vão querer</p>

		<p>que o filho seja implantado. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu depois que coloquei o implante só me lembro de ter de praticar a oralização, de ter de aprender as palavras. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Não me lembro muito bem mas os meus pais contaram-me. O médico começou a pressionar os meus pais, a dizer “olhem que é bom, o implante é bom. Ela vai falar melhor, vai ouvir melhor...” e então os meus pais acreditaram nisso. Então com 6 anos fui implantada. Três meses depois disso comecei a ter terapia da fala e pronto. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Como a minha mãe sabia que eu tinha muito medo de agulhas, porque eu era pequenina. Não me disse nada, não disse que eu iria ser operada, não me contou nada. E pronto, eu pensava que ia para um hotel, que ia de férias, porque era verão... A minha mãe levou-me e foi quando veio o médico que me disse que eu tinha que tomar uns medicamentos por causa da cabeça e eu acreditei. Depois assim de repente acordei e já tinha o implante. Foi assim [risos]. Depois a minha mãe explicou-me e disse-me “olha filha, como tu gostavas muito de ouvir e eu não sabia como é que tu irias reagir...”. Mas a minha mãe fez a melhor opção possível porque eu tenho a certeza que eu iria dizer que não e depois iria arrepende-me. (Laura. EI. 03/2019)</p>
--	--	--

Categoria 4	Trajetória Pessoal
Temas Emergentes	Subcategorias

<p>Percurso acadêmico, dificuldades e barreiras e formas de as ultrapassar</p>	<p>Escola regular</p>	<p>Não, estava integrada com ouvintes. Do sétimo ao nono ano tinha mais uma surda na turma, a “P”. Eramos só nós as duas. Depois do décimo até ao décimo segundo estive sempre integrada com ouvintes. Eu era a única surda. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Se houvesse muito barulho, não, não conseguia compreender. Mas se não houvesse muito barulho sim, conseguia acompanhar. Mas precisava de um professor de educação especial do meu lado, para me explicar melhor. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Em “X” o que eu me lembro vivamente é que os professores eram muito exigentes, e incentivavam-nos, queriam que nós evoluíssemos de forma mais rápida, porque também era uma escola ouvinte, isto antes de mudar para a escola de referência. E eu tive dificuldades, porque também me sentia um pouco sozinha. Tinha de fazer um esforço para compreender, andar sempre com os cadernos para tentar estudar e eu sentia-me mal, porque sentia que estava a ficar para trás. Eu sentia-me excluída. Não eram os meus colegas que me excluía, mas sentia-me excluída em relação à forma como a matéria era lecionada. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>Então, no 4ºano eu estava integrada com ouvintes, e foi um impacto enorme, por causa do português. Porque eu antes não era bilingue. Não tinha a língua portuguesa desenvolvida para poder ser considerada bilingue (...) Antigamente eu não tinha então a língua portuguesa desenvolvida e quando comecei a estar integrada com ouvintes compreendi a importância da mesma (...) Então depois no 4º, 5º, 6º, 7º anos eu comecei a desenvolver a aprendizagem do português e comecei a sentir uma enorme curiosidade nessa</p>
--	-----------------------	--

		<p>língua. Porque antes era tudo à base de mímica, tinha de fazer um esforço redobrado, havia palavras e frases que eu não compreendia, então tinha de sublinhar, levar para casa e procurar sozinha o seu significado (...) O grupo de surdos era muito pequenino, então eu preferia estar integrada com ouvintes, porque assim tinha sempre aquela influência da língua portuguesa, e sempre achei que isso era muito importante. E eu queria que os outros surdos vissem isso, vissem que a língua portuguesa é realmente muito importante. Porque sem ela, no futuro como é que iremos comunicar com a sociedade? (Leonor. DFG. 03/2019)</p>
	Escola de referência na educação bilingue para alunos surdos	<p>Eu desde o 2ºano até ao 6ºano estive sempre com surdos. A partir do 7ºano mudou um bocadinho porque já estava integrada com surdos e ouvintes. Às vezes era mais complicado porque eu precisava de um ritmo diferente e nem sempre me era dado porque os professores diziam que não podiam prejudicar os ouvintes. E eu perdia muita informação, não conseguia compreender os conceitos. Eles avançavam com a matéria e eu não compreendia. Sentia que tinha imensas barreiras. Num grupo de surdos acaba por ser mais fácil porque é tudo explicado a um ritmo diferente, mais calmo, de forma a podermos acompanhar. Agora com ouvintes nós temos de fazer um esforço enorme para acompanhar a matéria, temos de trabalhar mais em casa. É diferente. Mas dá para conseguir, claro que sim. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Eu concordo a 100%. Eu cresci integrado com surdos e era assim que eu me senti-a bem. Comunicávamos em língua gestual e trabalhávamos o português e iam desenvolvendo. Os ouvintes têm um ritmo mais rápido. Nós surdos não, é preciso ir com mais calma. Os surdos têm o seu próprio ritmo para compreender</p>

		<p>as coisas. Agora na faculdade... eu percebo sim, mas... falta alguma coisa... Imaginem uma faculdade só de surdos... era muito melhor... Adaptava-se o ritmo e conseguiríamos acompanhar muito melhor. (Mateus. DFG. 03/2019)</p> <p>Agora por exemplo em relação à escola “X” [escola de referência de educação bilíngue para alunos surdos] eu acho que não prepara os alunos para a faculdade. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Sim, eu concordo e eu posso falar porque eu estudei lá. Eu já sabia que a faculdade seria diferente, sim, eu já sabia. Mas lá na escola, na maioria das vezes era eu e a “A”. Nós não estávamos integradas com ouvintes e a maioria das vezes a turma era constituída apenas por nós as duas. Nós tínhamos mais ou menos as mesmas capacidades. E como estávamos perto do professor não precisávamos do intérprete. E foi isso que nos ajudou a preparar um pouquinho para o futuro, porque se tivéssemos intérprete não estaríamos nada preparadas. Por isso eu concordo com o que a Leonor disse. (Laura. DFG. 03/2019)</p> <p>É preciso colocá-lo numa escola de referência para interagir com crianças surdas e começar a adquirir determinadas coisas. (Beatriz. DFG. 03/2019)</p> <p>Para mim a escola foi normal. Foi nessa altura que eu retirei o implante. Depois comecei a ter intérprete, comecei a ter mais contacto com os professores, a ter mais apoios, mais ajuda... Foi normal. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Não... Em alguma aulas não. E eu tinha dúvidas, pedia explicações uma e outra vez e tinha de estudar</p>
--	--	--

		<p>mais em casa. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Quando eu mudei para o Porto, porque eu antes andava numa escola de referência em “X”... eu estava lá bem, mas eu queria mudar, lá era sempre a mesma coisa e eu senti que precisava de mudar. A minha mãe deixou, eu precisei de pedir autorização à minha mãe, porque eu tinha 16 anos, e então mudei para o Porto, para uma escola de referência no Porto, a escola “Y”. E foi... não digo que tenha sido um choque mas foi uma diferença muito grande. Lá eu tinha muitos colegas surdos, para aí 40. Eu antes estava numa escola para aí com 15 surdos e de repente eu entro numa escola com 40 surdos, muito fluentes em LGP em comparação comigo. Eu acho que havia só duas ou três pessoas implantadas, a contar comigo. E eu tive muito receio porque eu sabia que poderia haver discriminação para comigo, que poderiam dizer “tu sabes falar, não tens identidade surda” [revira os olhos], mas eu tive sorte porque tive amigos muito compreensivos, que compreendiam sempre o meu lado. E não só. Eu também acho que o sistema escolar precisa de mudar um bocadinho: a forma de ensinar e essas coisas todas. Porque por exemplo eu estava numa turma com colegas surdos, todos com capacidades diferentes claro, e eu precisei de me adaptar as capacidades de alguns deles e sinto que isso me prejudicou. Se eu tivesse numa escola dita normal... eu não posso falar, porque eu nunca saberei, mas eu penso que poderia ajudar-me a evoluir a nível de português, a preparar-me para a faculdade, para depois a escrita de trabalhos e relatórios... Sinto que a escola onde estava não me ajudou muito. Talvez outra escola poderia ajudar a preparar-me para o mundo universitário. Mas pronto, foi esta a minha escolha. (Laura. EI. 03/2019)</p>
--	--	---

		<p>Quando mudei para a escola de referência em “Y” eu senti-me integrada porque eu estava ao mesmo nível que os outros. Então fiquei contente, porque assim conseguia aprender. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>(...) No 8º ano tive intérprete pela primeira vez. A intérprete chegou e eu fiquei super admirada. Ela traduzia as aulas e eu completamente chocada porque era muito mais acessível (...) Com a intérprete ficou tudo muito mais simples. Era muito mais acessível. Eu levantava o braço e dizia “não compreendi nada” [risse] (...) (Leonor. DFG. 03/2019)</p>
	Ensino Universitário	<p>E depois quando ingressei na faculdade, e antes estava em coimbra, foi uma confusão porque não tinha intérprete. E eu desde o 8º ano que já estava habituada à presença do intérprete. Isso levou-me a mudar para o porto, mas mesmo assim, com intérprete, na faculdade às vezes não consigo acompanhar. Porque é tudo muito rápido, depois a intérprete fica bloqueada, até porque muitas vezes não conhece bem a área. E também depende da forma e da capacidade de cada surdo conseguir ou não conseguir acompanhar. Mas acho que estas dificuldades acontecem a todos os surdos porque está muito relacionado com a educação que tiveram para trás. (Leonor. DFG. 03/2019)</p> <p>Quando eu entrei na faculdade não havia surdos. E senti-me um pouco estranha. No meu primeiro e segundo anos foi estranho, porque sim, é verdade não tinha nenhum contacto com surdos e então era uma seca. Claro que acabava sempre por andar com as intérpretes, mas as intérpretes não têm que estar sempre comigo. Então quando entrei aqui na faculdade eu senti sim essa diferença, essa falta de</p>

		<p>relação com os outros. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Às vezes não. Algumas matérias eu não conheço os conceitos e eu não consigo acompanhar (...)Tenho de pagar explicações privadas, vou a tutorias com os professores, estudo em casa... Se tenho alguma dúvida marco atendimento... (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Na faculdade tem corrido tudo bem. Não me lembro assim de nada. Estou a tentar lembrar-me, mas... acho que não. Porque eu também quando entrei na faculdade tive sorte e não me senti aflita. Porque tinha uma familiar ouvinte que também estudava na mesma faculdade e ela apoiou-me muito. E era da minha turma. Por isso orientou-me muito e foi ela que me acompanhou nessa altura. E quando troquei de faculdade para esta onde estou agora também tinha uma pessoa conhecida, por isso acabei sempre por ter orientação. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Aquilo que mais me marcou foi quando tive, pela primeira vez, acesso à intérprete (...)Porque na escola, todo o meu percurso escolar, eu nunca tive intérprete. Então quando entrei para a faculdade eu senti que foi uma ajuda, porque eu consegui perceber algumas coisas que os professores diziam, algumas palavras mais ricas que antes eu não conseguia perceber. E isso ajudou-me muito. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Depende. Depende dos professores e de cada disciplina. Se forem muito teóricas eu não consigo, tenho mais dificuldade. Agora se forem teóricas mas com alguns exercícios eu já consigo compreender melhor. (Alice. EI. 03/2019)</p>
--	--	---

		<p>Mas aquilo que senti que foi um alívio aqui na faculdade foi a intérprete ser colocada uma semana depois das aulas iniciarem. Porque na escola era sempre um mês depois... Aqui não, foi uma semana. E eu fiquei super contente. E devia ser assim em todo o lado, escolas incluído. Porque quando eu entrei na faculdade eu tinha muito receio porque eu não queria perder matéria. Porque era um mundo novo, não conhecia nada, não conhecia ninguém... E a intérprete foi um alívio porque facilitou a relação com os meus colegas, também relativamente aos trabalhos de grupo... e ajudou-me muito a conviver e a relacionar-me com os outros. Para mim, nessa primeira fase, isso foi o mais importante, ter intérprete uma semana depois. Foi mesmo um alívio para mim. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>Nas aulas é mais difícil. Às vezes eu quero apontar as coisas e a aula continua a decorrer. E a intérprete não tem culpa, não pode dizer ao professor para parar uma aula por causa de uma única aluna. Mas também depende da organização dos professores. Por exemplo se o professor disponibilizar o powerpoint no dia anterior eu posso ver em casa antes das aulas e isso já me ajuda. É um truque para ajudar a acompanhar as aulas. Mas não é difícil. Às vezes perco-me um bocadinho, mas depois chego a casa vou ver, vou ler tudo e já faz sentido. Mas também é sempre preciso ler depois da aula para não esquecer a matéria. (Laura. EI. 03/2019)</p>
Relação com os outros	Relação com ouvintes	<p>Depende. Às vezes da para comunicar de forma mais acessível. Outras vezes não nos compreendíamos. Por exemplo, algumas palavras eu não compreendia. Tinha de tentar fazer leitura labial. Às vezes tinha de pedir para repetir, pedir para escrever. Ou tentava desenhar ou através de mímica também. (Beatriz. EI.</p>

		<p>03/2019)</p> <p>(...) Com os ouvintes também dá para criar relações, mas há sempre problemas com a comunicação. Há muitas coisas na comunicação com ouvintes que falham (...) (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>É assim, eu acho que é uma relação boa... Não é a 100% claro, mas pronto, 70% [risos]. Mas boa boa não é. Eu gostava que alguns professores e alunos aprendessem língua gestual para que a comunicação fosse mais acessível. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Falavamos normalmente. Se eles falavam rápido eu não percebia. Então aí eu tinha de os chamar a atenção e pedir para falarem mais devagar. Ou então utilizava mímica para tentar que a comunicação fosse mais acessível. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Falo com eles normal, como antes eu disse, é exatamente igual. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Aqui a faculdade é muito diferente da minha antiga escola. Na escola não havia muita comunicação. Eu queria falar com alguém e não conseguia falar à vontade. Aqui não. Aqui eu consigo falar à vontade. As pessoas ajudam-me, eu consigo comunicar com mais à vontade, tenho colegas novos, amigos novos... é melhor. (Alice. EI. 03/2019)</p> <p>Eu não sou de falar muito, mas se for preciso eu peço apontamentos aos meus colegas ouvintes. Por exemplo em trabalhos de grupo é sempre preciso falar e normalmente eu sinto sempre algumas dificuldades porque alguns colegas falam baixinho ou têm um sotaque um pouquinho diferente, mas eu faço um esforço e consigo. (Laura. EI. 03/2019)</p>
--	--	--

		<p>Com os ouvintes às vezes eles esquecem-se que eu sou surda e que é preciso estarem de frente para mim. Por vezes falam atrás de mim e eu ouço sim, mas não consigo compreender o que dizem, têm mesmo de falar de frente. (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>Eu não sou muito de me relacionar com as pessoas, sou um bocadinho tímida. Mas eu tenho uma colega que me acompanha desde o primeiro ano, a [faz o nome gestual da colega], aí desculpa [risse], “T”, o nome dela é “T”. Até agora nós relacionamo-nos sempre bem. Eu dou-me melhor com ela porque ela esteve comigo no meu primeiro ano de estatística, porque eu tenho estatística 1, 2 e 3, e tive com ela na primeira. Ela estava perdida e eu ajudei-a e criou-se essa ligação até agora. Com os outros eu dou-me bem, mas não há uma relação, não se compara com a “T”. (Laura. EI. 03/2019)</p>
	Relação com surdos	<p>É uma relação boa. Comunicar através da língua gestual. É a minha língua, comunico de forma mais fluente. É natural. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Com os surdos. Porque com os surdos a comunicação flui. É uma questão de língua (...) Há muitas coisas na comunicação com ouvintes que falham e por isso eu tenho mais contacto com surdos. (Beatriz. EI. 03/2019)</p> <p>Com os surdos nem é preciso dizer porque é mais fácil comunicar, a comunicação é mais acessível, é como se não houvesse barreiras (Laura. EI. 03/2019)</p> <p>Eu tenho mais contacto com as pessoas surdas, é normal. Com os ouvintes nem tanto... Há sempre uma quebra de comunicação... É uma seca... as pessoas</p>

		estão ali a falar e eu não estou a perceber nada, não consigo compreender o que é dito. (...) Eu acho que vai sempre existir essa diferença. (Beatriz. DFG. 03/2019)
--	--	--